

ISSN 0006-5218

# BLUMENAU

em Cadernos



Nº 7/8

julho/agosto de 2007

BLUMENAU EM CADERNOS Tomo XLVIII



## Apoio Cultural

Genésio Deschamps

**Victória Sievert**

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

**Eleto Aço Altona S/A**

Hildegard Rossmark Schramm

43 S/A Gráfica e Editora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

TOMO XLVIII

julho/agosto de 2007

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense





Arquivo Histórico  
José Ferreira da Silva  
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu  
Dr. Blumenau

Museu  
da Família Colonial

Centro Cultural  
da Vila Itoupava

Escola Nº 1

Biblioteca Pública  
Dr. Fritz Müller

Museu de Arte  
de Blumenau

Galeria  
Municipal de Arte

Centro de Publicação  
Documentação e  
Referência em Leitura

Editora  
Cultura em Movimento

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# BLUMENAU

*em Cadernos*

## PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing  
*Prefeito Municipal*

Edson Brunsfeld  
*Vice-Prefeito*

## FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke  
*Presidente*

Iúry Bugmann Ramos  
*Diretor Administrativo-Financeiro*

Sueli M. V. Petry  
*Diretora Histórico-Museológica*

Rafaela Hering Bell  
*Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB*

Vinícius Nico Wolff  
*Diretor de Cultura*

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry  
*Diretora*

## CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke (*Presidente*)

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Carla Fernanda da Silva

Urda Alice Klueger

Viegas Fernandes da Costa

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,**  
na Área de História – edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina  
**Prêmio Destaque - 2002**  
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

**BLUMENAU EM CADERNOS**

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - 89015-010 - Blumenau (SC)

Fone (0\*\*47) 3326-6990 - E-mail: [arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br)

Capa: Imagens da Vila Operária no Bairro Garcia

Giba Santos

Revisão: Valdir A. Petry

Digitação: Dionei Sartor

Secretária: Mirela Nolasco



**EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO**

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC

Fone (0\*\*47) 3326-7511 - E-mail: [editora@fcblu.com.br](mailto:editora@fcblu.com.br)

<http://www.fcblu.com.br>

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau - SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -

II.

Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907  
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento

"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

**O conteúdo dos artigos é de inteira responsabilidade dos autores.**

## SUMÁRIO

Apresentação .....	07
Documentos originais - Biografia	
Mas por quê...?	
<i>Alda S. Niemeyer</i> .....	09
Artigos	
Fábrica com vila operária: a dominação específica - O caso da Empresa Industrial Garcia, de Blumenau/SC (1947-1974)	
<i>Márcia Teresinha da Silva Oliveira / Ancelmo Schörner</i> .....	40
A Ilha de Santa Catarina, chave da presença espanhola na América Meridional - Séc. XVI ao XVII	
<i>Carlos Humberto Pederneiras Corrêa</i> .....	66
Memórias	
Reminiscências de Selma Scheidt Rassweiler .....	84
1930 - Um ano inesquecível para a imigrante alemã Maria Schürmann no internato do Colégio Divina Providência	
<i>Valburga Huber</i> .....	114
Autores catarinenses	
Oitenta anos de silêncio	
<i>Enéas Athanázio</i> .....	121



## Apresentação

Enquanto espaço de divulgação, publica-se na revista “Blumenau em Cadernos”, Julho/Agosto de 2007, temas que abrangem as mais diversas esferas sociais. Editados sob a forma de artigos, memórias, traduções e demais colunas que compõem este número, a revista tem o mérito de enriquecer a história regional e catarinense.

Abre a coluna bilíngüe **Documentos originais**, a senhora Alda S. Niemeyer. Com seu texto em alemão intitulado “*Mas por quê...*” narra de forma muito clara e detalhada sua viagem e permanência na Alemanha meses antes de se iniciar a Segunda Guerra Mundial. A autora conta as privações, fugas e os cruciantes momentos vivenciados por ela e família em plena guerra. A tradução desta narrativa coube ao médico, Dr. Cezar Zillig, que para dar maior entendimento ao leitor, finaliza com um epílogo e observações sobre o tema.

Na coluna **Artigos**, os professores Ancelmo Schörner, doutor em História, e Márcia Teresinha da Silva Oliveira, especialista em História Social, escrevem: “*Fábrica com vila operária: a dominação específica*”. Trata-se de uma monografia que os autores redimensionaram para publicá-la nesta revista. Como problemática da pesquisa, os mesmos se propuseram a “estabelecer relações entre o trabalho fabril e o morador da vila operária, relações estas que estão ligadas desde a sua vinda de diferentes pontos da região do vale do Itajaí em busca do emprego e da moradia, ou seja, até onde e como se dava essa dominação sobre os trabalhadores através do fato de morarem em casas da EIG”.

Em outro momento, publica-se o artigo “*A Ilha de Santa Catarina, chave da presença espanhola na América Meridional*”, de autoria do presidente do Instituto Histórico e Geográfico, Dr. Carlos Humberto Pederneiras Corrêa. O autor faz uma análise de alguns nomes espanhóis ou a serviço da Espanha que estiveram presentes na Ilha de Santa Catarina e suas conseqüências que advieram para a formação dos países fronteiriços ao Brasil, na América do Sul.

Na seção **Memórias**, finalizamos “*Reminiscências de Selma Scheidt Rassweiler*”, na qual a autora narra, a seu modo e de forma simples, as histó-

rias ouvidas e registradas sobre a colonização da região de Santa Isabel, onde vivia.

Também em **Memórias**, a professora Valburga Huber, através do texto “1930 – *Um ano inesquecível para a imigrante alemã Maria Schürmann*”, descreve alguns aspectos extraídos do Caderno de Memórias de sua mãe, onde focaliza a imigração da família, sua vinda para o Vale do Itajaí e sua vivência como estudante no Colégio da Divina Providência em Blumenau.

Finalizando, o escritor e advogado Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, comenta sobre literatura e noticia fatos relacionados a eventos culturais. Neste bimestre, destaca os oitenta anos de morte do jornalista Crispim Mira.

Para os interessados em cooperar com esta revista, aguarda-se o envio de textos para as colunas Artigos, História Historiografia, Memórias, Biografias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli Maria Vanzuita Petry  
Diretora de “Blumenau em Cadernos”

# Mas por quê...?

Alda S. Niemeyer<sup>1</sup>

Documentos  
Originais -  
Biografia

“A Sra. é um exemplo para todos nós!”  
Frequentemente ouço isto. Mas por quê?

Tenho seguido minha vida como todas as pessoas, - ao menos é o que penso. Quando criança, eu era rebelde e nem um pouco tímida. E como ninguém me restringia, embora a velha e boa maneira de educar fosse relativamente enérgica, fui crescendo feliz através dos anos.

Escola, exercícios ao piano, ginástica, natação, bicicleta própria, completa liberdade num grande jardim com árvores frutíferas. Nenhuma delas alta demais para mim. Até um dia que despenquei e meu joelho de alguma maneira não suportou. Desde então, minha rótula se desloca para a esquerda, me impossibilitando de caminhar até que alguém puxe minha perna para baixo e ela possa deslizar para onde deve. Isto ocorre também ao dançar. Meus pares já sabiam disto, colocavam seu pé sobre o meu, eu arremetia para cima e seguia dançando. No decorrer dos anos, tal manobra nem dor me causava mais.



<sup>1</sup> Tradução, epílogo e notas de rodapé e complementares: Cezar Zillig

**WARUM WOHL.....?**

**Alda S. Niemeyer**

“...Sie sind ein Beispiel für uns alle!”

Das höre ich so oft. Warum wohl?

Durch mein Leben bin ich gegangen, wie alle Menschen, - wenigstens denke ich mir das. Als Kind war ich wild und garnicht schüchtern. Und da mich ja auch Niemand einengte, obwohl die gute alte Erziehung relativ streng war, wucherte ich halt lustig durch die Jahre.

Schule, Klavierstunden, Turnen, Schwimmen, ein eigenes Fahrrad, alle Freiheiten in einem grossen Garten mit Obstbäumen. Davon war keiner zu hoch für mich. Bis ich eines Tages doch mal heruntergefallen war und mein Knie sich irgendwie nicht damit zurecht fand. Die Kniescheibe rutschte von da an immer nach links aussen weg und ich konnte eine Weile nicht laufen, bis irgendwer mir das Bein nach unten zog und die Kniescheibe wieder dahin rutschte, wo sie hingehörte. Das passierte auch beim Tanzen. Meine Tanzpartner wussten das schon, stellten ihren Fuss auf den meine, ich ruckte hoch und dann tanzten wir weiter. Im Laufe der Jahre hatte ich dabei nicht mal mehr Schmerzen.

Und dann kam die erste grosse Geduldsprobe. Unser guter, alter Doktor Meyer operierte das Knie in fünf Stunden. Danach lag ich denn mit meinen 17 Jahren vom 3. Juni bis 7. September mit einem grossen Schnitt bis in den Oberschenkel rauf und drei über die Kniescheibe, bis zur inneren Seite des Knies.

Das erforderte Geduld und die hatte ich doch nicht. Nachts, wenn ich allein war, weinte ich in mein Kissen vor Angst, nie wieder laufen, springen und schwimmen zu können. Und als am 7. September, unserem Nationalfeiertag, Doktor Meyer die Schiene abnahm, war das Bein total lahm, die Muskeln schlaff und kraftlos. Ich stand an einer Bettseite, gestützt von Mutti und das Bein hing lahm herunter. Mit ihrem Fuss schob sie mein Bein nach vorn und ich zog das rechte nach. Noch ein Schritt mit ihrer Hilfe, nochmals das andere Bein nachgezogen..... Ich war sicher, nie wieder allein zu laufen. Die Wochen danach schlenkerte ich an Krücken herum, langsam und vorsichtig. Irgendwelche Therapie gab es 1937 noch nicht. Also biss ich die Zähne zusammen und versuchte das Bein wieder in

Então veio o primeiro grande teste de paciência. Nosso bom e velho médico, Dr. Meyer, levou cinco horas operando meu joelho. Com meus 17 anos de idade estava eu lá, de três de junho até sete de setembro, com um enorme corte até bem alto na coxa e três outros sobre a rótula, alcançando a face interna do joelho.

Isto exigia uma paciência que eu não tinha. À noite, sozinha, eu chorava com o rosto mergulhado no travesseiro, de medo de nunca mais voltar a correr, pular e nadar. Quando em sete de setembro, feriado nacional, o Dr. Meyer retirou o gesso, minha perna estava completamente inerte, os músculos frouxos e sem força. Eu me ergui ao lado da cama, apoiada por mãe, com a perna paralisada, pendente. Com seu pé ela empurrava minha perna para frente e eu trazia a perna direita. Mais um passo, com sua ajuda, e novamente eu trazia a outra perna... eu estava certa de nunca mais poder andar sem ajuda. Nas semanas que se seguiram, eu bamboleava em muletas pela casa, lenta e cuidadosamente. Em 1937, não havia terapia complementar alguma. O jeito era cerrar os dentes e tentar trazer a perna novamente em forma, adquirir apoio, tocar adiante. Minha cabeça ordenava, a perna tinha que obedecer.

Em outubro viajei com meus avós para as termas de Araxá. Então ainda totalmente rudimentar, porém boa. Eu ainda necessitava de uma das muletas e de uma bengala. Compressas, leves movimentos, que eu mesma fazia... e – Oh milagre – pude dispensar meus apoios de marcha. Nestas semanas foi surgindo em mim a máxima até hoje válida: “Hei de conseguir!”

Um professor de educação física alemão, que o clube de ginástica tinha contratado, notou que eu ainda tinha uma ligeira dificuldade e tentou ajudar, tanto na natação como em outras modalidades. Ele conseguiu que eu conquistasse duas distinções esportivas alemãs. Antes do meu 18º aniversário consegui realizar todos os exercícios necessários para conseguir a “pequena condecoração esportiva alemã”. Duas semanas após meu 18º aniversário já iniciei os trabalhos para a “grande condecoração esportiva alemã”. Eu consegui todas. Uma noite, o professor de ginástica veio a nossa casa e me trouxe uma medalha, - a sua própria que ele mandou bronzear para mim. Com paciência e persistência eu consegui muito, apesar do meu joelho.

Schwung zu kriegen, Halt zu geben, allein nach vorn zu bewegen. Mein Kopf kommandierte, das Bein musste gehorchen.

Im Oktober fuhr ich mit den Grosseltern in das Heilbad Araxá. Auch noch ganz rudimentär zu der Zeit, aber gut. Ich hatte noch eine Krücke und einen Stock als Gehhilfe. Mohrpäckungen, leichte Bewegungen, die ich selber macht,..... und - oh Wunder,- ich konnte meine Gehhilfen in die Ecke stellen. In diesen Wochen wuchs in mir mein Leitsatz, der bis heute gilt: "Ich werd' s schon schaffen!"

Ein deutscher Sportlehrer, den der Turnverein unter Vertrag hatte, merkte meine noch leichte Behinderung und versuchte zu helfen, sowohl beim Schwimmen, wie auch bei anderen Übungen. Er brachte mich dazu, die Leistungen für die 2 deutschen Sportabzeichen zu machen. Vor meinem 18. Geburtstag schaffte ich alle Übungen für das "kleine deutsche Sportabzeichen". Und zwei Wochen nach meinem 18. Geburtstag ging ich die Leistungen für das "grosse deutsche Sportabzeichen" an. Ich schaffte alles. Und eines Abends kam der Sportlehrer zu uns nachhause und brachte mir ein Abzeichen, - sein eigenes hatte er für mich bronzen lassen. Ich hatte mit Geduld und Ausdauer trotz des Knies eine Menge geschafft.

Dann kam die Reise nach Deutschland, 1939. Dass sich ein Krieg am politischen Himmel abzeichnete und unser Grossvater uns davor warnte zu reisen, half garnichts, Marthali und ich fuhren los, bestiegen die "Monte Olívia" der Hamburg Süd und landeten am 1. Mai in Hamburg. Gute Zeiten, schwere Zeiten brachen an. Wir hatten uns eine Dienstzeit von einigen Monaten in einem Arbeitsdienstlager gewünscht. Und obwohl wir als Brasilianerin gar keine Rechte dazu hatten, schaffte es ein Bekannter, uns da unterzubringen. Rauhe Zeiten! Marthali stand das nicht durch, landete in einem Krankenhaus, deren Direktion an die Eltern in Brasilien telegrafierte, man solle sie doch abholen. So hatte unsre Mutti den letzten Dampfer erwischt, der Richtung Deutschland fuhr. Sie kam am 28. August in Hamburg an und am 1. September brach der Zweite Weltkrieg aus. Marthali wurde aus dem Krankenhaus und ich aus dem Dienst des Lagers entlassen. Für uns beide höchste Zeit, wieder normal zu leben. Marthali ging es gut, Und ich hatte mich sowieso leicht unbeliebt gemacht. Nach einem Tag schweren Dienstes auf dem Feld bei Bauern, meinte eine der Leiterinnen, wir hätten nicht genug aufgeräumt in unsren Spinden. Alle unsre Habe lag

Então veio a viagem para a Alemanha, 1939. Os alertas de nosso avô, de que se desenhava uma guerra nos céus da política, de nada adiantaram. Marthali e eu partimos, tomamos o vapor “Monte Olívia” da Hamburg Süd, e em 1º de maio desembarcávamos em Hamburgo. Bons e maus tempos começavam. Tínhamos desejado cumprir um período de serviços de alguns meses num acampamento de trabalhos. Se bem que, como brasileiras, não tínhamos direito algum para tanto, mas um conhecido conseguiu que fôssemos admitidas. Duros tempos! Marthali não resistiu e acabou num hospital, cujo diretor telegrafou para os pais no Brasil pedindo que viessem buscá-la. Assim, nossa mãe conseguiu embarcar no último navio que se-



As irmãs Marthali e Alda - 1939.

guia rumo à Alemanha. Ela chegou em Hamburgo em 28 de agosto, e em primeiro de setembro irrompeu a Segunda Guerra Mundial. Marthali recebeu alta do hospital e eu fui dispensada do acampamento. Para nós duas já era tempo para retornar à vida normal.

Com isto destruiu-se parte da simpatia. No entanto, isto não me afetou. Eu tinha recebido um treinamento que, como mais tarde fui perceber, me fez muito bem. Ao meu já bem exercitado autocontrole acresci ainda uma certa disciplina. Nada mal.

No entanto, quando eclodiu a guerra, nós três brasileiras, juntamente com muitos outros patrícios, tivemos ainda que aprender que não se pode simplesmente ir vi-

auf dem Zimmerboden verstreut, und wir mussten gestraft werden. Das bedeutete, alle Mädchen mussten um die vier Nissenhütten rennen, in denen wir untergebracht waren. Nur ich lief nicht. Ich setzte mich auf Stufen davor und wurde entsprechend angefaucht. Aber ich wollte nicht laufen und antwortete:” Ich bin aus Brasilien gekommen, um Deutschland kennenzulernen, ich scheue mich nicht zu arbeiten. Aber nach einem Arbeitstag noch gejagt zu werden, das mache ich nicht mit!” –

Damit hatte ich mir die Sympathie leicht vermiest. Aber das machte mir garnichts, ich hatte eine Lehrzeit hinter mir die, wie mir erst später aufging, sehr gut getan hatte. Zu meiner schon geübten Selbstbeherrschung auch noch eine gewisse Disziplin, — garnicht schlecht.

Als aber dann der Krieg ausgebrochen war, mussten wir drei Brasilianerinnen, mit vielen andern Landsleuten auch noch lernen, wie es ist, wenn man nicht einfach so seinen Stil leben kann. Wir bekamen Lebensmittelkarten, mit zugeteilten Lebensmitteln, Kleiderkarten, weil wir já keine Winterausrüstung hatten. Unsré Heimreise war gebucht und bezahlt, für den 12. Oktober, Kabine belegt und alles vorgeplant. Aber der Krieg.....! Kein Schiff fuhr mehr, wir mussten bleiben wo wir waren.

Und wir mussten uns halt anpassen. Marthali machte das Abitur nach, ging zunächst auf eine Kunstakademie und dann auf die Musikhochschule. Der Papa hatte für ein Konto auf der Deutsch-Überseeischen Bank gesorgt, wo die Goldmark sicher lagen.

Ich ging in eine Zahnklinik, lernte Sprechstundenhilfe zu sein – in vielen Abendstunden. Und dann kam das Rote Kreuz. Das war etwas, was ich als Ausländerin auch angehen konnte. Lernen, Abendstunden, Ausbildung mit allem, was man als Krankenschwester braucht .... Ich machte es gerne.

Wir hatten uns zunächst in Dortmund eingerichtet, wo wir já Freunde hatten. Aber dann kamen die bösen Bombennächte. Unser Papa schrieb “Bleibt wo Ihr seid, der Krieg dauert nicht lange, Weihnachten seid Ihr zuhause!” Alle Briefe gingen über die Verwandten in der Schweiz.

Es kam anders, der Blitzkrieg dauerte länger, und wir wanderten nach Dresden ab. Schöne alte Barockstadt, voller wunderbarer Bauten, dem Zwinger, Kirchen, Kunstschatzen, dem Museum und der Semper-Oper. Wir dachten, wir hätten vor Bomben Ruhe.

vendo à sua maneira. Com os alimentos racionados, recebemos tíquetes de alimento, tíquetes para vestuário, porque não tínhamos nenhum agasalho para inverno. Nossa viagem de retorno estava paga e marcada para 12 de outubro, cabine determinada, tudo preparado. Mas a guerra...! Não partia mais navio algum, nós tivemos que ficar onde estávamos.

E tivemos que nos adaptar. Marthali completou o colegial, seguindo para a academia de belas artes e depois para a universidade estudar música. Papai providenciou uma conta no Banco Alemão de Além-mar, onde os Marcos-ouro estavam seguros. Eu fui para uma clínica odontológica, me capacitei como atendente de consultório, isto em inúmeras aulas noturnas. Então veio a Cruz Vermelha. Isto era algo onde eu, como estrangeira, também podia me aventurar. Estudar, aulas noturnas, formação completa com tudo o que uma enfermeira necessitava... eu fiz com prazer.

De início, tínhamos nos instalado em Dortmund, com amigos. Então vieram os sérios bombardeios noturnos. Nosso pai escreveu; “Fiquem onde vocês estão, a guerra não irá durar muito. No natal vocês estarão em casa!” Todas as cartas seguiam via familiares que tínhamos na Suíça.

Foi diferente. A guerra relâmpago foi mais demorada e nos mudamos para Dresden. Linda cidade barroca, cheia de magníficas construções, o Zwinger<sup>2</sup>, igrejas, tesouros artísticos, museus e a Sempre-Oper<sup>3</sup>. Pensávamos que aí teríamos sossego das bombas.

Nossa mãe se transformou na “Tante Wanda”<sup>4</sup> para os jovens brasileiros engajados como soldados, porque tinham pais alemães.

Cartas de campanha iam de nós para eles e deles para nós. Acompanhávamos os pavorosos acontecimentos de guerra tão próximos que pareciam tocar nossa pele. E quando algum dos jovens tinha dispensa, na maioria das vezes passava por Dresden. Nestas ocasiões, tínhamos belas e alegres horas. Com uma xícara de chá e bom papo o tempo voava.

Marhali foi para a faculdade de música. E quando os estudantes foram convocados, ela também foi “engajada”. Foi parar no transporte de bondes de Dresden. De início, ela deveria conduzir um bonde. Depois se verificou que para tanto ela não tinha habilidade alguma e de quase ter lançado um bonde numa vitrina porque ela não conseguia manejar direito a agulha. Ela passou a ser cobradora. Iniciava o trabalho às quatro horas da manhã, oito horas por dia. Só então ela podia ir para as aulas e para as

Unsre Mutti wurde zur "Tante Wanda" für die jungen Brasilianer, die als Soldaten eingezogen worden waren, weil sie deutsche Eltern hatte.

Feldpostbriefe wanderten von uns zu ihnen und von ihnen zu uns. Wir verfolgten das grausamen Kriegsgeschehen hautnah mit. Und wenn einer der Jungens Urlaub hatte, kamen er meistens in Dresden vorbei. Wir hatten dann einige schöne und auch schon lustige Stunden. Mit einer Tasse Tee und guten Reden verging die Zeit schnell.

Marthali ging auf die Musik-Hochschule. Und als die Studenten Kriegseinsatz leisten mussten, wurde auch sie "eingezogen". Sie kam zur Dresdner Strassenbahn. Zunächst sollte sie einen Triebwagen fahren. Nachdem sie aber dazu garkein Geschick hatte, die Bahn fast in ein Schaufenster gejagt hatte, weil sie die Weichen nicht richtig stellen konnte, wurde sie Schaffnerin. Dienst ab 4 Uhr früh, immer 8 Stunden am Tag. Danach durfte sie zum Unterricht und an die Klaviertasten. Jahrelang!

Und ich landete in einer grossen Zahnklinik. Die Chirurgen waren Vater und Sohn. Der Vater zu alt für den Wehrdienst und der Sohn gleich in den ersten Tages als Soldat verwundet, mit einem nun verkürzten Bein. Alle Kollegen nahmen Rücksicht und alle Helferinnen und Assistentinnen versuchten zu helfen, wo man ihm etwas erleichtern konnte.

Marthali hatte den Fliegerleutnant Ernst kennengelernt. Er flog bei den Aufklärern. Nach Feldpostbriefen und zwei Urlauben, mit Begegnungen und gemeinsamen Spaziergängen verlobten sie sich. Und wir verbrachten dann zu viert manchen gute Stunde. Mein Partner war unser Jugendfreund Rudi, der Jagdflieger war. Es gibt sogar ein Foto von uns Vieren. Nach weiteren Feldpostbriefen kam dann zu Marthali die Nachricht: "... über dem Kanal abgeschossen, Maschine und Besatzung verschollen!"- Ein Zukunftstraum war zuende.

Ein Jahr später waren Rudi und ich verlobt. Auch zwischen uns gingen Feldpostbriefe hin und her. Ich habe schon immer gerne geschrieben, so waren dann unter seinen persönlichen Dingen, auch meine 5 kleinen Tagebücher, die ich für ihn schrieb. Zu einer Tante von ihm wurden sie geschickt, nachdem Rudi auf Kreta gefallen war. Sein Grab ist auf dem Soldatenfriedhof dieser schönen Insel. Nach dem Krieg bekam ich die Büchlein von ihr zugeschickt. Und von seinen Eltern kam das Foto vom



Marthali

teclas. Assim foi, anos a fio!

Eu fui parar numa grande clínica dentária. Os cirurgiões-dentistas eram pai e filho. O pai muito velho para o serviço militar e o filho, ferido logo nos primeiros dias, tinha uma perna encurtada. Todos os colegas tinham por ele consideração especial e todas as ajudantes e assistentes tentavam ajudá-lo onde podiam facilitar em algo.

Marthali conheceu o piloto tenente Ernst. Ele fazia missões de reconhecimento. Após algumas cartas de campanha e duas licenças, com encontros e passeios a dois, noivaram. E nós passávamos, em quatro, muitas horas deliciosas. Meu companheiro era nosso jovem amigo Rudi, que era piloto de

caça. Existe inclusive uma foto de nós quatro. Após outras cartas de campanha, veio então a notícia para Marthali: “Derrubado sobre o canal, aparelho e tripulação desaparecidos!” Um sonho de futuro que se extinguiu.

Um ano mais tarde eu e Rudi noivamos. Também entre nós iam e vinham as cartas de campanha. Eu então já gostava de escrever. Foi assim que entre seus objetos pessoais se encontravam também meus cinco pequenos diários, que eu escrevia para ele. Foi para uma tia sua que eles foram enviados depois que Rudi foi derrubado sobre Creta. Seu túmulo se encontra no cemitério militar desta bela ilha. Depois da guerra ela me remeteu os diários. E de seu pai veio a foto de sua sepultura. Era guerra e ninguém era poupado.

“Envie a carta para minha mãe quando eu estiver morto!”

Grab. Es war eben Krieg, keiner blieb verschont.

Mein Dienst in der Zahnklinik nahm zu, indem Mass, in dem ich meine Lehrgänge absolvierte. Hinzu kamen dann die Nachtwachen im Lazarett, dreimal die Woche. Pflegepersonal wurde knapp, weil já alle Pfleger in den Feldlazaretten waren. Und das war die härteste Zeit für mich. Unsre Oberschwester vom Nachtdienst war ein "Drache"! Streng, aber eben kompetent. Wenn sie uns sagte, dass im Zimmer 12 das Bett Nummer sowieso besonders beobachtet werden müsse, dann stimmte das. Sie ahnte auch immer, - oder ihre Erfahrung brachte das mitsich, - wann ein Patient wohl die Nacht nicht überlebte. Das war dann besonders schlimm. Da lag oft so ein junger Mensch, zerschossene Gliedmassen, Bauchschuss mit Infektion, oder sonst einer schweren Verletzung, wusste oder ahnte, dass es für ihn keine Überlebenschance gab und wollte doch so gerne leben.

"Schick' den Brief meiner Mutter, wenn ich tot bin!"

"Hilf mir doch, ich will nicht sterben ...!"

Und man konnte den Jungen nur in die Arme nehmen, evtl. seine Hand halten oder über die Haare streichen, damit er sich nicht allein und verlassen vorkam..... Es war schon sehr, sehr traurig.

Eines Tages stand der Sohn unsrer Pensionsmutter in der Tür. Er hatte aus Russland eine Kopfverletzung mitgebracht. Erholungsurlaub hatte er nach der Lazarettzeit. Seine Mutter fragte, ob wir ihm nicht den Urlaub mit Spaziergängen sonntags, oder schon mal einem Kinobesuch abends angenehmer machen könnten. Marthali wollte nicht, ich ging auf den Vorschlag ein. Ich hörte von ihm, dass er verlobt sei, und seine Braut schwer Lungenkrank auf den Tod wartete. Marianne, so hiess sie, muss ein besonderer Mensch gewesen sein. Denn als sie wusste, dass das Ende kam, berief sie einen Rat von 5 Ärzten ein und bat darum, sie nicht länger leiden zu lassen. Da in Deutschland schon die Euthanasie-Gesetze ausgearbeitet, nur eben noch nicht verabschiedet waren, wussten alle Ärzte um diese Art von Sterbehilfe. Marianne verabschiedete sich von der Mutter, der Vater war schon tot, und von Günther und am anderen Morgen wachte sie nicht mehr auf. Ich hörte das alles und erlebte es dem Erzählen nach mit.

Monate später, als Günther wieder Urlaub hatte, gingen wir wieder zusammen ins Kino oder spazierten durch den Grossen Garten. Und so ergab es sich, dass ich den Vater meiner drei Söhne näher kennenlernte.

“Ajuda-me poxa, eu não quero morrer...!”

E o que se podia fazer era apenas tomá-lo nos braços, eventualmente segurar sua mão ou alisar seus cabelos, para que ele não se sentisse sozinho... era muito, muito triste.

Um dia o filho da dona de nossa pensão estava diante da porta. Ele voltou da Rússia com um ferimento na cabeça. Depois de um tempo no lazareto ele recebeu licença para se recuperar. Sua mãe nos perguntou se não poderíamos fazer sua licença ficar mais agradável, levando-o junto nos passeios dos domingos ou à sessão noturna do cinema. Marhtali não quis, eu aceitei a sugestão. Ele me contou que estava noivo e que sua noiva tinha tuberculose e estava para morrer. Marianne era como se chamava, deve ter sido uma pessoa especial. Quando soube que seu fim estava próximo, buscou o conselho de cinco médicos e pediu que não a deixassem sofrer. Como na Alemanha de então a lei da eutanásia já estava discutida, embora ainda não aprovada, todos os médicos estavam ao par desta forma de ajuda para morrer. Marianne se despediu da mãe, o pai já era falecido, e de Günther, e na manhã seguinte ela não mais despertou. Suportei tudo, todo o relato.

Meses depois, quando Günther teve novamente licença, íamos todos juntos ao cinema ou passeávamos pelo Grande Jardim.<sup>5</sup> E foi desta forma que acabei por conhecer melhor o pai de meus três filhos. Nós queríamos casar. Surgiram dificuldades. Porque eu era estrangeira havia a necessidade de se buscar uma permissão de casamento. Eram exigidos exames médicos, enormes formulários tinham que ser preenchidos antes que recebêssemos, via postal, a permissão para o casamento. Nós esperávamos. Nada de chegar. Günther teve que ir novamente para o front onde foi ferido uma segunda vez. Quando ele veio de licença, fomos às autoridades perguntar onde andava nossa permissão de casamento.

“Ela foi enviada para vocês no dia tal e tal!”

No entanto, nós não a havíamos recebido. Günther perguntou à sua mãe a respeito. E nós soubemos que ela havia ocultado a correspondência. Ciumenta que era do filho, não queria cedê-lo a mim. Havia o perigo de que após a guerra ele fosse junto para o Brasil. Eu não deixei dúvida alguma que eu voltaria para casa. Mas nós conseguimos uma segunda via e casamos ainda em 1943. Ele voltou para o front e eu trabalhava na clínica dentária até que percebi que estava grávida.

Wir wollten heiraten. Es ergaben sich Schwierigkeiten. Man musste, weil ich Ausländerin war, eine Heiraterlaubnis einholen. Ärztliche Untersuchungen musste sein, riesige Fragebögen mussten ausgefüllt werden, ehe wir per Post die Erlaubnis zum Heiraten bekommen sollten. Wir warteten. Es kam nichts. Günther musste wieder an die Front, wo er dann ein zweitesmal verwundet wurde. Als er auf Urlaub kam, gingen wir auf das Amt und fragten, wo denn die Erlaubnis bliebe.

“Die haben wir am soundsovielten an Sie abgeschickt!”

Wir hatten sie nicht gekriegt. Günther fragte bei Mutter nach. Und wir hörten, dass sie die Post unterschlagen hatte. Eifersüchtig, wie sie nun mal auf den Sohn war, wollte sie ihn nicht an mich abgeben. Es bestand ja die Gefahr, dass er nach dem Krieg mit nach Brasilien ging. Ich hatte keinen Zweifel daran gelassen, dass ich nachhause fahren würde. Aber wir hatten eine Zweitausfertigung in der Hand und heirateten noch 1943. Der Frontdienst rief, ich arbeite weiter in der Zahnklinik, bis ich merkte, dass ich schwanger war.

Ich ersuchte also das Arbeitsamt, meinen Pflegedienst wegen der eigenen Schwangerschaft in ein Entbindungsheim umlegen zu lassen. Meine eigene Übelkeit in den ersten Monaten war garnicht so leicht mit dem “Pfanne-auslehren” der Wöchnerinnen zu vereinbaren. Ich kotzte in Bausch und Bogen hinter dem Inhalt her, den ich ausleeren musste! Aber die Zeit verging und ich lernte Neues und mehr zu meinem Pflegedienst. Der Oberarzt war ausgesprochen nett, sodass ich - nun auch schon mit sichtbarem Bauch,- in der Säuglingsabteilung landete. Nun wurde es wirklich schön. An der grossen Rückwand prangten, umgeben von Babydarstellungen, die drei grossen “R” der Säuglingspflege: “RUHE,

REGELMÄSSIGKEIT und REINLICHKEIT”. Ruhe also in erster Linie für die kleinen Menschenwesen. Und als dann Ulli, Sohn Nr 1, meine Erfahrungen brauchte, war das alles sehr hilfreich. Das Diplom für Wochen- und Säuglingspflege, bei Mutti und Marthali aufbewahrt, hat den Krieg auch überlebt.

OMutti und Marthali hatten gleich nach unsrer Hochzeit den Umzug nach Bad Elster vorgenommen. Marthali war mit Glanz durch das Abschlussexamen der Musikhochschule gekommen, war Klavierlehrerin und Konzertpianistin, laut Diplom. Beide lebten im Haus bei Freunden, die wir

Eu então me dirigi ao ministério do trabalho onde requeri, devido ao meu estado, fosse transferida para uma maternidade. Não foi nada fácil conciliar meus próprios enjões com o esvaziar comadres das puerperas. Meus vômitos seguiam logo atrás do conteúdo que eu precisava esvaziar! Mas o tempo foi passando e aprendi muito e coisas úteis ao meu trabalho. O chefe de clínica era excepcionalmente simpático de tal forma que – já com uma barriga bem visível – eu fui parar no berçário. Isto foi muito bom. A grande parede dos fundos ostentava, em meio a figuras representando bebês, os três grandes “Rs” da puericultura: “RUHE,

REGELMÄSSIGKEIT und REINLICHKEIT”.<sup>6</sup> Silêncio sobretudo, para os pequenos seres. Quando então Ulli, filho nº 1, precisou de meus conhecimentos e experiência, tudo isto foi muito útil. O diploma de puerpério e puericultura, guardados por mamãe e por Marthali, também sobreviveu à guerra.

Mutti e Marthali, logo após nosso casamento, se mudaram para Bad Elster. Marthali concluiu brilhantemente os exames finais na faculdade de música. Segundo o diploma, ela era professora de piano e pianista concertista. Ambas viviam em casa de amigos que há muito conhecíamos e que nas viagens à Alemanha sempre visitávamos. (Depois do bombardeio de Dresden a casa Almenrausch foi por um bom tempo nosso lar).

Como estávamos de acordo que a criança não deveria nascer em Dresden e sim na pequena cidade de Bad Elster, eu viajei para lá. Bad Elster era declarada pela Cruz Vermelha Internacional como uma “cidade livre”. Lá havia uma maternidade onde as esposas dos soldados podiam ter suas crianças com segurança. Preenchi todos os requerimentos, uma vez que meu esposo era capitão. Foi assim que uma bela noite eu aterrisei nesta antiga Vila, agora transformada em maternidade. As cólicas vinham a cada 4 minutos, embora fracas e improdutivas. O dia foi passando e veio a próxima noite. Pelas 23 horas eu tive a primeira cólica com dor. Mas ela também era improdutiva. Depois de um bom tempo veio a segunda. De novo nada. Sentia como minha criança escorregava para baixo, para o interior da bacia, mas retrocedia novamente. E a coisa ficou assim até às 3:30h da madrugada. Eu já estava completamente esgotada quando escutei a parteira dizer: “Caso a Senhora queira ganhar seu filho vivo então trate de fazer força para valer!” Mas de onde eu arranjaría tal força? A criança sempre escorregava de volta e não queria vir. Foi aí que a parteira ordenou que uma

schon jahrelang kannten und bei Deutschlandreisen immer besucht hatten. (“Haus Almenrausch wurde dann nach dem Bombenangriff auf Dresden eine Zeitlang unser Zuhause.)

Da wir alle uns einig waren, das Kind nicht in Dresden, sondern in der kleinen Stadt Bad Elster auf die Welt zu bringen, fuhr ich dorthin. Bad Elster war vom Internationalen Roten Kreuz gekennzeichnete und zur “freie Stadt” bestimmt. Und es gab dort ein Mütterheim, in dem Frauen von Soldaten ihre Babys sicher auf die Welt bringen konnten. Alle Anträge hatte ich ausgefüllt, mein Mann war ja Hauptmann bei der Organisation Todt. So landete ich eines nachts in dieser zum Entbindungsheim umfunktionierten Villa. Die Wehen kamen alle 4 Minuten, aber schwach und nicht produktiv. Der Tag verging, die nächste Nacht kam. Gegen 23 Uhr hatte ich die erste Presswehe. Aber sie war auch unproduktiv. Nach einer ganzen Weile kam die zweite. Auch wieder nichts. Ich fühlte, wie mein Kind nach unten ins Becken rutsche und dann einen Rückzieher machte. So ging das bis morgens, gegen 3:30 Uhr. Ich war schon völlig erschöpft, als ich die Worte der Hebamme hörte: “Wenn Sie das Kind lebend haben wollen, dann machen Sie mal ordentlich Kraft!” Woher sollte ich die denn noch nehmen? Immer wieder glitt das Kind zurück und wollte nicht kommen. Da beorderte die Hebamme eine junge Schwester, sich nach einer Wehe direkt auf meinen Bauch zu legen, damit das Kind nicht mehr Platz habe zurückzurutschen. Und das half. Um 4 Uhr früh hörte ich mein Kind schreien. Ein Junge. Mager wie ein Skelet, und als ich neugierig dann am Morgen die Windeln auspackte, lagen da richtige Säbelbeinchen, dünn und zierlich. Aber sonst war alles gesund an dem Knaben. Er hatte auch gar keine Hemmungen beim Stillen, kräftig genug war er und trank gut.

Wir meldeten die Geburt dem Vater und der Grossmutter nach Dresden. Der Herr Papa kam angereist, mit einem gebrochenen Arm, schön gegipst und in der Schlinge. Was war denn passiert? Günther berichtete, das er die Treppe hinuntergefallen sei. Aber ich konzentrierte mich auf meinen kleinen Sohn, er war die Hauptperson. Der Vater wurde nicht mehr an die Front geschickt, sondern kam zur Organisation Todt,<sup>1[6]</sup> in den Nachrichtendienst, als Reporter. Er zeichnete und malte, wo nicht

---

<sup>1[6]</sup> Todt, uma organização para-militar que tinha como incumbência camuflar as fábricas e demais potenciais alvos militares, manter estradas, vias de comunicação, etc. NT.

jovem enfermeira pressionasse meu ventre imediatamente após uma das contrações, impedindo assim que a criança tivesse espaço para escorregar de volta. E isto funcionou! Às 4:00h eu ouvi minha criança chorar. Um menino. Magro como um esqueleto. Pela manhã eu, muito curiosa, retirei as fraldas, estavam lá as perninhas delicadas e finas, tortas como um sabre. No entanto, o garoto tinha saúde perfeita. Ele também não tinha constrangimento algum e mamava com força e o suficiente.

Comunicamos o nascimento ao pai e à avó em Dresden. O senhor papai veio imediatamente, com um braço quebrado, devidamente engessado e na tipóia. O que foi que aconteceu? Günther relatou que ele caiu da escada. No entanto, eu me concentrei no meu pequeno filho, ele era o principal. O pai não foi mais mandado ao front, mas sim encaminhado para a Organisation Todt, no serviço de notícias, como repórter. Ele desenhava e pintava onde não era permitido fotografar. Ele era gráfico e pintor artístico. Eu voltei para Dresden com Ulli.

Ruim mesmo eram apenas as noites quando os aliados bombardeavam as cidades alemãs. Vinham do canal<sup>7</sup> em grandes esquadrilhas, trazendo morte e desgraça. E do leste ameaçavam os russos, que cada vez mais se aproximavam das fronteiras alemãs. Eram freqüentes as noites onde tínhamos que procurar abrigo nos porões, quando havia alar me de bombardeios. Amiúde ouvíamos as sirenes de alarme. O essencial era colocado numa sacola que estava sempre preparada. E o bebê Ulli também era levado para baixo muito bem embrulhado. Nossa casa, com três pavimentos, possuía dois grandes porões onde os moradores tinham cada um seu espaço próprio. Carvão, briquetes e batatas eram lá estocados. Foi providenciado espaço para os que lá procuravam abrigo pudessem se sentar até as sirenes anunciarem o relaxamento do estado de alerta.

Foi aí que reconhecemos que o pequeno Ulrich estaria mais seguro em Bad Elster com a avó e a tia, não importando se os russos nos alcançariam, ou se as bombas nos acertassem. Portanto levei a criaturinha para a Oma e tia Marthali. Na prefeitura, eu assinei uma declaração, autorizando minha mãe e minha irmã levarem a criança para o Brasil caso a guerra terminasse e eu não voltasse para elas. Carimbado e reconhecido, o documento era legítimo; quanto a mim, voltei para Dresden. Por lealdade e pelo sentimento de que simplesmente devia. Günther estava em missão, mamãe

fotografiert werden durfte. Grafiker und Kunstmaler der er war. Ich ging mit Ulli nach Dresden zurück

Schlimm waren nun die Nächte, in denen die Alliierten deutsche Städte mit Bomben belegten. Vom Kanal her kamen sie in ganzen Geschwadern, brachten Tod und Verderben mit sich. Und aus dem Osten drohten die Russen, die immer näher an die deutsche Grenzen kamen. Nachts mussten wir oft in den Luftschutzkeller, wenn Bombenalarm geben wurde. Wir hörten die Alarmsirenen sehr oft. Das Nötigste kam in Taschen, die immer bereit standen. Und das Baby Ulli wurde auch gut verpackt mit hinunter genommen. Unser Haus, mit den drei Stockwerken hatte zwei grosse Keller, in denen die Bewohner jeweils ihre abgeteilten Raum hatten. Kohlen, Brickets und Kartoffeln waren dort eingelagert. Und es wurde Platz geschaffen, damit die Schutzsuchenden sitzen konnten, bis die Signalsirene "Entwarnung" ankündigte.

Wir überlegten nun, dass es Klein-Ulrich sicher in Bad Elster bei Grossmutter und Tante sicherer haben würde, egal ob die Russen uns erreichten, oder die Bomben uns erwischten. Also brachte ich das Wichtel zu Oma und Tante Marthali. Beim Bürgermeister unterschrieb ich eine Erklärung, dass meine Schwester und meine Mutter das Kind mit nach Brasilien nehmen sollten, falls der Krieg zuende gehe und ich nicht bei ihnen sein sollte. Gestempelt und beglaubig war das Dokument gültig, ich selber fuhr zurück nach Dresden. Wohl aus Loyalität und dem Gefühl, dass ich das eben müsste. Günther war im Einsatz, Mutter Rosa sollte nicht allein sein. Und in ihrem Dauerheim, mit den Mietern brauchte sie Hilfe. Ich hatte ja noch Mütter-Urlaub, nach der Geburt. Aber ich fing wieder an in der Frauenklinik zu arbeiten.

Und wieder kam eine Überraschung. Ich hatte einen Tag Dienst und die Nacht darauf noch Nachtwache. Als ich heimkam und in unser kleines Wohnzimmer ging, stand da ein junger Mann. Das Zimmer war total anders eingerichtet, mit Bett und allem was nötig war. Wir starren uns an und wussten nicht wie wir dran waren. Ich fragte also:

"Nanu, wer sind denn Sie und hier in unserem Zimmer?"

"Gestatten, Werner Puppe, ich bin der neue Mieter hier!"

Dagegen konnte ich nichts sagen, ich war nur überrascht. Und als ich in unser Zimmer kam, durch die Tür vom Gang, standen da alle Dinge, die

Rosa não deveria ficar só. E em sua residência fixa, com todos aqueles inquilinos, ela precisava de ajuda. Eu ainda estava em licença-maternidade. Mas retornei ao meu trabalho na clínica de senhoras.

E novamente fui surpreendida. Certo dia tive um plantão diurno seguido de um noturno. Quando fui para casa, para nosso pequeno apartamento, estava lá um jovem senhor. A sala de estar estava com o mobiliário totalmente alterado, com cama e tudo o mais necessário. Nós nos olhamos surpresos e não sabíamos o que dizer. Então perguntei:

“Qual é? Quem é o senhor e o que faz em nossos aposentos?”

“Permita-me apresentar: Werner Puppe, eu sou o novo inquilino aqui!”

Não pude retrucar, eu fora pega de surpresa. E quando me dirigi ao nosso dormitório, encontrei todas as coisas que tínhamos na pequena sala de estar amontoadas no corredor. O cavalete de pinturas de Günther, sua prancheta de desenho, nossos poucos móveis em total confusão, acondicionados de qualquer maneira. A senhora minha sogra, sem nos dizer uma palavra, simplesmente sublocou um de nossos cômodos que já eram apenas razoáveis e apertados. Era guerra e eu tinha aprendido a não nadar contra a correnteza. Sobretudo não contra os rompantes de minha sogra. Silenciar era a minha arma. Eu sabia que ela se irritava porque eu existia e que não lhe dava motivo algum para retrucar, para discussão.

O que mais me doeu, veio depois. Num sábado em que estava livre, eu arrumava e trabalhava sem animação no meu abarrotado quarto, tentava acomodar algo aqui e ali antes de ir ao andar térreo, pois queria ajudar minha sogra levando as bandejas do almoço para seus hóspedes. Quando passei pela porta da casa, vi pendurado no cabide o casaco do uniforme do Senhor Capitão da Organização Todt. Portanto, meu marido estava novamente de licença. E ele não veio para mim em nosso quarto e sim ficou com a mãe!

“Onde está o Günther?” – A mãe tratava-o sempre por Junge.<sup>8</sup>

“O Junge está cansado e dorme no meu quarto!”

E eu? Onde eu fico? Sempre a número dois! Lentamente algo cedeu em meu interior. Ficava a lealdade, o senso de obrigação do matrimônio, “nos bons e nos maus dias”... e tudo o mais que nestas ocasiões se costuma prometer. E que deveria eu fazer? Para onde ir? Também o meu orgulho estava arranhado. Eu o coloquei de lado juntamente com as demais decepções. Contra meu temperamento e minha razão eu agüentei silente.

wir im Wohnzimmerchen gehabt hatten. Güthers Satffelei, sein Zeichentisch, unsre wenigen Einrichtungsgegenstände wild durcheinander, irgendwie hingepackt. Meine Frau Schwiegermama hatte einfach, ohne ein Wort zu sagen, eines unsrer Zimmer weitervermietet. Mich also förmlich “vor die Tür gesetzt”! Ich richtete mich in einem Zimmer ein, so gut es ging und so eng es war. Es war eben Krieg und ich hatte gelernt, nicht gegen den Strom zu schwimmen. Vor allem nicht gegen die Gezeiten meiner Schwiegermutter. Schweigen war meine Waffe. Ich wusste, dass sie sich ärgerte, dass es mich gab und dass ich ihr keinen Grund zum Widersprechen, zum Streiten gab.

Was mir am meisten weh tat, kam danach. An einem dienstfreien Samstag räumte und wurstelte ich in meinem vollgestauten Zimmer, versuchte hier und da noch was unterzubringen, ehe ich ins Erdgeschoss ging, wo ich meiner Schwiegermama helfen wollte, die Mittagstablets in die Zimmer der Mieter zu tragen. Als ich durch die Haustür trat, sah ich am Garderobenständer den Dienstmantel des Herrn Hauptmann von der Organisation Todt. Mein Mann war also mal wieder auf Urlaub. Und er war nicht zu mir, in unser Zimmer gekommen, sondern bei Mutter geblieben!

“Wo ist Günther?” — Mutter nannte ihn immer nur “Junge”.

“Der Junge ist müde, er schläft in meinem Zimmer!”

Und ich? Wo blieb ich? Immer Nummero Zwei! Langsam sank etwas in mir ab. Es blieb Loyalität, das Pflichtgefühl des Eheversprechens, “in guten und in bösen Tagen” ... und was da alles gesagt worden war. Und, was sollte ich auch tun? Wo hätte ich hinsollen? Auch mein Stolz war angekratzt. Aber den steckte ich zu allen anderen Enttäuschung in eine Ecke. Gegen mein Temperament und meinen Kopf hielt ich still.

Als ich Günther wegen des Zimmers dann ansprach, war er absolut der Meinung seiner Mutter, die eben das Zimmer vermieten müsse, weil ich allein nicht zwei bewohnen könne. Alles war ja verständlich. Aber mir war eben doch die Art und Weise, wie das vorsich gegangen war, an die Nieren gegangen. Wenn Mutter doch vorher mit mir gesprochen hätte... !

So kam dann der 13. Februar 1945. Nachts um 11 Uhr brausten die ersten schweren Bomber über die Stadt Dresden. Eine wehrlose Stadt, die keine Kriegsindustrie und kein Militärstützpunkt war.

Wir sassen im Keller und hörten nicht nur die Bomben fallen und näher kommen, sondern fühlten die Erde beben. Wie lange ging das? Ich

Quando interpelei o Günther a respeito do quarto, ele era totalmente da opinião de sua mãe, que teria necessitado alugar o quarto e ademais, eu sozinha não poderia ocupar dois aposentos. Certo, tudo era compreensível. Mas o que me atingiu foi a forma e a maneira como as coisas foram feitas. Se ao menos a sogra tivesse falado comigo antes...

E assim chegou o dia 13 de fevereiro de 1945. Às 11 horas da noite rugiam os primeiros bombardeiros pesados sobre a cidade de Dresden. Uma cidade indefesa, que não tinha indústrias e nem era uma base militar.

Nós estávamos sentados no porão e não ouvíamos nada, exceto as bombas caírem e se aproximarem, sentindo o chão tremer. Quanto tempo durou aquilo? Eu não sei. Mas quando tudo ficou em silêncio, fomos para cima, na casa. Ao redor de nossa casa tudo queimava furiosamente. O que não ardia, eram montes de ruínas. Nosso telhado estava em chamas, mas a casa estava em pé sem vidraças e danificada de certa forma. Como era uma casa de esquina, vimos que as três outras casas no outro lado da rua estavam completamente destruídas, em seus lugares havia apenas crateras. Conseguimos apagar o incêndio em nossa casa e pensávamos que isto era o suficiente para aquela noite. Pensávamos com temor no amanhecer e tínhamos medo de pensar no que encontraríamos no dia seguinte, ou não encontraríamos.

Quando tínhamos nos recuperado e estávamos tremendo de frio em nossos aposentos, sem saber o que fazer, ouvimos novos impactos de bombas se aproximando. Não havia mais sirenes anunciando o ataque. Novamente nos precipitamos para os porões. Neste momento apareceram refugiados que tinham experimentado o primeiro ataque e que fugiam das rajadas de chamas. Cada um procurava um lugar qualquer, já não havia mais um lugar programado para cada morador, tudo estava lotado. E os impactos se aproximavam céleres. Como é que de repente eu tinha uma criança em meus braços e me agachei num canto? Ao nosso redor eram só estrondos e ruído de coisas se partindo, tudo tremia e balançava. Nossos rostos recebiam sopros de poeira, as ripas das divisórias rodopiavam... era um inferno. Eu me recurvei completamente sobre a criança, com uma mão sustentava a cabecinha e com a outra todo o corpinho. E quando o alarido silenciou, estávamos sentados numa caverna escura como breu, sem ar propriamente dito. Sobre mim havia uma enorme viga. Quando tentei levantá-

weiss es nicht. Aber als dann alles wieder ruhig wurde, gingen wir ins Haus hoch. Rund um unser Haus brannte alles lichterloh. Was nicht brannte waren die Trümmerhaufen, die Steine. Unser Dachstuhl brannte, aber das Haus stand, ohne Fensterscheiben und irgendwie angeschlagen. Da es ein Eckhaus war, sahen wir, dass die drei anderen Häuser an den Strassenecken gegenüber völlig zerstört waren, wo sie gestanden hatten, waren nur noch Trümmerlöcher. Wir konnten den Brand bei uns löschen und dachten, das sei es für die Nacht gewesen, dachten mit Schrecken ans Hellwerden und hatten Angst daran zu denken, was wir am nächsten Tag finden, oder eben nicht mehr finden würden.

Als wir schon aufgeatmet hatten und frierend in unseren Räumen sassen, ohne zu wissen, was wir tun sollten, hörten wir wieder Bombeneinschläge näher kommen. Warnsirenen gab es nicht mehr. Wir stürmten wieder in die Keller. Und da kamen denn auch die Flüchtlinge, die schon den ersten Angriff erlebt hatten und nun vor Feuersturm und Flammen flüchteten. Jeder suchte sich einen Platz irgendwo, längst gab es die für die Bewohner zugewiesenen Plätze nicht mehr, alles war überfüllt. Und die Einschläge kamen schnell näher. Wieso hatte ich plötzlich ein Kind in meinen Armen und kauerte in einer Ecke? Es krachte und dröhnte rund um uns herum. Und dann schlug auch bei uns im Haus die Bombe ein. Es krachte und barst, es bebte und schwankte. Der Staub flog uns ins Gesicht, Trennungsleisten der Kellerverschlüsse wirbelten herum.... es war eine Hölle. Ich hatte mich ganz über das Kind gebeugt, hielt mit einer Hand das Köpfchen und mit der anderen das ganze Kind. Und als der Lärm verging, sassen wir in stockfinsterer Höhle, voller Staub, keine rechte Luft. Über mir lag eine dicke Leiste. Und als ich versuchte, sie anzuheben, merkte ich, dass etwas meine Hand bremste, es was klebrig. Später entdeckte ich, dass ein Nagel durch meinen Finger gedrungen war, das Blut stammte nicht vom Kinderkopf. Ich sprach das Kind leise an. Es antwortete. Und dann hörte ich, dass eine Frau einen Namen rief und das Kind antwortete. Wie sie sich im Dunklen fanden, die Mutter und das Kind, das weiss ich nicht. Als es plötzlich nochmal krachte und irgendwas explodierte, sah man, dass ein Stück der Kellermauer rausgerissen war, durch die wir Licht, resp. Flammen sahen.

Während der immer wieder angesetzten Luftschutzübungen in der

la notei que algo interferia na minha mão que estava pegajosa. Mais tarde descobri que um prego tinha penetrado em meu dedo e que o sangue não provinha da cabeça da criança. Baixinho, interpelei-a. Ela respondeu. Então escutei a voz de uma mulher chamando um nome e a criança respondeu. Como a mãe e a criança se encontraram em meio à escuridão não faço a menor idéia. Quando subitamente estralava novamente e uma explosão ocorria alhures, se pôde ver que um pedaço da parede do porão fora arrancada e por aí divisamos luz, ou melhor, chamas.

Durante os repetidos exercícios de como se proteger nos ataques aéreos, no decorrer da guerra aprendemos algumas coisas. Um lenço, se possível molhado, colocado diante do rosto ajuda a respirar. Certamente pode-se sair de um porão por onde a luz penetra... Apareceram mãos masculinas que ampliavam o buraco da parede. Günther, que estava novamente de licença, minha sogra e eu nos encontramos de alguma maneira e nos arrastamos um após outro pelo buraco para dar em meio às chamas. Um vendaval de fogo soprava tábuas, vigas e tudo o mais por sobre as ruínas. Também aprendemos como nos segurar uns aos outros para justamente avançar contra tais vendavais: cada um segura seu próprio punho diante da cintura, com os braços entrelaçados nos companheiros da direita e da esquerda. Para onde iríamos? O mais seguro seria descer para o rio Elba, para a água. Arrastamo-nos contra o vendaval e partimos, tendo a sogra entre nós dois. Foi aí que voou uma viga ao nosso encontro. Ela me atingiu a testa e os olhos, mas achei que não era nada sério. Fugimos pelo meio das labaredas, como tantos outros ao nosso lado.

Às margens do Elba, realmente foi mais fácil e nós corremos, ou seja, tentamos nos afastar da cidade, das chamas, tropeçando sobre detritos e calça. Conseguimos este milagre. Quando amanheceu, estávamos em algum lugar, não sei onde, pois não conseguia mais enxergar. Diferenciava o claro do escuro, mas de enxergar propriamente, nada. Numa casa, onde fomos bater, Günther pediu água para lavar meus olhos. Tivemos a felicidade de ter batido justamente na casa de um médico. Qual sua aparência, como se chamava... nenhuma idéia. Apenas sei que mãos leves estiveram em meu rosto, que ao meu lado uma mulher sustentava minha cabeça e chorava baixinho. Então sentamos a uma mesa e recebemos o que então passava por café e que nós chamávamos de "muckfuck". Uma mão

Kriegszeit, hatten wir Einiges gelernt. Ein Halstuch, wenn möglich nass vor dem Gesicht half atmen. Wo Licht herein kommt in den Keller, kann man sicher auch raus... Und es fanden sich Männerhände, die das Loch in der Mauer erweiterten. Günther, der ja wieder auf Urlaub war, meine Schwiegermutter und ich fanden uns irgendwie und krabbelten nacheinander aus dem Loch, mitten in Flammen hinein. Ein Feuersturm trieb Bretter, ganze Balken und alles Mögliche über die Trümmer. Wir hatten auch gelernt, wie man sich anfasst, um gegen eben diesen Sturm anzukommen: eingehakt und die eigenen Hände fest verschlungen. Wohin sollten wir? Am sichersten runter an die Elbe, ans Wasser. Wir stemmten uns gegen den Sturm und zogen los, die Schwiegermutter hatten wir in die Mitte genommen. Und dann kam eine brennende Leiste auf uns zugeflogen. Sie traf mich an Stirn und Augen, aber das empfand ich garnicht als schlimm. Wir flüchtete durch die Flammen, wie Viele mit und neben uns.

Am Elbufer wurde es wirklich leichter und wir liefen, das heist wir versuchten aus der Stadt, den Flammen und über die Trümmer stolpernd, weg und herauszukommen. Das Wunder gelang. Als es Tag wurde, waren wir irgendwo, ich weiss nicht wo, denn ich konnte nicht mehr sehen. Hell und Dunkel war zu unterscheiden, aber ich sah eben nichts mehr. In einem Haus, zu dem wir kamen, bat Günther um etwas Wasser, um die Augen zu waschen. Wir hatten das Glück, bei einem Arzt gelandet zu sein. Wie er aussah, wie er hiess... keine Ahnung. Ich weiss nur, das leichte Hände an meinem Gesicht waren, dass neben mir eine Frau leise weinte und meinen Kopf hielt. Und dann sassen wir an einem Tisch, und bekamen das, was damals als Kaffee bezeichnet wurde, was wir Muckefuck nannten. Und eine hilfreiche Hand schob mir Brotstückchen in den Mund. Die Augen waren verbunden, brannten leicht und die Stirn tat weh. Danke. Es tat so gut, versorgt zu werden.

Aber wir liefen dann weiter, in Richtung einer Stadt, die Tetschen-Bodenbach hiess. Wieviele Kilometer? Wie lange? Ich weiss es nicht mehr. Ich hörte nur neben uns, rund um uns herum, mit uns Menchen gehen, reden, und weinen. Später erzählte man mir, dass es alles Flüchtlinge waren, dass neben uns Handwagen gezogen wurden, in denen Kinder lagen oder sassen, Pferde und Reiter aus dem Zirkus Sarasani dabei waren, noch in den bunten Kostümen von der Auführung,- daher also das Schnauben aus

prestativa colocou em minha boca um pedaço de pão. Os olhos foram ocluídos por um curativo e ardiam um pouco e a testa doía. Obrigado! Como fazia bem receber estes cuidados.

Então seguimos adiante, em direção a uma cidade que se chamava Tetschen-Bodenbach. Quantos quilômetros? Quanto tempo? Não sei mais. Eu apenas escutava o que se passava ao nosso lado, ao nosso redor, gente caminhando junto conosco, conversas e choros. Mais tarde me contaram que eram todos refugiados, que ao nosso lado levavam um carrinho de mão onde tinham crianças deitadas ou sentadas; cavalos e cavaleiros do circo Sarassani entre eles, ainda com as coloridas vestes da apresentação – daí procedia o resfolegar das ventas dos cavalos. E nos andávamos e andávamos, andávamos automaticamente, como máquinas. À noite procurávamos um teto para ter sobre a cabeça, uma varanda, uma cocheira, um paiol. Era fevereiro, ainda inverno, e nós tínhamos apenas os vestidos que usávamos. Frio de inverno, neve e estradas escorregadias.

Numa das noites nos enfiamos numa estrebaria. Era quentinho e cheirava magnificamente a vacas. Eu, às apalpadelas, fui reconhecendo o local. Era um cocho com uma enorme cabeça de vaca o que eu apalpava. Uma grande e dura língua procurava no cocho ainda o que comer. Minha mão deslizava e, inesperadamente, encontrou algo alongado e enroscado no canto, que era justamente o que a língua lambia. Eu fui mais rápida. Tratava-se de algum tubérculo! Lavar? Pra quê? Esfreguei nas mãos e meti os dentes, pois eu estava faminta. Era uma cenoura. Deliciosa. Quando se tem fome...

Em Tetschen-Bodenbach fomos então acolhidos numa casa por pessoas que tiveram compaixão de nós. O céu vermelho do bombardeio noturno de Dresden pôde ser visto de muito longe e se ouviram suficientemente os estrondos. Os meus olhos principiaram lentamente a clarear e também a queimadura em minha testa cicatrizava. Estávamos na Tchecoslováquia. “Sem lenço e sem documento!”

As amáveis pessoas, onde fomos nos abrigar, nos emprestaram uma câmera fotográfica, onde – oh, milagre dos milagres, - tinha até filme. E Günther e eu marchamos todo o caminho de volta até Dresden. Já nas proximidades da cidade havia um posto de atendimento recém instalado, - abençoados sejam os costumes alemães de ordem, coerência e rapidez -, onde pudemos nos apresentar e onde nos informaram que a Elisenstrasse

Pferdenüstern. Und wir liefen und liefen, ganz mechanisch, wie Maschinen. Abends suchten wir uns ein Dach überm Kopf, eine uns zugewiesene Veranda, einen Stall, eine Scheune. Es war Februar, noch Winter und wir hatten nur die Kleider, die wir am Körper hatten. Winterkälte, Schnee und glatte Strassen.

In einer Nacht waren wir in einem Stall untergeschlupft. Es war schön warm und roch herrlich nach Kühen. Ich tastete mich irgendwo lang. Es war eine Futterkrippe, mit einem grossen Rinderkopf, den ich ertastete. Eine grosse harte Zunge suchte im Trog wohl noch nach irgendwas. Meine Hand glitt ab und unerwarteterweise, fand sie etwas Längliches, in der Ecke eingeklemmt, nachdem auch die Zunge schleckte. Ich war schneller. Irgendeine Rübe! Abwaschen? Wozu denn! Mit den Händen abgerieben und hineingebissen, denn ich war ja auch hungrig. Es war eine Mohrrübe. Köstlich. Wenn man doch Hunger hat.....

In Tetschen-Bodenbach waren wir dann in einem Haus untergekommen, bei Leuten, die Mitleid mit uns hatte. Der rote Himmel der Bombennacht von Dresden war weit zu sehen gewesen und die Bombeneinschläge hatte man weitgenug gehört. Meine Augen wurden langsam klar und die Brandwunde auf meiner Stirn heilte auch. Wir waren in der Tescho-Slovakei. "Sem lenço e sem documento!"

Die freundlichen Leute, bei denen wir untergeschlupft waren, liehen uns einen Fotoapparat, in dem -oh, Wunder über Wunder,- sogar ein Film war. Und Günther und ich maschierten den ganzen Weg zurück, bis nach Dresden. Schon am Stadtrand war eine eben eingerichtete Dienststelle, - gesegnet sei die deutsche Ordnung, Gründlichkeit und Schnelligkeit, - bei der wir uns melden konnten und man stellte fest, dass die Elisenstrasse wirklich total zertrümmert war, dass wir also zu den Menschen gehörten die "Totalschaden" erlitten hatten. Wir wurden registriert, eingetragen und bekamen einen amtlichen Schein. Wir hatten wieder Namen auf einem Dokument, auch wenn es ein trauriges Neuregistrieren war. Wir versuchten nun, bis in die Elisenstrasse 9 zu kommen. Auch das gelang. Über Trümmer, an Bergen von aufgeschichteten, verkohlten Körpern vorbei, durch eine tote Stadt, in der es elend nach verbrannten Knochen roch, kamen wir wirklich bis dahin, wo einmal das Haus gestanden hatte. Der Fotoapparat dokumentierte die Trümmer. Mir wurde vor dem Steinhaufen nicht nur übel,

realmente fora cabalmente destruída e que portanto pertencíamos ao grupo das pessoas que sofreram “perda total”. Fomos registrados e inscritos e recebemos um certificado oficial. Tínhamos novamente nossos nomes num documento se bem que se tratava de um triste novo registro. Portanto, tentamos alcançar a Elisenstrasse 9. Também isto conseguimos. Sobre escombros, junto a montes de cadáveres calcinados, através de uma cidade morta, onde cheirava miseravelmente a osso queimado, chegamos de fato até onde nossa casa tinha estado. A máquina fotográfica documentou as ruínas. A visão do amontoado de pedras não me suscitou apenas náuseas, mas também me deu a certeza de estar vivendo a guerra do lado errado. Meu avô, em sua fábrica com fundição de ferro e de aço, tinha entregas para fazer ao exército brasileiro. Três de meus primos eram soldados da força expedicionária brasileira na Itália... soubemos disto tudo ainda durante as semanas de guerra por intermédio dos parentes suíços do vovô Müller.

E eu onde ficava...?

Nós marchamos de volta para Tetschen-Bodenbach. Quando chegamos na casa, cujo proprietário nos acolhera tão amavelmente, a minha sogra já tinha conseguido irritar as boas pessoas. Como ela era sabidamente uma criadora de caso, muito maldosa e difícil, segundo eu aprendera no decorrer dos meses em que vivemos juntas, não me admirei nem um pouco. Portanto, tínhamos que sair de lá.

Meus olhos enxergavam novamente, o ferimento na testa tinha sarado, podíamos ir pegando novamente a estrada. Aonde pretendíamos ir era claro: Bad Elster! E nos pusemos de novo em marcha. Inicialmente caminhando apenas no rumo aproximado. Trens e meios de transportes ainda não tinham sido restabelecidos. As ferrovias também tinham sido atingidas pelas bombas e os longos trens de refugiados, os transportes de tropas com seus muitos soldados feridos, jaziam alhures no meio do caminho, aguardando os consertos.

Foi aí que demos com uma estação onde havia um trem que seguiria aproximadamente na direção que desejávamos. Embarcar ainda era factível, agora encontrar um lugar, impossível. Estávamos em pé num compartimento onde uma jovem mulher, muito pálida, dormia num canto e ao seu lado estava uma senhora mais velha que segurava um bebê. Tentei olhar sob a coberta mas a senhora segurava o pano firme, olhava furtivamente

mit wurde auch klar, dass ich ja eigentlich den Krieg auf der falschen Seite erlebte. Mein Grossvater, in seiner Fabrik, mit der Eisen- und Stahlgiesserei, hatte Heereslieferungen in Brasilien zu machen. Drei meiner Vettern waren Soldaten beim Brasilianischen Expeditionskorps in Italien..... Das hatten wir alles noch während der Kriegswochen über die schweizer Verwandten von Opapa Müller erfahren.

Und wo war ich...?

Wir liefen also wieder zurück, nach Tetschen-Bodenbach. Als wir im Haus ankamen, deren Besitzer uns so freundlich aufgenommen hatten, war es doch meiner Schwiegermutter gelungen, die guten Leute zu verärgern. Da sie sowieso ein Streithammel war, sehr böse und sehr schwierig, wie ich nun aus den langen Monaten wusste, die wir zusammen gelebt hatte, wunderte mich das garnicht, Nur, wir mussten eben dort weg.

Meine Augen sahen wieder, die Wunde auf der Stirne war heil, wir konnten die Strasse wieder unter die Füsse nehmen. Wohin wir wollten, das war klar: Bad Elster! Und wir marschierten denn wieder los. Zuerst nur in die ungefähre Richtung. Züge und Transportmittel waren noch nicht wieder da. Die Schienenstränge waren auch von den Bomben getroffen und die langen Flüchtlingszüge, die Truppentransporter, mit den vielen verwundten Soldaten, lagen irgendwo auf der Strecke und warteten auf die Reparaturen.

Aber dann trafen wir auf einen Bahnhof, auf dem ein Zug stand, der in etwa in die Richtung fuhr, in die wir wollte. Einsteigen ging ja noch. Platz finden war unmöglich. Wir standen in einem Abteil in dem eine blasse, junge Frau in einer Ecke schlief und daneben sass eine ältere Frau, die ein Baby hielt. Ich versuchte unter die Decke zu schauen, aber die Frau hielt das Tuch fest, sah verstohlen zu der jungen Frau hinüber und flüsterte mir zu: "Das Kind ist vorgestern unterwegs geboren, jetzt ist es aber tot. Wenn das Jemand merkt, muss ich das Kind aus dem Zug werfen. Aber wir wollen zu Verwandten. Hoffentlich wird meine Tochter nicht wach. Sie weiss es noch nicht!" - Mir lief es kalt über den Rücken. Wir fuhren dann den ganzen Tag, bis wir in der Nähe von Bad Brambach ausstiegen. Von dort wieder zufuss weiterlaufen nach Bad Elstern, das war nun schon Gewohnheit. Und schliesslich klopfen wir gegen Mitternacht an das Fenster des Hauses, in dem Mutti Wanda, Marthali und unser Ulli wohnten.

para a jovem do outro lado e me segredou: “A criança nasceu no caminho antes de ontem mas agora está morta. Caso alguém note, eu terei que jogá-la para fora do trem. Queremos ir ao encontro de parentes. Oxalá, minha filha não acorde. Ela ainda não sabe!” Ocorreu-me um frio pela espinha. Viajamos então o dia inteiro até que descemos nas proximidades de Bad Brambach. Dali em diante, novamente a pé até Bad Elstern, porém isto já tinha se tornado hábito. Finalmente, pela meia-noite, batíamos na janela da casa onde Mutti Wanda, Marthali e nosso Ulli moravam.

Inacreditável termos conseguido. Tantos quilômetros a pé, por sorte um trecho de trem, com frio, famintos e mortos de cansaço, tínhamos novamente um teto sobre a cabeça, uma cama; embora provisório, de certa maneira um lar aquecido. E meu Ulli, entrementes já com seis meses de idade, ia bem, estava deitado, rechonchudo e corado, numa caminha de criança que o proprietário tinha baixado do sótão. Seu próprio filho já estava na marinha, num submarino.

## EPÍLOGO - OBSERVAÇÃO DO TRADUTOR

Inicialmente eles permaneceram em Bad Elster que depois foi ocupado pelos russos. Como tinham passaportes brasileiros (que sempre estiveram bem guardados em Bad Elster), foram conduzidos para um acampamento de refugiados próximo à nova fronteira que dividiu a Alemanha entre americanos, ingleses e russos. Mais tarde, foram transferidos para Munique, onde mandavam os americanos; aí foram alojados num quartel desativado, agora ocupado só por estrangeiros sob tutela dos norte-americanos. Posteriormente, uma comissão brasileira verificou os passaportes e demais papéis e os juntou à primeira leva de “repatriados”. O marido teve que ficar para cuidar da mãe, mas veio mais tarde em 1949. A viagem para o Brasil, partindo de Hamburgo, foi com o velho e enferrujado cargueiro “Santarém” de 6 mil toneladas. Foi uma viagem boa e feliz. Chegaram ao Rio de Janeiro na madrugada de 1º de fevereiro de 1947, onde o pai de Dona Alda os esperava no cais. O pai trouxera de Curitiba uma mala repleta de roupas novas, lindas. Estavam novamente em casa.

No período em que estavam no acampamento para refugiados, Marthali conheceu e casou com um médico que depois recebeu a incumbência de acompanhar um grupo de judeus para Paris. Depois voltaram para o Brasil de avião.

Unglaublich, dass wir das geschafft hatten. Soviel Kilometer zuffuss, zum Glück eine Strecke mit dem Zug, bei Kälte, ausgehungert und totmüde hatten wir wieder ein Dach über dem Kopf, ein Bett, ein provisorisches ,



Construção antes do bombardeio - Dresden.

No Brasil, o casal, Günter e Alda, teve ainda mais um filho, Rudi, e depois se separou, sendo que o capitão veio a falecer posteriormente. Dona Alda contraiu segundas núpcias com o Dr. Érico Rocco Niemeyer com quem teve mais três filhos: Ronald (Ronny), Beatriz e Sylvia. Reside em Blumenau há 50 anos.

Até hoje, decorridos mais de sessenta anos, sempre que é despertada por um estrondo qualquer, um trovão, Dona Alda acorda sobressaltada, palpitante e desorientada, se julgando ainda naqueles momentos terríveis no porão de Dresden.

Na Elisenstrasse nº 9 existe agora uma escola. Dona Alda e a irmã Marthali moram em Blumenau. Ela se encontra muito atuante e tem muito para contar, mas nada que se compare com o que viveu naquela noite de 13 de fevereiro de 1945.

### **Notas complementares do tradutor**

Segundo Walter Weidauer, autor do livro “Inferno Dresden” e que foi prefeito de Dresden de 1946 a 1958, o ataque se deu por razões políticas e não militares. Em fins de 1944, o Exército Vermelho vinha rechaçando as forças alemãs com relativa constância e fazendo avanços mais rápidos do que se esperava, enquanto no setor ocidental, a coalizão anglo-americana vinha marcando passo. Como a partilha da presa de guerra iria depender do desempenho de cada setor, Churchill principalmente, estava ansioso para mostrar serviço e impressionar os russos, fortalecendo sua posição na mesa de negociações. Assim, decidiu-se que, além de Berlim, uma cidade importante e relativamente intacta, deveria receber um ataque arrasador, um “*Donnerschlag*” (Golpe do trovão). Dresden preenchia perfeitamente estas exigências e passou a ser o alvo. Nos bastidores, o “golpe de trovão” era para ser desferido com a primeira bomba atômica da história. No entanto, apesar de todos os esforços, o desenvolvimento do artefato atômico estava se arrastando e, a cada avanço dos soviéticos, maior urgência se impunha para que se desferisse o “*Donnerschlag*”, que acabou mesmo sendo perpetrado com armas convencionais.

A destruição em números: Os ataques foram exatamente às 22h03min de 13 de fevereiro de 1945 quando os primeiros bombardeiros ingleses alcançavam Dresden. Até às 22h28min foram exatos 235 bombardeiros. O

aber irgendwie warmes Zuhause. Und meinem Ulli, inzwischen schon 6 Monate alt, ging es gut, er lag rund und rosig in einem Kinderbettchen, dass die Hausbesitzer vom "Oberboden" heruntergeholt hatten. Ihr eigener Sohn war schon bei der Marine, auf einem U-Boot.



Ruínas após o bombardeio - Dresden.

segundo ataque, desferido entre 1:25 até 1:55, de 14 de fevereiro, foi cometido por 524 Lancasters. Naquela noite foram despejadas sobre Dresden 1500 toneladas de explosivos e 1180 toneladas de bombas incendiárias. No dia seguinte, ao meio-dia, 311 fortalezas voadoras americanas atacaram a cidade moribunda com mais 470 toneladas de explosivos, além de 300 toneladas de bombas incendiárias. As conseqüências: a tempestade de fogo matou entre 25000 e 35000 pessoas. Algumas fontes mencionam até 130.000 mortos. O centro da cidade foi destruído em 90% e a cidade em 60%. Com isto, Dresden está entre as cidades alemãs que mais sofreram na Segunda Guerra, ao lado Düren, Paderborn, Colônia e Hamburgo. O insano bombardeio de Dresden é caso obrigatório em todo tribunal que se propoña a discutir crimes de guerra.

#### **NOTAS DE FIM**

2 Um magnífico palácio construído no século XVI, no espaço que antigamente ficava entre as muralhas internas e externas da cidade.

3 A famosa ópera de Dresden.

4 Tia Wanda

5 Der Grosse Garten: O Grande Jardim, famoso parque no centro de Dresden.

6 Silêncio, regularidade e higiene.

7 Canal da Mancha.

8 - Menino, jovem.

9 Muckfuck: simulacro de café feito com cevada; recurso muito utilizado durante a guerra devido a falta de café.

# Fábrica com vila operária: a dominação específica

Márcia Teresinha da Silva Oliveira<sup>1</sup>  
Ancelmo Schörner<sup>2</sup>

Artigos

**O caso da  
Empresa  
Industrial Garcia,  
de Blumenau/SC  
(1947-1974)**

## I – Introdução

A emergência da indústria trouxe consigo uma tentativa de reorganização do trabalho e, principalmente, do controle dos trabalhadores em certas circunstâncias de seu cotidiano do século XIX. Uma dessas formas e/ou tentativas de controle exercidas pelas fábricas foi a construção de vilas operárias em cidades ou em localidades rurais. Esse foi o caso da Empresa Industrial Garcia (EIG).

Segundo o Livro Centenário de Blumenau (1950, p. 185), muitos atribuem a denominação da empresa a algum fundador, sócio ou acionista de nome Garcia. Na realidade, a Empresa adotou o nome do bairro, e por sua vez o bairro o adquiriu de vários moradores que em 1846 se transferiram do rio Garcia (hoje rio Camboriú) para o hoje tão florescente subúrbio de Blumenau, tornando-se conhecidos como “gente do Garcia”.

Nesta época o objetivo principal era a agricultura. Contudo, com a chegada de Johann Heinrich

1 Professora, Especialista em História Social e Ensino de História (CEUNI/INA/INSULPAR).

2 Professor, Doutor em História e Professor da Universidade Regional de Blumenau.



Grewsmühl, vindo da Alemanha, em 1860, o cenário começou a mudar. Ele construiu uma serraria, represou o ribeirão Garcia e mais tarde instalou uma atafona. Tudo no lugar onde está edificada a fundição da Empresa Industrial Garcia.

Tempos depois, dois de seus vizinhos, August Sandner e Johann Gauche, propuseram-lhe a organização de uma sociedade para a exploração da indústria de tecelagem e, com a ajuda de um tecelão chamado Lippmann, instalaram na antiga casa de madeira de Grewsmühl alguns teares de madeira. Os negócios correram normalmente até que, em 1876, a fábrica suspendeu suas atividades por motivos ignorados. Em 1883 Gustav Roeder, que trouxe da Alemanha quatro teares mecânicos e uma caldeira a vapor, comprou a antiga casa de Johann Grewsmühl e montou uma pequena tecelagem e tinturaria. Suas atividades tomaram desde logo tal impulso, que três anos mais tarde instalava mais dez teares.

Ao longo de mais 50 anos, com destaque para o período entre 1947-1974, o Bairro Garcia foi palco da construção de centenas de casas por parte da EIG que acabaram por moldar novos modos de vida para os trabalhadores, dentro de habitações projetadas segundo padrões nem sempre condizentes com o contexto existente e que sofreram controle por parte dos empresários.

Na vila operária o tempo também estava sujeito às normas que imperavam durante a jornada de trabalho. Quem morava na vila devia ter um comportamento “em casa” e “na rua” tão disciplinado e organizado quanto o comportamento “na fábrica”, o que era garantido através de uma série de controles presentes na “vila operária”, como obrigatoriedade de freqüentar a igreja, toque de recolher à noite, bailes vigiados.

Além destes, mais evidentes, a própria identificação patrão/senhorio já significava maior controle sobre o trabalhador. Além disso, a cessão da casa era apresentada como um privilégio para o operário, alcançado por este graças a um comportamento exemplar na produção, ou seja, regularidade, produtividade, dedicação e, sobretudo, submissão.

Algumas casas foram construídas longe da EIG (elas foram construídas entre 1920 e 1946 e foram vendidas para os operários em 1966) e outras ficavam ao redor da empresa. Dessa forma, a construção de habitação operária pela EIG esteve “inserida em estratégia de disciplina da mão-

de-obra, fundamentada na sedentarização e na moralização dos costumes” (CORREIA, 1997, p. 2).

O objetivo desta pesquisa é estabelecer relações entre o trabalho fabril e o morador da vila operária, relações estas que estão ligadas desde a sua vinda em busca do emprego e da moradia, ou seja, até onde e como se dava essa dominação da empresa sobre os trabalhadores através do fato de morarem em casas da EIG.

Assim, tal como Lopes (1979 e 1988), estudamos, através da análise de um grupo operário determinado, submetido a relações de dominação peculiares, uma forma de dominação específica: a das fábricas com vila operária. Pretende-se também empreender o estudo da constituição, diante dessa forma de dominação, da identidade própria de um grupo operário.

Além de textos clássicos sobre o assunto, como os de Lopes (1979 e 1988), também realizamos entrevistas com pessoas que trabalharam na EIG e moravam na vila operária<sup>3</sup>. Desta forma a história oral nos foi de suma importância.

## II – Fábrica com vila operária: a mobilização da mão-de-obra

A criação, por empresas, de espaços para abrigar “seus” trabalhadores é um capítulo importante e pouco conhecido da urbanização brasileira. Várias são as designações que esses lugares têm recebido no Brasil, dependendo de suas características quanto a tamanho, forma, localização e condição político-administrativa, do tipo de atividade à qual estão ligadas e do momento em que surgem, sendo que vila operária é uma das mais comuns.

No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, difundiu-se largamente a prática da construção, por empresas, de moradias para seus operários em cidades ou em localidades rurais. Tal prática deu origem a comunidades habitadas, principalmente, por empregados de uma única companhia que possuía parte substancial do mercado imobiliário e das casas e com, frequência, também detinha o controle sobre os equipamentos e serviços coletivos. No território nacional, esses assentamentos estavam ligados sobretudo a indústrias têxteis, de papel, empresas de mineração, usinas

---

<sup>3</sup> Contamos, ainda, com o acervo cedido por Adalberto Day, ex-trabalhador da EIG. O material cedido foi de suma importância para este trabalho, pois a partir dele tivemos uma visão mais ampla do desenvolvimento da EIG e sua vila operária.

de açúcar e frigoríficos. Nas referências internacionais, esses lugares surgem com várias designações, como *company town*, *industrial village*, *cité ouvrière* e *cottage system* (CORREIA, 2001, p. 83).

Originalmente usado no Brasil para nomear um grupo de moradias destinadas a operários de um mesmo empreendimento fabril, o termo “vila operária<sup>4</sup>” logo seria estendido para designar grupos de casas modestas semelhantes produzidas por outros agentes. Sob a denominação “vila operária”, eram reunidas no país, até os anos 1930, as experiências mais diversas: conjuntos construídos por empresas imobiliárias para aluguel ou venda a proletários urbanos, por empresas ferroviárias para seus funcionários, por indústrias, minas, frigoríficos e usinas para seus operários, técnicos e administradores, e pelo Estado (CORREIA, 2001, p. 84).

Os estudos de Lopes (1979 e 1988) são o resultado – e o exemplo mais contundente – de anos de pesquisa sobre a forma de dominação representada pela fábrica com vila operária, cuja dominação se estende extra-fábrica pelo controle sobre a vida dos trabalhadores representada pela vila operária. Em seu livro *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade dos chaminés*, o autor reconstrói a “autoconstrução” de uma identidade operária entre os trabalhadores da Companhia Têxtil Paulista, situada no município do mesmo nome, em Pernambuco.

O caráter autárquico da fábrica, que o autor denomina de “sistema paulista” abarcava desde a formação propriamente dita da força de trabalho por ele utilizada, através de aliciamento de trabalhadores no interior de Pernambuco e Paraíba, passando pelos rituais de seleção feitos pelo dono da fábrica, o Coronel Frederico, numa espécie de “teatralização da dominação”.

O “sistema paulista”, com “trabalho para todos”, garantia as condições materiais de existência dos trabalhadores, além do pleno emprego, não apenas na parte fabril mas também em suas terras, reservas de madeira etc. Esse conjunto de fatores pretendia a imobilização da força de trabalho,

4 Nas primeiras décadas do século XX, as vilas operárias surgiam como modelo privilegiado de reforma da habitação do pobre urbano, a qual era apontada como um dos problemas centrais da cidade. Elas definiam-se como um padrão de moradia popular oposto à favela, ao mocambo e ao cortiço, supondo ordem, higiene e decência. O termo sugeria casas salubres e dotadas de ordem espacial interna, que se distinguiu da falta de higiene, de espaço e de conforto atribuída às casas dos pobres urbanos. Também sugeria casas de famílias de trabalhadores estáveis, em oposição às misturas entre estes últimos e os indivíduos afastados dos empregos regulares (autônomos, vadios, prostitutas etc.), favorecidas pelas formas de moradia e relações de vizinhança nas habitações coletivas e em moradias precárias (CORREIA, 2001, p. 84).

sempre à disposição da companhia, que a utilizava segundo seus interesses.

Esse “sistema”, por outro lado, possibilitou o surgimento de uma cultura operária, dada pelas pequenas lutas cotidianas de resistência à dominação, à arbitrariedade do corpo armado de vigias, dos mestres e contra-mestres que, de espontâneas e individuais passam para o associativismo sindical, e o enfrentamento com a fábrica que combate ferozmente as tentativas de organização dos trabalhadores. É essa atividade sindical dos trabalhadores desnuda a dominação fabril, transforma-se em fissuras na estrutura do “sistema paulista”, sempre combatido.

A sistematização das peculiaridades desta fábrica têxtil pode assim fazer desta situação um “caso-limite”, servindo para iluminar aspectos importantes deste padrão específico de relações de dominação das fábricas com vila operária, ou das fábricas que subordinam diretamente os seus trabalhadores para além da esfera da produção (LOPES, 1988, p. 15).

Mas o que caracteriza essa forma de dominação da fábrica com vila operária? Em que distingue-se ela da forma de dominação mais geral implicada na relação que se estabelece no interior do modo de produção capitalista entre a força de trabalho industrial e o patronato? Segundo Lopes (1988, p. 15), quando se pensa na grande indústria, geralmente faz-se e abstração da residência da força de trabalho relativamente à fábrica, supondo-se que ela se dê ao acaso.

Contudo, a fábrica, como proprietária das casas onde moram “seus” operários é a promotora da vida social extra-fabril da localidade, exigindo um certo comportamento como parte das regras do jogo, unilaterais, diga-se de passagem. Em outras palavras, a fábrica procura garantir a reprodução e eternização das relações sociais entre capitalistas e operários, extravasar a esfera da produção e penetrar na esfera doméstica, domicializando a fábrica e industrializando o domicílio (SCHÖRNER, 2000, p. 107).

A denominação de “sistema paulista” segue a tradição das denominações usuais na literatura a respeito desta conjugação da fábrica com a moradia anexa de sua propriedade, e por outro lado, aponta para uma estrutura de relações que se estabelece, no caso da fábrica e da vila operária, envolvendo sob um mesmo controle centralizado a produção fabril, o domínio da moradia e da cidade, a produção agrícola da retaguarda territorial da fábrica e a circulação mercantil dos bens de consumo dos operários sob

a forma de uma feira administrada. Além disso, esta estrutura de relações sociais contém a promoção e administração de atividades religiosas e recreativas (LOPES, 1988, p. 20).

Nesse sentido o livro retrata um fazer-se e um desfazer-se de um grupo da classe operária. O livro serve também para comparações eventuais com o estilo de gerência atual da indústria e das empresas em geral que voltaram, por certos aspectos, a um controle e um interesse na vida extra-fábrica do trabalhador – como era o caso das fábricas com vila operária – quando as novas empresas atuais falam em responsabilidade social, em balanço social etc<sup>5</sup>.

Assim, se a expressão “cidade das chaminés” foi incluída no título da tese de Lopes para indicar como ele é marcado pela análise de uma forma determinada de dominação, a expressão “tecelagem dos conflitos de classe” aponta para a ênfase no estudo das contradições e conflitos engendrados por aquela dominação. Ela indica não somente a produção têxtil que é a finalidade explícita da fábrica, mas também procura metaforicamente passar a idéia de processo ativo e de “construção” histórica e cultural do grupo de trabalhadores. Ela evoca a idéia de “auto-construção” de um grupo social, de formação de uma identidade social e de uma “consciência de classe” por parte daquele grupo operário (LOPES, 1988, pp. 21-22).

Para Lopes (1988) o vigor de uma forma de dominação pode ser avaliado por sua interiorização pelo próprio grupo dominado. Para a caracterização dessa situação-limite que é o “sistema Paulista” dentre as variações possíveis contidas na forma de dominação fábrica com vila operária parece de particular importância – mais do que as intenções patronais na maneira de gerir a sua força de trabalho, mais do que a sua estratégia pré-concebida ou suas práticas de dominação – a maneira como os trabalhadores interiorizaram e incorporaram essa dominação.

O “sistema Paulista” de dominação manifesta-se não somente através de formas políticas, seja as persuasivas da formação e controle da força de trabalho, seja as diretamente coercitivas, mas também através das próprias garantias materiais de existência, mas é incrustado, embutido nas diversas esferas da vida dos trabalhadores (LOPES, 1988, p. 36).

5 Comentário feito por José Sérgio Leite Lopes a Anelmo Schörner e Fernanda Ben em 29/04/2003.

As peculiaridades e especificidades do “sistema paulista” têm por característica geral o controle direto da força de trabalho não somente na produção, mas também em outras esferas da vida dos trabalhadores fora da fábrica, através do recurso estratégico da moradia, ou seja, ele é uma forma de dominação que se singulariza pela abrangência de sua ação sobre as condições materiais de existência de seus trabalhadores. Esta análise do texto de Lopes nos remete para situações similares encontradas na vila operária da EIG.

Além dos elementos vistos acima, incorporamos a questão do aliciamento de trabalhadores vindos de áreas rurais e de como esses operários eram inseridos no mundo da fábrica, o qual não tinham contato antes; de como os empresários podiam enganar o aliciado ingênuo vindo da roça com promessas de moradia e fartura de alimentos. Na EIG esse tipo de aliciamento ocorreu em relação à vinda de migrantes de regiões perto de Blumenau, muitos dos quais vieram atrás do “eldorado” de uma vida melhor para seus familiares e principalmente para morar num das casas da vila operária.

Pretendemos, então, analisar a organização dessa vila operária, a construção da sua identidade operária, o controle que se estende entre fábrica e vila, o ganho da casa, a cobrança do aluguel, o fornecimento dos roçados e suas lutas<sup>6</sup> pelo seu direito de trabalhador.

A empresa se localizava num local denominado rural e isolado com baixa população e infra-estrutura e em 1920 começou a construir casas para abrigar trabalhadores vindos de outras regiões, sobre as quais pagavam um preço simbólico de aluguel. Os moradores da vila operária podiam ter plantações e animais em suas casas. A empresa oferecia emprego para seus filhos, benefícios médicos e podiam comprar no armazém a preço de custos os alimentos básicos.

Ganhava uma miséria, mas nunca comi tanta carne seca em minha vida depois que comecei a trabalhar na Empresa Industrial Garcia, comprava cada peça grande que até dividia com minha mãe<sup>7</sup>.

---

6 Desde a sua criação ocorreram três greves na empresa. Principalmente a de 1950 que durou 29 dias, mostrou a insatisfação do operário com a empresa, tida como um local bom de trabalhar, onde todos viviam felizes.

7 Seu Ernesto, operário aposentado da EIG, se referindo ao Armazém onde eles podiam comprar alimentos a preço de custo, apesar de o salário ser baixo. (Entrevista concedida à autora Márcia Teresinha da Silva Oliveira em 11 de janeiro de 2006).

### III – A vida na EIG e na vila operária: entre a submissão e a revolta

#### 3.1 – Aspectos históricos do Bairro Garcia

O Bairro Garcia, onde localizava-se a EIG, antes da chegada do Dr. Blumenau já era habitada por moradores vindos da região de Camboriú, chamada Ribeirão Garcia, por isso a origem do nome do bairro se deve ao local de onde os moradores provinham. Hoje ele é um dos maiores bairros de Blumenau, tanto que tem o status de distrito. Foi nesse bairro que nasceu uma das primeiras indústrias têxteis de Blumenau. Em 1860, com a chegada do imigrante alemão, Johann Heinrich Grewsmühl, o Vale do Garcia tomava novo impulso.

Insatisfeito com os trabalhos agrícolas, passara a explorar a madeira da região, constituindo uma serraria, e com o represamento do Ribeirão Garcia, pôde instalar uma atafona movida à força d'água (a energia elétrica veio em definitivo para o bairro somente em 1914).

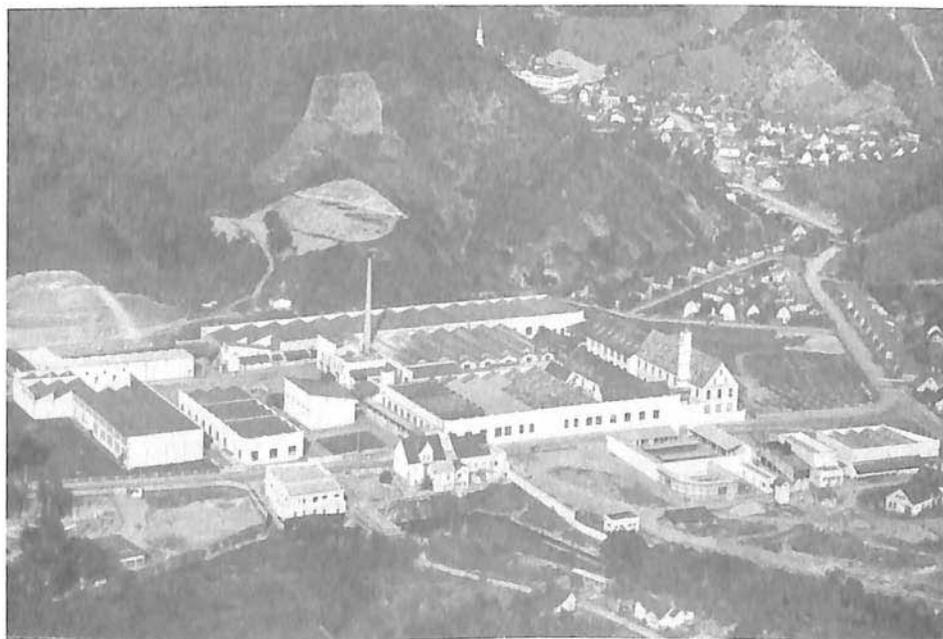
Os compensadores progressos do empreendimento levaram-no a associar-se com dois vizinhos, que conheciam a técnica da tecelagem, para a organização de um fábrica. Nascia naquela região, por volta de 1868, a semente da indústria têxtil de Blumenau, que se solidificou mais tarde com o nome da EIG. Em decorrência da atividade têxtil, a região passaria por uma série de transformações, sendo uma delas o surgimento do lavrador-operário<sup>8</sup>, haja vista que a divisão da propriedade e o esgotamento das mesmas, provocadas pela falta de espaço para a “rotação das terras”, dificultando a opção para o plantio, que não dependia exclusivamente do agricultor.

8 Esse tema tem sido mais estudado na Europa. Entre seus autores temos: FRANKLIN, S.H. *The european peasantry*. London: Methuen, 1969; CHAYANOV, Alexander. *La organización de la unidad económica campesina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1ª. ed., 1974; FRANK, Walter. Part time farming, underemployment and double activity of farmers in the ECC. *Sociologia Ruralis*, Netherlands, vol. XXIII, nº. 1, 1983; LIMA, Aínda V de. A agricultura a tempo parcial em Portugal: uma primeira aproximação à sua quantificação. *Análise Social*, Lisboa, vol. XXII, 1986. Em relação ao Brasil temos os estudos de SEYFERTH, Giralda. Camponeses ou operários? O significado da categoria *colono* numa situação de mudanças. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, vol. XXIX, 1984 e Aspectos da proletarianização do camponato no Vale do Itajaí (SC): os colonos-operários. In: LOPES, José Sérgio Leite. *Cultura e Identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987, além de ANJOS, Flávio Sacco dos. *A agricultura familiar em transformação: o caso dos colonos-operários de Massaranduba (SC)*. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 1995. Worker-peasant (em alemão Arbeiter-bauer) é a categoria analítica que designa os camponeses que têm emprego regular fora da agricultura, mas continuam trabalhando nela nos períodos que não estão na fábrica (part-time-farming - agricultura em tempo parcial). SEYFERTH (1984, p. 74) se refere a esses trabalhadores como colonos-operários.

Além disso, a industrialização abria espaços para novos empregos, e muitos migrantes vindos de outras cidades, buscam o “eldorado” de uma vida melhor gerou uma série de problemas de moradia devido à falta de infra-estrutura da cidade para acompanhar o desenvolvimento crescente da época.

### 3.2 – Empresa Industrial Garcia

A EIG possuía em suas terras uma roça de aipim com moinho para fubá e engenho de serra. A empresa teve vários nomes devido às muitas mudanças de donos que conheceu. Assim, em 1883 a empresa passou a denominar-se Tecelagem de Tecidos Roeder; depois, em 1906, Probst & Sachtleben; em 1913 foi transformada em Sociedade Anônima, adotando a denominação Empresa Industrial Garcia & Probst, que consistia em fábrica de fiação e tecelagem, tinturaria, fundição, serraria, olaria, oficina mecânica, mercearia e ferraria. A EIG ficou também conhecida pela fabricação de maquinário agrícola e de sinos para igrejas.



Fotografia 1 – Vista área da EIG – 1961.

Uma pessoa de destaque no desenvolvimento da empresa foi Otto Huber, técnico austríaco, que além de profundo conhecedor da arte de tecer, foi o responsável pela implantação do prédio com três pavimentos.

Não concordava com algumas atitudes do então diretor geral da empresa, João Medeiros Jr., que era muito querido pelos empregados por promover lazer através de esportes e diversão com músicas, que eram ouvidas na hora de folga no interior da empresa por intermédio de alto-falantes desde 1929. Huber comentava com amigos e empregados, que quando tivesse oportunidade, montaria sua própria empresa.

Em janeiro de 1918, verificou-se a nova alteração no nome da firma com a retirada do seu maior acionista, Júlio Probst. Na constituição da nova sociedade, verificou-se a entrada de capitais do Grupo Hauer, de Curitiba, e que permaneceu até o final da empresa, passando definitivamente denominar-se Empresa Industrial Garcia S/A. Em maio de 1936 surgiu a oportunidade de Huber montar sua empresa a partir de um convite que recebeu de Theophilo Bernardo Zadrozny, e juntamente com outros empregados da EIG, fundaram a Artex.

Em 19 de fevereiro de 1974 a EIG incorporou-se à Fábrica de Artefatos Têxteis Artex. A incorporação teve cunho político através do governo federal, que investia nas duas empresas: a Artex dirigida pela família Zadrozny, e a Garcia controlada pelo Grupo Hauer<sup>9</sup>.

### **3.3 - A Vila operária**

Segundo Adalberto Day, a EIG e a Artex, que já foram as maiores indústrias têxteis da América Latina, tiveram casas populares para seus empregados. A EIG, por exemplo, chegou a ter mais de 200 casas alugadas a preços simbólicos<sup>10</sup>.

As primeiras casas foram construídas a partir de 1920, sempre no mesmo estilo, muito embora uma ou outra fosse diferente. Na Rua Getúlio Vargas e na Rua Almirante Saldanha da Gama, até 1922 tinham sido construídas 13 casas. Em 1933 este número chegou a 35.

9 Informações fornecidas por Adalberto Day em 14 de outubro de 2005 à autora Márcia Teresinha da Silva Oliveira.

10 Informações fornecidas por Adalberto Day em 14 de outubro de 2005 à autora Márcia Teresinha da Silva Oliveira.



Fotografia 2 – Vista parcial da vila operária.

A partir de 1946 foram demolidas todas as casas antigas e construídas novas, processo que durou até 1966 (após esta data não foram mais construídas casas), quando a empresa tinha 224 casas. Essas casas foram construídas pelos empregados da marcenaria da EIG e tinham boa infraestrutura e saneamento básico precário, com coleta de lixo duas vezes por semana feita por um caminhão da empresa e depositado num terreno distante pertencente a ela<sup>11</sup>.

As casas eram construídas com canela de diversas qualidades em sua estrutura principal, e, nos assoalhos e no corpo da casa prevalecia madeira de lei. Elas mediam 7mX6m em seu corpo principal e possuíam 2 pavimentos, que media 6mX4m perfazendo um total de 108m<sup>2</sup>. Elas tinham dois pavimentos com 42m<sup>2</sup> cada. Na parte de baixo ficava um quarto do casal, duas pequenas salas, cozinha e varanda. Já na parte cima, conhecida como sótão, haviam quatro quartos<sup>12</sup>. A maioria delas ficava próxima à empresa, muito embora houvessem algumas que ficavam a mais de 1 km de distância, permitindo que se ouvisse a sirene tocar e despertar os trabalhadores<sup>13</sup>.

---

11 Informações fornecidas por Adalberto Day em 14 de outubro de 2005 ao autor Márcia Teresinha da Silva Oliveira.

12 A partir dos anos 1970 as casas já pertenciam aos operários e tinham sido reformadas pelos mesmos.



Fotografia 3 – Vista parcial da vila operária.

Era cobrado dos trabalhadores um aluguel simbólico que vinha descontado na folha de pagamento. Se a forma de dominação fábrica com vila operária tem por característica geral o controle da força de trabalho (Lopes, 1988, p. 38), este controle é mais efetivo quando a vila operária fica perto da fábrica, haja vista que o tocar da sirena objetiva controlar a tudo e a todos.

As pessoas que vinham para Blumenau em busca do Eldorado, conforme já citado, com perspectivas de melhor qualidade de vida e conseguiam emprego na EIG, viam nisso uma vantagem, posto que tinham onde morar e que moravam perto do local onde trabalhavam. Assim, ter uma casa de madeira com banheiro, água encanada, energia instalada e coleta de lixo, era, na época, um luxo para esses moradores que vinham atrás de uma melhor qualidade de vida.

Muitas dessas pessoas que vinham em busca de oportunidade eram de regiões vizinhas a Blumenau e ficavam sabendo que a EIG precisava de mão-de-obra não qualificada. Sobre isso nos relata o Sr. Ernesto:

Vim para Blumenau porque minha namorada, depois nos casamos, veio com sua família, sou natural de Itajaí, ela me avisou que tinha emprego na EIG, mas meu primeiro emprego foi na Olaria por cerca de seis meses.

<sup>13</sup> O acesso a seus relatos e depoimentos sobre o passado reforçaram esta ênfase na apreensão desta forma de dominação através da maneira em que ela é incorporada por aqueles que a vivem ou a viveram. Este "sistema" traz embutido essa maneira subjetiva e interiorizada do próprio dominado apresentar a dominação que faz corpo com sua história de vida, como é o caso da apreciação estética e sensorial dos apitos.

Depois disso em 1946 ingressei na EIG não tinha nenhuma experiência em trabalhar em fábrica, mas eles ensinaram o trabalho entrei na função de tintureiro que era um trabalho bastante insalubre (pois segundo ele trabalhava com cloro, ácido sulfúrico e outros produtos químicos) era o pior lugar para se trabalhar não tinha experiência em trabalhar na fábrica, mas eles me ensinaram o serviço. Foi me oferecido uma casa popular, mas a localização da casa não agradou minha esposa e me mandaram esperar, pois estavam construindo novas casas nas proximidades. Mas eu tinha um dinheiro guardado e meu sogro me emprestou o que faltava para eu comprar minha casa própria. As casas eram oferecidas primeiramente aos contramestres que não tinham casas, depois eram oferecidas aos operários que eram trazidos de fora com situação financeira baixa<sup>14</sup>.

Segundo ele, quem primeiro possuía o direito à casa era o contramestre. Para ele isso era uma discriminação, pois além dele já ter um salário melhor, ainda usufruía deste benefício. Depois do contramestre “a empresa iria verificar o operário mais necessitado de moradia para ceder-lhe uma casa na vila operária”.

Quadro 1 – Disposição das casas de propriedade da EIG por ruas – anos 1960.

Rua	Nº
Amazonas	8
Emílio Tallmann	11
12 de Outubro <sup>15</sup>	29
Glória	27
Almirante Saldanha da Gama	19
Tibaji	8
Cambará	6
Beco do Luca	9
Gaspar Alto	5
Vila Operária João Anastácio da Silva <sup>16</sup>	102
Total geral	224

Fonte: Informações fornecidas por Adalberto Day em 14 de outubro de 2005 à autora Márcia Teresinha da Silva Oliveira.

---

14 Seu Ernesto. (Entrevista concedida à autora Márcia Teresinha da Silva Oliveira em 11 de Janeiro de 2006).

15 Onde hoje ficam o Terminal Garcia e a Praça Getúlio Vargas.

16 E ruas Riachuelo, Caeté, Taio, João Simas, João Deschamps, Botucatu e Tangará.

Muitos operários da EIG vinham das cidades de Brusque e Guabiruba, vistos como pessoas trabalhadoras. Já, migrantes vindos de Gaspar, Itajaí, Tijucas e também negros não eram bem vistos para comporem o quadro de operários, somente eram aceitos se fossem indicados por bons funcionários da fábrica.

Alguns jogadores do time do Amazonas eram negros e aos poucos eles foram aceitando negros para compor o quadro de funcionários da empresa.

Existia certo racismo, o único negro que trabalhava aqui era o Sr. Leopoldo Cirilo, esse era aceito porque já estava aqui quando a nova diretoria chegou em 1952. Esse racismo acabou por parte até do Sr. Ernesto Stodieck Junior que era muito simpático com o Sr. Leopoldo Cirilo e depois acabou com esse tipo de coisa<sup>17</sup>.

Os filhos dos funcionários da EIG tinham facilidade de ingressar na empresa quando atingiam a idade de serem admitidos. Por isso eles não precisavam procurar emprego em outra fábrica, pois a empresa já oferecia/garantia emprego à eles. Eles recebiam aprendizado dentro da empresa ou faziam cursos no SENAI<sup>18</sup>, para os quais a empresa os levava. Outra vantagem para os filhos dos trabalhadores era que eles podiam escolher o setor na qual iriam trabalhar. Essa situação parece ter sido compensador para a EIG, pois lhe garantia força de trabalho fiel e dócil (ALVIM, 1997, p. 46). Contudo, quando havia a necessidade imediata de mão-de-obra qualificada a EIG ia buscar em outras cidades, através de agentes de aliciamento.

A procura de emprego por parte dos trabalhadores é um procedimento permanente de entrada nas fábricas. Ela está mesmo na base da ficção do controle livre entre o proprietário da força de trabalho e o proprietário do capital. Tanto é assim que essa política de aliciamento, ao povoar ou aumentar a povoação de uma determinada área, tem por objetivo criar uma população trabalhadora local cujo crescimento vegetativo atenda às necessidades de trabalho. Bastará então que a fábrica espere que as gerações seguintes aos trabalhadores aliciados venham procurar trabalho na fábrica no início de sua vida ativa (LOPES, 1988, p. 42).

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Adalberto Day à Ellen Annuseck em fevereiro de 2004, que gentilmente nos cedeu uma cópia.

<sup>18</sup> Serviço Nacional da Indústria.

Essa política e aliciamento de trabalhadores da EIG de dar oportunidades a filhos de funcionários se devem ao fato de ser cômodo a empresa, pois não tinham que sair a procura de mão de obra que se tornava relativamente barata para a empresa. Outro fato, é que na grande maioria das vezes, os filhos eram educados por seus pais na perspectiva de que ali seria o melhor lugar para eles trabalharem, e isso agradava a empresa.

### 3.4 – O “sistema EIG”

A vila operária se caracterizava pela estabilidade da força de trabalho através do monopólio da moradia pela indústria, onde o funcionário e seus familiares tinham uma oferta de moradia em troca de seu trabalho para garantir a sua sobrevivência.

É, por certo, uma característica mais geral das fábricas têxteis em determinados períodos do desenvolvimento industrial, quer no Brasil, na Europa ou nos Estados Unidos, para mencionar alguns exemplos, a preferência por uma força de trabalho organizado pela família. A existência de vilas operárias com casas construídas para abrigarem famílias faz parte deste modelo de industrialização que, ao se responsabilizar pela moradia de seus trabalhadores, desenvolve uma política em que a família operária se torna importante referencial para disciplinar uma força de trabalho formada e apta culturalmente para o trabalho industrial (ALVIM, 1997, pp. 16-17).

Alguns trabalhadores e familiares que moravam na vila operária plantavam em pequenas hortas no quintal de suas casas, criavam galinhas e porcos, o que não era aconselhável por causa da higiene. Outros possuíam vacas, tanto para o consumo de leite e derivados, quanto para o corte, e também cavalos. A empresa dispunha de um pasto, localizado onde hoje é a Cooper filial Garcia, na Rua da Glória, 344, que era disponibilizado aos trabalhadores para a criação desses animais.

Muitos cumpriam sua jornada de trabalho na empresa e ao chegarem a casa ainda trabalhavam nas suas hortas e cuidando de seus animais, esses trabalhadores eram chamados de lavrador operário. Vale a pena ressaltar, que não somente os trabalhadores que moravam na vila operária tinham suas hortas e animais, mas também muitos que possuíam suas próprias terras também as cultivavam e criavam animais. Alguns tinham outra atividade dentro da comunidade, o Sr. Ronaldo Olegário gerente da Cooperativa

de Consumo dos empregados da EIG, mantinha o Cine Garcia<sup>19</sup>, muitos participavam de peças teatrais do Clube Caça e Tiro Jordão, Clube Centenário, Amazonas Esporte Clube. Muitos desses funcionários da empresa participaram na construção da Igreja Nossa Senhora da Glória e do Colégio São José (Conjunto Educacional Governador Celso Ramos), esse multirão era feito após o expediente da empresa, a maior parte foi financiado pelos funcionários que vinha descontado na folha de pagamento.

Se a forma de dominação fábrica-vila operária tem por características gerais o controle direto da força de trabalho não somente na produção, mas também em outras esferas da vida do trabalhador fora da fábrica (LOPES, 1988, p. 38).

Isso era uma forma de controle e disciplina, pois a empresa sabia que após o expediente o trabalhador estaria em casa cuidando de suas plantações e animais ou em outras atividades sociais. A religião predominante era a católica, mas existiam protestantes, evangélicos e outras religiões em menor escala. As pessoas ainda acreditam em uma infinidade de mitos, uns devido à fé, outros por comodismo e falta de informação.

Existia missa toda semana para os alunos, na Igreja Nossa Senhora da Glória, construída pelos funcionários da EIG. De acordo com Seu José, “mesmo quem não fosse católico teria que assistir à missa por obrigação, o padre era muito durão conosco<sup>20</sup>”.

Manter uma religião na época era uma forma de perder o interesse pelas questões políticas e sociais, pois a maioria dos funcionários da empresa era analfabeta, acreditava em tudo o que eram lhes dito, principalmente dentro da igreja e da escola, pois estas eram subvencionadas pela EIG. Essa era outra forma de disciplinar as famílias através da religião.

As pessoas acreditavam que Deus gostava mais dos pobres, e com esse pensamento retrogrado e enganador os empregados muitas vezes contentavam-se com o pouco que ganhavam e deixavam na mão de Deus como diziam e não participavam se associativismo ou sindicato, preferiam as tradicionais rezas nas casas, aonde à fé os conduzia, e muitas vezes se esqueciam de pensar em melhorias na comunidade, aliás, essa era uma forma de manter o cidadão ocupado para não pensar e refletir<sup>21</sup>.

19 Onde hoje se localiza a Igreja Santo Antônio, na Rua Amazonas.

20 Seu José, trabalhador aposentado da EIG. (Entrevista concedida à autora Márcia Teresinha da Silva Oliveira em 18 de janeiro de 2006).

21 Entrevista concedida por Adalberto Day à Ellen Annuseck, em fevereiro de 2004.

---

Além das casas, a EIG ainda oferecia aos seus funcionários e seus dependentes assistência médica, odontológica, compra de medicamentos e serviços de internamento através de desconto em folha de pagamento.

Em 1940 assumiu a diretoria da EIG Ernesto Stodieck e houve um grande retraimento das atividades culturais e sociais, além de mudanças, para baixo, dos salários<sup>22</sup>, apesar dos trabalhadores ainda preservarem uma série de benefícios. Segundo alguns funcionários, ele era um homem de comportamento bem fechado e muitos operários tinham certa animosidade em relação a sua pessoa. Outros já o mencionam como um homem bom e inteligente, e se encontrasse um trabalhador na rua parava e conversava com ele sem ter autoridade de patrão e empregado. Ele ficou na empresa até 1967.

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial houve rumores de que iriam faltar alimentos para a população. Diante dessa situação Ernesto Stodieck mandou comprar gado para ser criado em um pasto de propriedade da empresa para que pudesse ser abatido em caso da falta de carne. Ele mandou também plantar verduras nas terras da empresa que ficava na Garuva<sup>23</sup> para garantir alimento aos trabalhadores.

Graças a Deus, não houve a falta de alimento, porém seu Stodieck abateu depois de certo tempo o gado e distribuiu entre os funcionários e não cobrou nada (Seu José).

Como observamos, existia certo paternalismo entre Ernesto Stodieck e os trabalhadores, pois a empresa era tratada como uma grande família. Segundo Schörner (2000, p. 188), o paternalismo (que tende a dissimular o excesso de autoridade sob a forma de proteção), apesar das novas formas de gestão da mão-de-obra, continua a ser um dos sistemas mais importantes de relações sociais de trabalho e supõe pelo menos três elementos: a presença física dos patrões nos locais de trabalho, a linguagem e prática de tipo familiar entre patrão e empregado e a adesão dos trabalhadores a esse modo de organização. Nesse sistema, “o patrão é visto como pai que proporciona emprego aos seus filhos, protege-os, associa-os a sua família. Não existe mais o “ele” ou o “tu” da indiferença e da hostilidade, mas sim o “nós” da adesão e da colaboração” (SCHÖRNER, 2000, p. 188).

---

22 João Medeiros, antigo diretor-gerente era muito querido pelos trabalhadores, pois ele proporcionava grandes festas no final de ano e em outras datas significativas.

23 Garuva é uma localidade situada entre Blumenau e Gaspar, com acesso pela Rua da Glória.

E acontece que os operários se identificam com a “casa” onde trabalham, vangloriam-se de sua estabilidade, do recrutamento hereditário que une sua linhagem à empresa. (...) Os conflitos são raros nessas condições, e assumem um significado mais dramático: dilaceramento do tecido familiar, revolta contra o pai, mais difícil do que a coalizão contra um empregador comum. A ausência de greves, que merece a mesma atenção do que a existência delas, pode se explicar pela densidade de tais relações que, sob certos aspectos, assemelham-se à condição doméstica (PERROT, 1988, p. 83).

Nesta “grande família” havia grandes festas em comemoração a datas cívicas com grandes desfiles em carro aberto. Entre elas podemos citar a festa do dia do indígena, aonde muitos funcionários iam vestidos como indígenas, sendo que a empresa fornecia todo o tecido para a confecção dos trajés. Havia ainda outras festas, como a de São João.

Outra comemoração famosa era o dia do trabalhador, que tinha comida e bebida de graça e jogos de futebol com times da empresa e/ou times de fora. Havia ainda sorteio de bicicletas e outros brindes. Estas festas sempre ocorreram no campo de futebol do Amazonas. Podemos, então, afirmar que essas festas eram uma compensação pelo baixo salário que recebiam, pois muitos ficavam felizes com o assistencialismo da empresa.

Assim, patrões e trabalhadores não são estranhos e nem adversários: estão sempre juntos nas festas e comemorações, sendo que o emprego é visto por muitos trabalhadores como um “ato filantrópico”, uma vez que os patrões “dão” o emprego<sup>24</sup>.

Contudo, passado um tempo da efetivação de Ernesto Stodieck no cargo de diretor, ele teria deixado de financiar o time de futebol do Amazonas, o que já era uma tradição da EIG, e não dar mais apoio à festa brasileira de São João, que reunia as famílias dos trabalhadores. Além disso, quando ocorreu a greve de 1950, como veremos abaixo, Ernesto Stodieck foi acusado de manter muita distância dos trabalhadores e de que estaria na empresa apenas para administrar e lucrar.

24 Industrializar toda a sociedade: essa fatalidade justificaria, portanto, reduzir a análise desse fenômeno ao número de empregos criados, ao volume do valor agregado, à avaliação da participação do consumo dos produtos locais e dissimular (...) a realidade social que tal fenômeno se supõe (Doaré, 1986, p. 47, apud SCHÖRNER, 2000, p. 188).

### 3.5 – As contradições do “sistema EIG”: as greves

No dia 10 de junho de 1934, comemorou o meio centenário de sua existência, a Empresa Industrial Garcia, um dos mais importantes estabelecimentos fabris do norte catarinense e que tem suas gigantescas instalações no aprazível bairro Garcia, desta cidade. Ao redor das suas oficinas e fábricas foram com o correr dos anos aumentando e se espalhando as construções, de forma a tornar o Garcia um bairro digno se ser visitado, com uma população ordeira, trabalhadora, um comércio florescente, seus prédios de construção moderna, os seus jardins, todos os encantos denunciadores, de uma vida calma e feliz.

Esta matéria, publicada no Calendário Blumenauense (1950, p. 110) mostra a tranqüilidade dos moradores do Bairro Garcia, mostrando-os como um povo feliz, trabalhador e próspero. Contudo, esses trabalhadores não estavam satisfeitos com seus baixos salários, e a EIG, ao longo de sua existência, sofreu com três greves.

Em outubro de 1945 houve uma greve de oito dias que foi bastante violenta, por reclamações de salários e melhores condições de trabalho, reivindicavam a jornada de trabalho de 10 horas e o fim de dissídios coletivos.

E ali o empregado teve certo ganho, porque ele começou a ter proteção da CIPA, (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) através de movimento assim, começou a poder se proteger mais porque morreram nesse período alguns empregados. Nós inclusive, nos anos 60 presenciamos empregados que morreram por falta de equipamento<sup>25</sup>.

Como podemos observar, a partir dos anos 1950 os conflitos entre os trabalhadores e a EIG aparecem não somente de forma continuada e intensa como também apresentam uma abrangência extensiva aos diferentes aspectos que o “sistema EIG” significava na vida social dos trabalhadores locais. Este crescimento do campo de conflitos em extensão e intensidade aponta para modificações na política administrativa da fábrica, com a efetivação de Ernerto Stodieck na direção da empresa, relativas tanto à organização da produção quanto a aspectos extrafabris, afetando a concessão de festas e demais incentivos.

Tais modificações configuram para os operários uma nova modalidade de dominação, apagando a legitimidade alcançada pela companhia no

---

25 Entrevista concedida por Adalberto Day à Ellen Annuseck em fevereiro de 2004.

exercício da modalidade anterior, legitimidade esta que se transforma, por contraste, em um elemento revelador importante, para este grupo operário, da transparência da exploração econômica e da opressão do “governo local de fato” da companhia (LOPES, 1988, p. 273).

Em outras palavras, os trabalhadores apresentam indícios de uma interiorização da ilegitimidade da administração da fábrica e da revolta contra a EIG. Indicações desta interiorização da ilegitimidade da EIG por parte dos operários aparecem não somente em movimentos coletivos, como o desenrolar de greves, mas também na legitimidade entre os operários de ações individualizadas.

Assim, a partir do início dos anos 1950, inicia-se um processo de ilegitimação da dominação à qual não é estranha a dialética da tradição e da revolta descrita em trabalhos de historiadores sociais a respeito de outros grupos de produtores diretos. Arma-se assim, um confronto entre a companhia por um lado e os operários por outro, em tomo de diferentes concepções de trabalho e de organização da produção: à “cultural fabril” dos operários, favorecida e apoiada na própria “moral do trabalho”, produzida e inculcada pela companhia e reinterpretada pelos produtores diretos no interior da fábrica, opõe-se uma reorientação gerencialista da EIG no sentido de uma reorganização do processo produtivo, implicando na expulsão da força de trabalho e no aumento da intensidade de seu uso remanescente.

Em 15 de fevereiro de 1950, os trabalhadores da EIG paralisaram novamente seus serviços, e cerca de 1.400 operários ficaram fora de seu posto de trabalho. O portão principal da fábrica foi sendo ocupado pelos trabalhadores, que ficaram ali durante a noite, mesmo tendo guardas de vigias. Nesta época a empresa mantinha no seu quadro funcional 2.500 trabalhadores.

No início do primeiro turno, às 5h da manhã, os operários que se dirigiam a fábrica se surpreenderam com seus colegas barrando a entrada da empresa. Alguns queriam entrar para trabalhar, mas não conseguiram.

Quando o Sr. Gerhard chegou para trabalhar naquele dia também pensou que poderia entrar. Num confronto com outro operário, ele caiu de sua bicicleta, tirou sua garrafa térmica e bateu na cabeça de um dos grevistas, causando alvoroço no local. Após o ocorrido voltou para a sua casa, permanecendo ali até o final da greve. Mesmo não estando junto com os

grevistas ele enfatizou que um pouco antes da greve pretendia sua demissão em função do baixo salário, um dos argumentos mais expressivo para a greve naquele ano, e esperava encontrar num outro ofício uma remuneração mais satisfatória. Porém, ao requerer sua demissão enfatizando os motivos, a direção da empresa colocou-o num outro cargo onde ganharia mais. No dia 14, ou seja, um dia antes da greve, havia começado neste serviço<sup>26</sup>.

Um trabalhador que os grevistas deixaram entrar foi Ronaldo da Luz, que trabalhava na Cooperativa dos Empregados da EIG, que ficava do outro lado da rua, pois os operários necessitavam de alimentos no período da greve, mantendo o abastecimento regular aos empregados da indústria, enfatizando, porém, que era proibida a compra de produtos, ou seja, estaria disponível aos operários apenas aquilo que possuía no estoque.

Na quinta-feira pela manhã o capitão Leônidas Cabral Herbster, Delegado Especial da Polícia, e o Delegado do Ministério do Trabalho em Blumenau, José Ferreira, chegaram à empresa para pedirem o retorno ao trabalho sob a alegação de que a greve era ilícita e que o melhor modo de manifestarem-se era através do dissídio coletivo, comentário esse feito sob as vaias dos empregados, já que para eles o dissídio não era garantia de vitória.

Naquela manhã, os operários mostravam o saldo do mês e apontavam a dificuldade de comprar leite, pão e carne, visto que os descontos na folha de pagamento e os gastos com a cooperativa consumiam todo o seu salário.

Não era novidade para a cidade as dificuldades de diversos tipos que passavam esses operários, já que isso vinha ocorrendo desde a década de 1940. Durante a guerra, as indústrias nacionais procuravam cobrir a demanda de produtos do país, com o excesso de trabalho e a necessidade de mão-de-obra para a cidade.

Em 1945, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau enviou correspondência às indústrias para enfatizar o encarecimento do custo de vida e pedir que eles aumentassem ou fizessem um abono mensal nos salários dos trabalhadores.

Durante a greve os grevistas dividiram-se em duas vertentes, um grupo cuidava da entrada da fábrica e uma comissão da fábrica buscava um contato com o Sindicato de Fiação e Tecelagem de Blumenau.

---

<sup>26</sup> Depoimento de Gerhard Defler Kertischka, citado por ANNUSECK (2004, p. 20).

Muitos dos trabalhadores da EIG eram filiados ao Sindicato Têxtil e os que trabalhavam no setor da mecânica eram filiados no Sindicato dos Metalúrgicos, que não oferecia tantos benefícios, pedimos para a empresa se podiam filiar-se no sindicato têxtil, pois este oferecia mais benefícios ao seu associado e a empresa aceitou (Seu José).

O presidente do Sindicato Leopoldo Ferrari, mostrava-se contrário à manifestação, pois ele era contra a greve e achava que se conseguiria muito mais conversando do que com violência. Há que se ressaltar que essa diretoria havia assumido no ano da greve e não contava com muita simpatia do operariado, pois era uma diretoria conservadora. Como a greve continuava, foi convocada uma reunião entre diretor-gerente da EIG e o Sindicato, mas não haviam feito nenhum acordo.

Diante da greve e do impasse nas negociações, a EIG pediu ao Delegado de Florianópolis para mandar reforços para Blumenau para acabar com a greve. No dia 17, sexta-feira, a represália por parte dos policiais que tinham vindo de Florianópolis foi iniciada.

Uma nova tentativa se registrou a meia-noite quando os choques policiais rumaram para o local atacando os grevistas com gás lacrimogêneo, ao mesmo tempo em que disparavam tiros de metralhadoras e fuzis para o ar. Não conseguiram, porém, abrir os portões, pois a eles se agarraram desesperadamente os grevistas. Na ocasião, registraram-se cenas indescritíveis no local, pois em meio ao tumulto algumas mulheres desmaiaram, enquanto outras se punham a gritar alucinadas. Não se registrou qualquer reação contra policiais, mas estes não conseguiram abrir os portões, que se mantiveram fechados<sup>27</sup>.

Segundo Seu José, comentando a greve,

os policiais soltaram bombas de gás lacrimogêneo no portão da empresa, mas nós não saímos do portão. Os policiais pensaram que poderiam acabar com a greve com sua autoridade, mas se enganaram. Os grevistas permaneceram no portão, mesmo com ameaças dos policiais. Na verdade os grevistas reagiram contra os objetivos da polícia.

A greve tinha completado três semanas e os grevistas receberam a notícia de que podiam trabalhar. A maioria deles optou pelo dissídio coletivo, só que a EIG não queria pagar os dias parados, e muitos trabalhadores

---

27 Jornal A Nação, Blumenau, 19 fev. 1950.

grevistas não tinham mais dinheiro. Fizeram, então, uma proposta à empresa: que os dias parados fossem considerados como férias, e quem não tivesse direito a férias receberia um adiantamento que seria depois descontado na folha de pagamento. Feito o acordo foi dado fim a essa greve.

Os trabalhadores da EIG voltaram ao trabalho pensando que tinham garantias, mas foram enganados. Ou seja, os que participaram da greve foram demitidos, com exceção de Ernesto Gamba, que não foi demitido pelo fato da EIG o considerar “um bom funcionário”. Mas esse foi um caso isolado. Na verdade

houve uma faxina na EIG. Foram demitidos muitos operários. O Sr. Stodieck limpou a fábrica. Tiraram todos os grevistas, aqueles que foram o pivô da greve. O pessoal da greve quase todo despedido, principalmente aqueles que trabalharam mesmo na greve. E para muitos foi uma desgraça, porque perderam o emprego, daí todo dia, todo dia, todo dia demissão e tiveram que deixar suas casas<sup>28</sup>. Isto até dava pena<sup>29</sup>.

Aqui encontramos mais uma semelhança com o estudo de José Sérgio Leite Lopes, que ao falar sobre os trabalhadores demitidos na CTP depois de uma greve, afirma que o que se viu foi a angústia e tristeza dos estáveis remanescentes, que observavam desaparecer o convívio com seus companheiros e aumentar a intensidade exigida do seu trabalho (LOPES, 1988, p. 533). Ou seja, a cultura fabril tem que ser quebrada e reordenada.

Segundo Seu José, “na EIG não era comum demitir funcionários, só ia pra rua se aprontava, geralmente nessa época eles se aposentavam na empresa”. Para eles, serem demitidos era romper com preceitos morais que estavam estabelecidos há tempo, como podemos ver nos depoimentos abaixo:

Meu pai dizia que a pessoa que era demitida da fábrica era malandra, eu trabalho<sup>30</sup>.

Minha filha, você não namora aquele rapaz porque ele foi demitido da EIG<sup>31</sup>.

Se o trabalhador fosse demitido ele “sujaria a carteira de trabalho”, ainda mais se foi no período de greve, pois quem faz greve, era considerado vagabundo.

---

28 Os operários que não participaram da greve retornaram ao trabalho e tiveram os 29 dias pagos pela empresa, não perdemos o emprego e nem o salário. (Seu José, trabalhador aposentado da EIG, e morador da vila operária). (Entrevista concedida à autora Márcia Teresinha da Silva Oliveira em 11 de janeiro de 2006).

29 Depoimento de Gerhard Defler Kertischka, citado por ANNUSECK (2004, p. 20).

30 Depoimento de Norma Schawbe, citado por ANNUSECK (2004, p. 23).

31 Entrevista concedida por Adalberto Day à Ellen Annuseck em fevereiro de 2004.

Os funcionários que não participaram da greve tiveram medo de perder o emprego e a moradia da empresa, pois não tinham onde morar e trabalhar, já estavam acostumados com a sua lida e tinham medo das mudanças. Ficaram apenas assistindo a greve de suas casas. Muitos deles foram a favor da empresa, mas na verdade ficaram torcendo para que a greve continuasse, pois o seu salário também seria aumentado e não perderiam emprego e nem a sua morada na vila. A grande maioria dos grevistas eram funcionários que não moravam na vila operária e não tinham o que temer porque geralmente tinham suas próprias casas ou moravam com os pais.

Eles sabem que a greve é boa, mas eles vão lá, denunciam os outros, porque eu presenciei isso, as pessoas denunciam aqueles que estão na greve, tiram fotografias, gravam. Faz tudo isso. Eu acompanhei isso tudo. Eu estive na greve de 1989. Então o que aconteceu, essas pessoas queriam, ficavam no lado da empresa, mas superficialmente, por trás elas torciam para que a greve tivesse êxito, e assim eu conheço um monte de gente. Todo mundo, mesmo aquele que não quer a greve. E também quero dizer que essa greve de 1950 não foi de 30 dias como se comenta por aí não, foram 29 dias. Porque se caracterizasse 30 dias o que aconteceria? Eles poderiam ser todos demitidos por justa causa, então foram 29 dias<sup>32</sup>.

Não se sabe ao certo se os funcionários da EIG receberam aumento. Os operários entrevistados não se lembram se houve aumento nos seus salários. Mas jamais esqueceram a greve de que participaram, lutando pelos seus direitos e sua dignidade no trabalho.

A greve foi o ponto mais alto da insatisfação dos empregados em relação a empresa, não foi somente em busca de melhores salários, também queriam o cumprimento das antigas situações como, por exemplo: a restituição, em 1942, da jornada de 10 horas de trabalho e o fim do dissídio coletivo.

Essas greves nos mostram que o pretendido domínio sobre os trabalhadores não era tão efetivo assim, apesar de alguns dele morarem na vila operária e não se intimidarem com a causa da greve.

#### **IV - Considerações finais**

O objetivo deste trabalho foi discutir as relações que se estabeleceram entre a EIG e seus trabalhadores, notadamente os que moravam na

32 Entrevista concedida por Adalberto Day à Ellen Anuseck em fevereiro de 2004.

vila operária. Trabalhar sobre esse tema foi um grande desafio, pois há pouco material acessível e nenhum livro publicado até agora sobre a história da vila operária da EIG. Esse desafio nos fez olhar de modo diferente para um tipo de dominação que ocorria nesta relação, isto é, a subordinação dos trabalhadores via moradia.

Para muitos que chagavam em Blumenau, trabalhar na EIG era o desejo, pois nela poderiam usufruir deste imenso “eldorado”, que oferecia inúmeras vantagens para todos. Além disso, trabalhar na EIG era sinal de status.

As vantagens para os empregados da empresa era a moradia oferecida e cobrada um valor simbólico, benefícios que a empresa oferecia aos seus familiares, compra de alimentos a preços de custo na cooperativa e a certeza de que seus filhos seriam aceitos como trabalhadores da empresa quando completassem a idade de serem inseridas no mercado de trabalho.

Contudo, isso era uma forma de controle e disciplina para os empregados, e também de estímulo a dar o melhor em prol da empresa, pois não queriam perder os benefícios que lhes eram concedidos.

Já mencionamos certas manifestações de uma mudança na maneira em que foi exercida a dominação por parte da EIG, tendo por ponto de inflexão o início dos anos 1950. Tal mudança materializou-se em transformações no exercício dos “benefícios sociais” concedidos pela CTP, tais como a assistência médica, o auxílio às atividades religiosas, assim como a organização do lazer e dos divertimentos da população trabalhadora de sua vila operária.

Segundo Lopes (1988, p. 279) estas manifestações de mudanças, vinculadas ao aparato institucional e “ideológico” exterior à produção da companhia, por ela montado para enquadrar seus operários, relacionam-se com as mudanças ocorridas no interior das relações sociais diretamente subjacentes à produção fabril.

Por isso, por exemplo, houve greves, pois a maioria não estava satisfeita com seus salários e com seus direitos trabalhistas. Uma dessas greves foi a de 1950, que durou 29 dias e reforçou o “pacto” existente até então, apesar de nem todos os trabalhadores aderirem à greve.

Assim aparecem as características paradoxais desta dominação interiorizada, que se solidifica e se consolida como interiorização em perí-

odo posterior à vigência desta modalidade específica de dominação, elaborando-se por comparação, contraste e oposição a novas modalidades assumidas por uma dominação geral mais permanente.

Analisando as entrevistas e conversas com pessoas que trabalharam e moravam na vila operária, podemos perceber que, apesar das greves, dos baixos salários e os descontos na folha de pagamento, todos os benefícios (casa, cooperativa de consumo e emprego aos filhos oferecidos pela empresa), eram realmente vistos pela maioria dos trabalhadores mais como benefícios do que como forma de dominação, notadamente no caso do controle sobre as casas.

## V – Referências bibliográficas

- ALVIM, Rosilene. **A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren**. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.
- ANNUSECK, Ellen. De braços cruzados: a greve de 1950 na Empresa Industrial Garcia. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, tomo XLV, nº. 5/6, maio/jun, 2004.
- Calendário Blumenauense, 1950.
- CORREIA, Telma de Barros. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criada por empresas no vocabulário especializado e vernacular. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, ANPUR, nº. 4, 2001.
- CORREIA, Telma de Barros. **Moradia e trabalho: o desmonte da cidade empresarial**. Anais do VII Encontro de Arquitetura e Urbanismo, Recife, 1997.
- DOARÉ, Hélène. Divisão sexual e divisão internacional do trabalho: reflexões a partir das fábricas subcontratadas de montagem (México e Haiti). In: **O sexo do trabalho**. BULPORT, Andrée Kartchevsky. (Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- Jornal A Nação, Blumenau, 19 fev. 1950.
- LOPES, José Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade dos chaminés**. Brasília: UNB/Rio de Janeiro: Marco Zero, 1988.
- LOPES, José Sérgio Leite. Fábrica e Vila Operária: considerações sobre uma forma de subordinação burguesa. In: LOPES, José Sérgio Leite et al.. **Mudança social no Nordeste: a reprodução da subordinação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SCHÖRNER, Ancelmo. **O arco-íris encoberto – Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas**. Joinville: Oficina Comunicações, 2000.

# A Ilha de Santa Catarina, chave da presença espanhola na América Meridional

Carlos Humberto Pederneiras Corrêa

Artigos

Séc. XVI ao XVII

O *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*, publicado em 1845 em Paris, por Milliet de Saint-Adolphe, descreve, resumidamente, a baía de Santa Catarina, na costa meridional do Brasil, como uma soberba baía formada pela ilha deste nome, bem próxima ao continente, dividida por duas pequenas línguas de terra que avançam da ilha e da terra firme, com entrada protegida tanto pelo norte, quanto pelo sul, porém perfeitamente navegáveis. Com uma profundidade máxima de até 50 metros, atualmente bem menor; pouco varrida por ventos que incomodem os navios aí fundeados; com aguadas abundantes e gratuitas ao longo das costas insular e continental, e madeira para construção e reparação de embarcações de alguma avaria por maior que fosse. Era a visão que os europeus tinham da costa catarinense, principalmente da Ilha de Santa Catarina e seu entorno, ainda nas primeiras décadas do século dezanove; a mesma que tinham os europeus três centenas de anos antes, no século dezesseis.

O Almirante inglês George Anson, um dos mais experimentados navegadores de sua época, que esteve na Ilha de Santa Catarina em 1740, coman-



dando uma esquadra contra os espanhóis, declarou ser aquele porto o melhor abrigo de toda a costa brasileira.

Esta verdadeira dádiva da natureza tinha capacidade de abrigar algumas vezes a maior força naval conhecida no século dezoito, como o foi com a magnífica esquadra espanhola de D. Pedro de Cevallos Cortez y Calderón, composta de 116 embarcações de guerra e transporte, grandes e pequenas, conduzindo nada menos do que 9.800 militares e tripulantes para invadirem a Ilha de Santa Catarina a mando de Carlos III, em 1777, como veremos ao longo deste pronunciamento. Era a maior e mais bem equipada força naval que tinha cruzado o Atlântico até então, e esta qualificação permaneceu ainda por muitos anos.

A importância estratégica desta baía se estendeu inclusive até os inícios do século dezenove, quando o Príncipe Regente de Portugal, D. João, assinou um tratado secreto com a Inglaterra nos fins de 1807, permitindo que as embarcações inglesas, militares ou comerciais, tivessem autorização de se abrigarem na protegida baía de Santa Catarina toda vez que estivessem em perigo diante da temida esquadra francesa de Napoleão Bonaparte. Após a chegada da Família Real Portuguesa e toda a sua Corte ao Brasil, no ano seguinte de 1808, e a abertura dos portos brasileiros a todas as nações amigas, onde se incluía naturalmente o Reino Unido, o Tratado secreto que protegia os navios da Inglaterra caiu por terra.

O bicentenário da transferência da Família Real para o Brasil, fato histórico da maior relevância que alavancou os acontecimentos que eclodiram na Independência, em 1822, será amplamente comemorado no Brasil, no ano que vem de 2008.

Esta Ilha de Santa Catarina, praticamente desabitada, mas abarrotada de frutas e verduras, água potável, carnes de caça e peixes, estava a meio caminho entre o Rio de Janeiro e a foz do Rio da Prata e a poucos quilômetros do ponto limite meridional do território português na América, a póvoa de Laguna, pela passagem da conhecida Linha de Tordesilhas que dividia o mundo entre Portugal e Espanha. Este importante destaque geográfico da costa do Brasil Meridional foi desprezado por Portugal desde o Descobrimento, em 1500, até o século dezoito; porém, cobiçado por todas as nações européias que desciam o Atlântico oriental e se dirigiam para o Oceano Pacífico com fins comerciais ou de exploração científica, ou mes-

mo objetivos políticos e militares, principalmente pela coroa espanhola, pois lhe permitia chegar ao interior da América do Sul sem tocar no Rio de Janeiro, abrigar e abastecer seus navios e se preparar para adentrar o continente em direção a lendária nascente do Rio da Prata, ou mesmo pelo litoral, para proteger Buenos Aires na foz do mesmo rio.

A Ilha de Santa Catarina, assim denominada por Sebastião Caboto em 1526, ao longo destes quase quinhentos anos tem desempenhado um papel significativo na povoação do Brasil meridional e mesmo do Paraguai, Uruguai e Argentina. Função das mais importantes e desempenho respeitável, que decaiu somente a partir do declínio do uso da vela nas embarcações que se dirigiam para o Rio da Prata e mesmo às freqüentes viagens científicas ou simplesmente exploratórias de circunavegação do globo, na segunda metade do século dezanove. Papel que lhe foi dado, contudo, justamente pelo seu caráter de insularidade muito próxima ao continente, pela existência de uma respeitável baía separando-a do continente e pela localização praticamente a meio caminho entre o Rio de Janeiro, sede do Vice-Reinado do Brasil, e Buenos Aires, como que representando uma importante função de união entre os povos ibéricos e suas presenças na América do Sul; entre os idiomas português e castelhano, e a difusão da cultura ibérica nesta parte da América, enfim, entre as duas potências globais que foram Espanha e Portugal a partir do século dezesseis, quando dos grandes descobrimentos.

Europeus e também norte-americanos que se dirigiam ao Rio da Prata e mesmo em suas viagens de circunavegação tinham, necessariamente, que aportar na costa catarinense, principalmente numa das baías que separaram a Ilha de Santa Catarina do continente, para se abastecerem de víveres e encherem seus tonéis de água potável. A grande maioria dos navegadores, depois de atravessarem o Atlântico, primeiramente aportavam na costa catarinense para não passarem pela Bahia ou pelo Rio de Janeiro, pois naqueles portos tinham que pagar altas somas à título de imposto, e somente depois prosseguiram viagem para o sul do continente.

Por outro lado, temos que considerar a importância da posição da Ilha de Santa Catarina dentro dos objetivos políticos da Espanha, uma vez que, a partir de 1532 o Conselho das Índias autorizou o início da política de povoamento do Rio da Prata, com a fundação de Buenos Aires quatro anos

depois, em 1536, e no mesmo ano, também com a fundação de Nuestra Señora de la Assunción, às margens do Rio Paraguay. Em decorrência disto, a política de povoamento da costa de Santa Catarina, então litoral da Capitania de Sant'Ana, de propriedade dos descendentes de Pero Lopes de Sousa, também estava presente na estratégia espanhola de expandir o catolicismo na América sob o reinado de Carlos I, já que, a partir da Ilha os exploradores poderiam adentrar mais facilmente no continente, em direção ao Paraguai e ao Rio da Prata, como o fez D. Alvar Nuñez Cabeça de Vaca em 1541 e como pretendiam seus sucessores, navegadores e demais exploradores de terras desconhecidas. Dentro deste contexto justifica-se o grande número de navegantes espanhóis aportando constantemente à Ilha, principalmente ao longo do século dezesseis.

Entretanto, se procurarmos os navegadores portugueses que por lá estiveram, que tenham deixado algum registro de suas passagens pelo litoral catarinense, desde o Descobrimento, poucos foram os lusos, enquanto que espanhóis, ingleses, alemães, russos, holandeses e franceses contam-se em grande quantidade. Os espanhóis, em maior número e com mais frequência. Juan Dias de Solis que por aí passou em 1515, quinze anos somente depois do Descobrimento do Brasil, era espanhol, como também era espanhola a expedição de Sebastião Caboto que batizou de Santa Catarina a Ilha em 1526, apesar daquele navegador ser italiano; como também eram espanhóis D. Pedro de Mendoza que passou pela Ilha antes de fundar Buenos Aires em 1535 e dela se valer para se proteger dos nativos do Prata, Gonzalo de Mendoza, Rui Moschero, Alonso Cabrera que aportou na Ilha em 1537, era espanhola a expedição de 1540 da qual participou o alemão Hans Staden; era espanhol o conhecido D. Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca que em 1541 foi nomeado pelo Rei Carlos I, da Espanha, para tomar posse das terras da Coroa e que obteve o título de "*Governador de Santa Catarina*" antes de partir para Assunção, por terra; como também eram espanhóis Juan de Sanábria, de 1549, Hernando de Trejo y Sanábria, Jaime Rasquin, Pedro Ortiz de Zarate e Diego Mendieta e muitos outros, alguns deles analisados a seguir.

Outros visitaram a Ilha, de nacionalidades diversas ou portadores de outras bandeiras, como os franceses Binot Paumier de Gonville em 1504, Amédée François de Frézier em 1712, Antoine Joseph Pernetty em 1763, e Jean-François Galaup de La Pérouse em 1785; os ingleses George Shelvocke

em 1719, a mando do Imperador Carlos IV, William Betagh, George Anson em 1740, James George Lisle e John Mawe, inclusive o jovem Charles Darwin que por ali aportou e deixou registrada a paisagem insular numa pequena aquarela; o alemão Adan Johann von Krusenstern que comandou uma expedição russa no início do século dezenove e o também alemão e grande naturalista Georg Heinrich von Langdorff. Era russo Vassili Golovnin, como era norte americano David Porter.

A grande maioria deles deixou importantes relatos de suas passagens pelo litoral e pela Ilha, análises de todas as sortes e comentários dos mais respeitáveis para o conhecimento do homem que aí habitava e da natureza que o envolvia, a fauna e a flora, e a compreensão das diversas formas de ocupação europeia empreendida na época. Existem, inclusive, interessantes relatos de navegadores orientais que por lá passaram, com comparações de aspectos culturais das suas civilizações com os europeus que aqui, na América do Sul, estiveram.

Lusos, a mando da Casa Real Portuguesa ou mesmo aventureiros portugueses, pela Ilha de Santa Catarina passaram muito poucos, dentre eles Don Nuno Maciel, em 1514, e Cristovão Jacques, sete anos depois, em 1721. Praticamente ignora-se qualquer outro navegante, além dos poucos citados, que pela costa catarinense tivesse feito escala e refresco sob a bandeira portuguesa. Nem mesmo o Capitão Mor da Capitania de Santana, Pero Lopes de Sousa, irmão de Pero Lopes de Sousa e que participou de uma expedição de reconhecimento à foz do Rio da Prata em 1532, a mando de D. João III, tornando-se o primeiro europeu a adentrar aquele rio, sequer fez uma parada na Ilha que lhe pertencia por doação da Coroa, por menor que fosse a permanência, passando ao largo.

A surpreendente quantidade de navegadores que velejaram sob bandeiras as mais variadas demonstra o descuido com que Portugal tratava seus limites com as terras espanholas principalmente no século dezesseis, da mesma maneira com que também demonstra este desleixo luso o fato de Cabeza de Vaca se denominar Governador de Santa Catarina; de Pedro de Mendoza, a mando da coroa espanhola, em 1535, ao fundar a cidade de Buenos Aires mandar buscar alimentos na Ilha de Santa Catarina como se dele fosse e fazer levar para o Sul todos os espanhóis que lá estavam; e, finalmente, ainda duzentos e quarenta e dois anos depois, em 1777, o fato

de D. Pedro de Cevallos, nomeado Vice-Rei de Buenos Aires, comandando uma extraordinária esquadra, invadir a Ilha de Santa Catarina e por lá deixar ficar uma numerosa tropa por mais de um ano, só saindo por força da assinatura do Tratado de Santo Ildefonso assinado por Portugal e Espanha.

Qual razão levou os portugueses a desprezarem o ponto estratégico mais importante dos limites com as terras espanholas, vital para a conservação e expansão do Império luso para o sul da América? Teria sido somente por que não poder adentrar-se para o interior por causa do impedimento da linha de Tordesilhas? Teria sido também unicamente pelo fato de seus interesses se situarem na costa norte do Brasil em vista da exploração da madeira ou em busca de metais preciosos, na região das montanhas das Minas Gerais? Ou teria sido também pelo fato de entre 1580 e 1640, quando da União Ibérica, a costa norte do Brasil ter sido ameaçada e invadida pelos holandeses e franceses, inimigos da Espanha, o que desviava a atenção do Império português. Finalmente, o próprio fato das Capitânicas de São Vicente e Santo Amaro e as Terras de Santana, as mais meridionais da costa brasileira, serem de propriedade dos mesmos descendentes de um único donatário, Pero Lopes de Souza, também contribuiu para esta negligência, pois dificultou as reais demarcações de cada um destes lotes.

O fato é que nos séculos dezesseis e dezessete, o litoral catarinense estava praticamente nas mãos de navegadores espanhóis e, em consequência, da Coroa daquela nação, o que proporcionou ao Reino da Espanha mais que justificativa para invadir e se apoderar da fortalecida sede da Capitania da Ilha de Santa Catarina, em 1777. Somente a partir daí, com a devolução da Ilha por exigência do Tratado de Santo Ildefonso, o Império português teve condições de se considerar consolidado na América do Sul.

Desta maneira, a posição ímpar da Ilha de Santa Catarina na costa sul do Brasil lhe deu papel de extrema importância na entrada e fixação espanhola das diversas regiões pelas quais a penetração pelo Atlântico era possível, dando oportunidade ao surgimento posterior de nações como a Argentina, o Uruguai e o Paraguai que a partir de agora, permitam-me, me fazer sentir integrante de sua maior instituição cultural.

A ausência lusa na Ilha de Santa Catarina a nós interessa menos do que a presença espanhola, porque, apesar do fato da omissão, da falta de uma presença, da omissão de uma ação mais contundente por parte da

coroa portuguesa, muitas vezes fundamental, também fazerem história ao longo dos séculos, a presença física de uma força representante de uma potência da expressão da Espanha foi decisiva para a destinação histórica da formação desta parte da América do Sul.

Devemos analisar a atuação de alguns dos principais nomes espanhóis ou a serviço da Espanha que estiveram presentes naquela região, e as conseqüências que daí advieram para a formação dos países fronteiriços ao Brasil, na América do Sul. A primeira expedição espanhola de importância que passou pela costa catarinense foi a comandada por Juan Dias de Solís, Piloto-Mor da Espanha em 1515, isto é, quinze anos depois do Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral como já nos referimos anteriormente. Depois de ter tocado em alguns portos brasileiros, Solís chegou à baía que separa a Ilha de Santa Catarina do continente, até então batizada de Ilha dos Patos, denominando-a de *Baía de los Perdidos* justamente por ter aí encontrado alguns náufragos europeus de alguma expedição anterior. Após deixar a costa catarinense, dirigiu-se ao Rio da Prata, sendo morto pelos índios charruas. Em conseqüência, os remanescentes da expedição resolveram regressar à Espanha, entretanto, uma das embarcações, desarvorada por uma violenta tempestade, procurou abrigo numa das baías da Ilha dos Patos, indo de encontro aos rochedos e naufragando. Dos seus treze tripulantes, onze conseguiram alcançar a terra. Por isto, a extremidade sul da Ilha de Santa Catarina ainda hoje se denomina Ponta ou Praia dos Naufragados. Dentre os náufragos, encontrava-se o português Aleixo Garcia .....

Em 1525 a Espanha preparou outra expedição, desta vez destinada às Molucas, comandada por Jofre Garcia de Loaysa. Um dos seus galeões, entretanto, comandado por D. Rodrigo de Acuña, arribou na costa de Santa Catarina, onde foram encontrados quatro dos onze náufragos da expedição de Solís. Os demais, segundo informação, tinham se aculturado aos indígenas e constituído famílias. Dezesete homens de Acuña resolveram desertar e misturarem-se aos náufragos de Solís, passando todos a viverem na Ilha.

Para a História de Santa Catarina, entretanto, a expedição espanhola mais importante foi a comandada pelo navegador veneziano Sebastião Caboto, em 1526. Criado na Inglaterra, Caboto, com seu pai João e irmãos, foram uns dos descobridores europeus da América do Norte em 1497. Após

duas outras viagens ao Novo Mundo, em 1518 foi nomeado por Carlos I da Espanha, Piloto-Mor daquela coroa. Em conseqüência, em 1525 armou uma expedição que saiu de Sanlúcar de Barrameda, em Cádiz, no ano seguinte, para descobrir algumas ilhas no Oriente, passando pela costa brasileira. Em Pernambuco, teve notícia através de alguns náufragos de Solís, da existência de um extraordinário império situado no interior da América do Sul, opulento em ouro e outras riquezas. Contagiado pelos relatos, mudou o itinerário por sua conta e risco, navegando até a foz do Rio da Prata e subindo os rios Paraná e Paraguai, onde fundou pequenas povoações, sementes da conquista e da colonização espanhola na bacia daquele rio até então denominado Rio de Solis, que os portugueses tinham denominado “da Prata”.

Em outubro de 1526 Caboto chegou a Ilha dos Patos, futura Ilha de Santa Catarina, e entrou em contato com alguns desertores da malograda expedição de D. Rodrigo de Acuña. Aproveitando a existência de boas madeiras, resolveu permanecer no local para construir um batel, pois o que acompanhava sua nau Capitânia havia sido perdido num temporal. A permanência de Caboto na Ilha foi uma das mais demoradas dos quanto por ali passaram, isto é, quatro meses. Fundeando na baía do sul, ergueu cabanas para que fosse construído o batel, além de se suprir dos mais variados víveres em quantidade: animais e aves, peixes, frutas e verduras, além de fio para calafete, cera e carvão. A convivência com os indígenas era pacífica na pequena aldeia que fez erguer. Em 25 de novembro, data consagrada à Santa Catarina de Alexandria, a pequena embarcação ficou pronta e Caboto resolveu batizá-la com o nome da santa, estendendo a denominação também à Ilha que até aquele momento se denominava *dos Patos*, e mudando para *Ilha de Santa Catarina*. A denominação se conserva até hoje e se transmitiu, posteriormente, a todo o território que hoje constitui o Estado, até o extremo oeste, com as fronteiras com a Argentina.

A historiografia catarinense discutiu por algum tempo se a denominação de Caboto havia sido feita verdadeiramente em função da data em louvor à Santa Catarina de Alexandria, 25 de novembro, ou uma homenagem à esposa do navegador, Catarina de Medrano, com quem se casara em segundas núpcias. Entretanto, estudos mais recentes mostraram que a referida senhora era um verdadeiro pesadelo na vida de Caboto, maltratando-o

e sujeitando-o a ridículos papéis em sua vida a ponto do navegador estar sempre à procura de uma expedição para qualquer lugar que fosse longe de casa, para se ver livre da mulher. Parece que sua relação com a esposa não era amantíssima o suficiente a ponto de lhe homenagear com a denominação de uma ilha na costa do Brasil.

Após completar os serviços náuticos necessários e abastecer-se devidamente, em fevereiro de 1527 Sebastião Caboto fez-se ao mar em direção ao Rio da Prata, levando em sua companhia alguns dos abandonados ou desertores de D. Rodrigo de Alcuña. Em compensação, deixou outros ou por motivo de doença ou de castigo a aqueles que o censuraram de não prosseguir na direção das Molucas, como havia sido ordenado, mas sim para do Prata. Nas margens daquele grande rio, Caboto fundou um estabelecimento denominado San Salvador, onde também deixou cerca de 40 homens. Retornando do sul três anos depois, Caboto sequer voltou a Ilha de Santa Catarina para saber de seus abandonados, passando ao largo.

Em 1529, o *Mapa Mundi* de Diego Ribeiro, sucessor de Caboto como Cosmógrafo Real de Carlos I, em Sevilha, fez constar, pela primeira vez, a denominação de *Santa Catarina* para a ilha e a baía que a acompanha. Era mais uma presença histórica espanhola na vida da Ilha de Santa Catarina.

Em 1532 o Conselho das Índias resolveu povoar oficialmente o Rio da Prata e a Coroa espanhola passou a incentivar com maior empenho as viagens para a região. Dois anos depois, em 1534, D. Pedro de Mendoza y Luján, foi nomeado por Carlos I “Adelantado”, com funções de Governador, Chefe Militar e Magistrado e autoridade para fundar fortalezas e povoações na América do Sul com o objetivo de consolidar a soberania da Espanha na região. Mendoza era filho de um representante de uma das mais poderosas aristocracias espanholas e desde muito cedo tinha entrado para o serviço do Rei, como pajem. Acompanhou o soberano espanhol em sua viagem à Inglaterra em 1522 e recebeu o título de Cavaleiro de Alcântara. Em 1533 começou as gestões que o converteram em *Conquistador do Prata*, e dois anos depois zarpou do porto de São Lucas, na Espanha, em direção à América do Sul, tendo sua frota sido dispersada na costa do Brasil, mais precisamente em Santa Catarina. Na grande expedição colonizadora ou “conquistadora” como haveria de querer seu chefe, iam Gonzalo de Mendoza, irmão do “Adelantado”, Gonzalo da Costa e Juan de Salazar,

dentre muitos outros, além de soldados, colonos, missionários, gado vacum e cavalari, e uma tripulação de flamengos, alemães, gregos, italianos e portugueses, além, naturalmente, de espanhóis. Os dois primeiros, Gonzalo de Mendonza e Gonzalo da Costa, já haviam estado na Ilha de Santa Catarina como náufragos. Após reunir seus navios, D. Pedro de Mendonza desembarcou na Ilha de Santa Catarina para ser curado de uma doença, onde levantou várias edificações de taipa para montar o material militar que levava, seguindo, depois de sarado, em direção à foz do Rio da Prata e fundando um primeiro assentamento com a denominação de *Puerto de Nuestra Señora Maria del Buen Aire*, em 2 de fevereiro de 1536.

Os indígenas locais, em princípio, não reagiram à chegada dos espanhóis, porém, depois, cessou a boa vontade e passaram a negar-lhes a entrega de víveres, o que levou D. Pedro de Mendoza a entrar em luta, provocando tremendas represálias de ambas as partes. Ao mesmo tempo, foi destacado seu sobrinho, Gonzalo de Mendoza, para voltar à Ilha de Santa Catarina a fim de conseguir suprimentos que haviam deixado, e outros apetrechos mais. O retorno de Gonzalo ao Rio da Prata não conseguiu impedir que os nativos destruíssem toda a aldeia e a lavoura de D. Pedro, nem sequer a morte de cerca de 600 espanhóis que o acompanharam. Em Santa Catarina, Gonzalo tinha sido recebido com hospitalidade pelo gentio, porém não retribuiu tal procedimento, pois exigiu que o acompanhassem todos os europeus que estavam na Ilha e tinham servido de interpretes e fiadores da boa amizade que os indígenas lhe dedicaram.

Em março de 1541 chegou à Ilha de Santa Catarina, D. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, com 400 homens e 46 cavalos. Este fidalgo andaluz tinha percorrido a América do Norte de leste a oeste, onde foi aprisionado pelos indígenas locais, a quem queria conquistar. Libertado, tornou-se mascate e curandeiro e, retornando à Espanha em 1537, conseguiu de Carlos I o título de “*Governador da Ilha de Santa Catarina*” e “*Adelantado*” da província do Rio da Prata, com sede nesta cidade de Assunção. Diante do desleixo luso pela região, a Espanha pensava que a Ilha e adjacências lhe pertenciam pelo Tratado de Tordesilhas e a pretensão da Coroa era de colonizá-la com urgência antes que Portugal o fizesse, política que Carlos I acreditava sinceramente e colocou em execução durante todo o seu reinado.

Cabeza de Vaca demorou-se na Ilha de março a julho, também con-

quistando a amizade dos indígenas e pretendendo reconciliar, inclusive, as relações entre estes e alguns padres espanhóis que haviam sido ali abandonados por outra expedição. Depois de explorar a Ilha e o continente contíguo, estabeleceu uma povoação estável com 140 colonos na parte continental da baía de Santa Catarina. Em outubro de 1541, deixando estes homens na Ilha, Cabeza de Vaca seguiu para o norte e penetrou no pequeno rio Itapocú, devolvendo a nau que o levava até aquele ponto, e embrenhando-se pela Serra do Mar em direção a Assunção, o maior núcleo espanhol da época, na América meridional, já fundada em 1537, com base num povoado guarani, pelo espanhol Juan de Salazar. Juan de Salazar era nascido em Burgos e também havia tomado parte da expedição de Pedro de Mendonza quando esteve na Ilha de Santa Catarina

Cabeza de Vaca abriu caminhos pelas matas, atingiu a foz do Rio Iguaçu, descobrindo as grandes cataratas ali existentes, e despediu-se dos aborígenes catarinenses que o haviam levado através do chamado *Caminho do Peabirú*, que servia de união entre os povos primitivos do Atlântico e os Incas, nos Andes. A expedição de Cabeza de Vaca atingiu Assunção em março de 1542. Os 140 homens deixados na Ilha de Santa Catarina que deveriam seguir por mar para Buenos Aires, aí ficaram, dando início a um bom núcleo de povoamento, se bem que de existência efêmera.

As persistentes aspirações de Carlos I de conquistar a Ilha de Santa Catarina não terminaram aí. Em 1540 o monarca espanhol incumbiu seu Tesoureiro-geral, Juan de Salazar, o mesmo fundador de Assunção, de empreender outra expedição à América do Sul, levando em sua tripulação o artilheiro Hans Staden. Este arrojado soldado alemão mais tarde veio a ser conhecido por seus relatos aventureiros no Brasil, bem como na elaboração de desenhos ilustrativos que o gravador flamengo Theodore De Bry tornou famosas. Coube a Hans Staden a elaboração do primeiro mapa da Ilha de Santa Catarina e continente próximo, com a localização das tribos indígenas tanto as insulares quanto as continentais.

A certeza de Juan de Salazar de que a Ilha de Santa Catarina pertencia à coroa espanhola ficou registrada em carta que enviou ao Conselho das Índias, datada de 1552, anotando que os portugueses que aí aportavam diziam aos indígenas serem castelhanos e de paz, o que lhes permitia abastecer seus navios e levá-los como escravos para venderem em São Vicente.

Entretanto, no ano anterior, 1551, o próprio Juan de Salazar havia procurado o primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza, solicitando auxílio para resgatar os sobreviventes de sua expedição que haviam naufragados na Ilha de Santa Catarina, no que foi prontamente atendido por aquela autoridade portuguesa, apesar dos náufragos permanecerem por quase dois anos na Ilha.

A relação dos espanhóis que estiveram na costa catarinense ainda no século dezesseis, mais particularmente da Ilha de Santa Catarina, não se limitou a estes poucos que nos referimos. Dentre outros, cabe citar o metelinense Juan de Sanabria, que também reivindicou o título de Adelantado do Rio da Prata e pela Ilha de Santa Catarina passou em 1549; Jaime de Rasquim em 1559, Juan Ortiz de Zarate no mesmo ano, e muitos outros de menor importância.

O fim do século dezesseis foi marcado pela união das coroas ibéricas de Portugal e Espanha, entre 1580 a 1620. Com a morte de D. Sebastião, Rei de Portugal, em 1578, na batalha de Alcácer Quibir contra os mouros, no norte da África, o trono luso ficou sob a regência do Cardeal D. Henrique que se preocupou na indicação de um sucessor legal para evitar em levar o império a uma guerra civil. Vários pretendentes disputaram a vaga, entre eles D. Antônio Prior do Crato, sobrinho do Cardeal, e Felipe II, Rei de Espanha e bisneto de D. Manuel, o Venturoso, de Portugal. D. Antônio gozava de popularidade, pois a nação o via como único candidato de desafiar Felipe II, que contava com o apoio da nobreza e da burguesia portuguesa aos quais prometera inúmeros favores. Com a morte do Cardeal-Rei antes de solucionar a questão, o monarca espanhol invadiu Portugal com um forte exército para assegurar a sua coroação, formado assim um grande império que se estendeu por todos os continentes.

Quando se consagrou a União Ibérica, a Espanha vivia um momento único de esplendor em sua história. Era a sua Idade de Ouro. Em consequência, o poder de Portugal foi decaindo, a ponto de torná-lo uma simples província administrada por funcionários espanhóis que forçaram o aumento das taxas para sustentar as guerras travadas contra a França e a Holanda. Na América do Sul, durante estes sessenta anos da União Ibérica, as linhas divisórias entre os dois impérios se apagaram, permitindo a entrada de espanhóis na Ilha de Santa Catarina com mais frequência do que o normal e

legalmente. No século dezessete fundaram-se três póvoas iniciais ao longo da costa catarinense (Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco, em 1658, no norte; Nossa Senhora do Desterro, em 1675, na Ilha de Santa Catarina; e Santo Antônio dos Anjos da Laguna, em 1676, no sul), todas elas por bandeirantes de origem paulista, e os espanhóis se voltam à exploração do Rio da Prata, deixando a costa do Brasil Meridional, pelo menos aparentemente, em paz, por algum tempo.

Diante de desenvolvimento de Buenos Aires como produto da importação da prata dos Andes, em 1680, depois da divisão, Portugal funda na margem esquerda do Rio da Prata, diante daquele porto espanhol, uma Colônia do Sacramento, na atual costa do Uruguai, com o objetivo de controlar o comércio espanhol da região. Economicamente, o local era importante para as duas coroas pelo intenso contrabando que se fazia naquele estuário, envolvendo, de um lado, navios portugueses e embarcações mercantes inglesas, e de outro, as grandes embarcações de transporte espanholas. A Colônia do Sacramento, às margens do Rio da Prata, floresceu e tornou-se séria ameaça para os espanhóis, representando uma ameaça ao monopólio desta coroa, que a tornava alvo de constantes ataques militares, fazendo com que mudasse de mãos com frequência. Apesar de dispendiosa a Colônia, os portugueses da região consideravam-na fronteira natural entre os dois impérios, no Novo Mundo, pois a linha de Tordesilhas não era mais respeitada desde 1640.

Em 1735 a Colônia do Sacramento foi invadida pelos espanhóis, não sem sustentar uma grande resistência. No ano seguinte, a metrópole portuguesa determinou ao Vice-Rei do Brasil, André de Melo e Castro, conde de Galveias, que preparasse uma expedição sob o comando do Brigadeiro José da Silva Paes para aliviar a situação no sul. Passando pela costa catarinense, Silva Paes demorou-se na Ilha de Santa Catarina para se abastecer e deixar um pequeno contingente militar para guarnecê-la, visto que somente agora era reconhecida sua importância estratégica pelos portugueses. Posteriormente, por determinação da Coroa lusitana, aquele Brigadeiro assumiu o comando civil e militar da Ilha, com a criação da Capitania da Ilha de Santa Catarina, em março de 1739, onde permaneceu por nove anos na administração, como seu primeiro Governador. A política do Brigadeiro José da Silva Paes em Santa Catarina caracterizou-se por uma intensa atividade

militar, desenvolvendo um verdadeiro e aparentemente poderoso sistema de fortificações através da construção de quase uma dezena de fortes, fortalezas e baterias em torno da costa da Ilha de Santa Catarina e em ilhotas adjacentes, principalmente na proteção da entrada de suas duas baías.

Paralelamente ao sistema de fortalezas, desenvolveu também uma política de povoamento não só na Ilha de Santa Catarina, mas também em todo o continente meridional da América, até o Rio da Prata. Em consequência, o Conselho Ultramarino, de Portugal, autorizou a transferência para o litoral de Santa Catarina de seis mil casais originários das Ilhas dos Açores e da Madeira para o necessário e definitivo povoamento das terras portuguesas na América do Sul. A imigração açoriana e madeirense para a costa de Santa Catarina, a partir de 1748, mormente para a Ilha sede da Capitania, em número superior aos habitantes que ali se encontravam, não só contribuiu significativamente para a multiplicação da população, como também emprestou à terra características básicas da sua cultura, dando à gente catarinense uma feição inconfundível que permanece até os dias atuais. A Silva Paes coube receber os primeiros transportes, distribuindo os colonos pelo interior da Ilha e promovendo a criação de um Batalhão, depois transformado em Regimento. Os governadores da Capitania que se seguiram depois do Brigadeiro receberam os transportes que faltavam, distribuído os casais para outros sítios e fundado inúmeros povoados na província vizinha, São Pedro do Rio Grande do Sul e no litoral da atual República Oriental do Uruguai.

A expansão populacional dos açorianos ao longo da costa sul do Brasil atingiu também o território fronteiriço aos espanhóis, povoando boa parte do território que hoje é a República do Uruguai. Assim, boa parte da população uruguaia tem sua origem nos açorianos que chegaram à América do Sul pela Ilha de Santa Catarina.

Em 1750, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madrid que revogou definitivamente o Tratado de Tordesilhas, de 1494, permutando a Colônia do Sacramento (fundação portuguesa em território espanhol) pelo território dos Sete Povos das Missões (fundação espanhola em território português), consagrando o princípio do *Uti-Possidetis* e definindo o Rio Uruguai como fronteira oeste do Brasil com a Argentina, dentre outras resoluções. A morte de D. João V e a consequente ascensão de D. José I ao

trono de Portugal no mesmo ano da assinatura do Tratado de Madrid, com a promoção do Marquês de Pombal como todo poderoso Primeiro Ministro, dificultou a delimitação no terreno do Tratado e a ocupação do território das Sete Missões jesuítas da margem esquerda do Rio Uruguai e em consequência, aumentou a dúvida sobre a eficácia do documento. Pelo Tratado do Prado, de 1761, o governo português aceitou em regressar à situação anterior, mantendo a posse da Colônia do Sacramento e abandonando a política de ocupação do território das Missões, numa clara decisão de desistência da tentativa de encontrar uma solução pacífica para o conflito entre as duas coroas ibéricas na América Meridional. Em decorrência natural, a Espanha declarou guerra contra Portugal, invadindo mais uma vez a Colônia do Sacramento e aumentando drasticamente a hostilidade entre os dois governos.

Em 1776 a Espanha organizou uma grande esquadra composta de vinte navios de combate e outros noventa e seis de transporte, com cerca de nove mil soldados divididos em doze batalhões de infantaria e 600 dragões, que partiu do porto de Cádiz em novembro daquele ano, sob o comando do Marechal de Campo D. Pedro Antonio Francisco de Cevallos y Calderón, que recebeu os títulos de Vice-Rei, Governador e Capitão Geral das Províncias do Rio da Prata. Antes de chegar ao Rio da Prata, a esquadra espanhola tinha ordens de que deveria dirigir-se diretamente para Ilha de Santa Catarina, na costa meridional do Brasil, e invadi-la em nome do Rei da Espanha, Carlos III. A Ilha ainda era importante, pois se constituía num excelente porto para os navios de guerra e de transporte de qualquer potência européia que tivesse intuito de se defrontar contra os espanhóis no Rio da Prata. A meio caminho entre o Rio de Janeiro e a Colônia do Sacramento ou mesmo Buenos Aires, defronte, ela ainda representava respeitável ponto estratégico. Invadi-la significava meio caminho para invadir também o Rio de Janeiro, em caso de necessidade, plano este apresentado anteriormente pelo Conde de Rica, Ministro da Guerra da Espanha, que D. Pedro de Cevallos, conhecedor da região, não concordou. Cevallos era um militar preparado que já tinha estado na América do Sul em 1758 e anos seguintes, e havia visitado a Ilha de Santa Catarina, conhecendo de perto o sistema de fortificações organizado por Silva Paes. Sabia, portanto, perfeitamente por onde penetrar e como se esquivar dos canhões.

Portugal, por sua vez, governado pelas mãos fortes e poderosas do Marquês de Pombal, Primeiro Ministro de D. José, sabia do perigo da invasão espanhola e, por isso, enviou para a Ilha um agente para analisar a eficiência do sistema de fortificações planejado por Silva Paes e elaborar Relatório. O enviado do Primeiro Ministro relatou um sistema totalmente diferente do que existia, inclusive no que dizia respeito à configuração da Ilha ameaçada. Para completar, as divergências entre o Governador da Capitania da Ilha de Santa Catarina e o Comandante Militar da Ilha não entravam de acordo quanto às prioridades de reformas e novas construções.

Em 23 de fevereiro de 1777, D. Pedro de Cevallos desembarcou seus homens numa das dezenas de praias, no norte da Ilha, sem dar um tiro e sequer perder um só homem. Uma pequena esquadra que fora mandada para resguardar os ilhéus, comandada pelo almirante Robert MacDouall, ao avistar a imponente força naval de Cevallos, afastou-se sem oferecer combate. O Governador da Capitania, Pedro Antônio da Gama Freitas, fugiu para o continente, bem como toda a tropa portuguesa que aí estava para proteger a Ilha levando consigo a pequena população em pânico. Após a invasão, o próprio Governador Gama Freitas e o Comandante Militar da Ilha, Marechal Antônio Carlos Furtado de Mendonça, foram mandados para o Rio de Janeiro, de onde partiram, presos, para Lisboa, onde foram processados pela incompetência e condenados à prisão perpétua. Jamais as forças militares portuguesas haviam sofrido um revés tão afrontoso e humilhante, sem qualquer sinal de reação. Ficou a Vila de Nossa Senhora do Desterro sob o comando espanhol de 27 de fevereiro de 1777 a 31 de julho de 1778, quando daí saíram por força do Tratado de Santo Ildefonso. Este documento, que resolvia as pendências causadas pela Tratado de Madrid, de 1750, entregava definitivamente à Espanha todo o estuário do Prata e a região dos Sete Povos das Missões, e devolvia à Portugal a Ilha de Santa Catarina. As negociações do Tratado, assinado em 1º de outubro de 1777, estavam sendo realizadas pelas duas coroas desde a morte de D. José I, em 24 de fevereiro daquele ano, justamente no dia da capitulação da Ilha de Santa Catarina, e a conseqüente queda do Marquês de Pombal com a coroação de D. Maria I.

A invasão da Ilha de Santa Catarina de 1777, por D. Pedro de Cevallos, foi a última e mais importante das incursões espanholas à costa do Brasil

Meridional, mais especificamente à costa catarinense, desde o século dezesseis. Ela representou o ponto mais alto de uma série de incursões de inúmeros navegantes ou expedições espanholas durante três séculos, demonstrando que a importância daquele acidente geográfico não se resumia tão somente a uma porção de terra insular próxima ao continente, porém jamais deixou de ser objeto de análise estratégica de expansão política de dominação, mesmo com as constantes mudanças de relações e convivências internacionais. Até os inícios do século dezanove, com o Brasil já independente de Portugal, membros do governo da província de Santa Catarina chamaram a atenção aos ministros de D. Pedro I para o perigo de a nova Nação perder a Ilha, preocupação justificada por inúmeros exemplos históricos.

Certamente nenhuma outra parte da América Meridional, com exceção do Rio da Prata, chamou tanto a atenção da coroa espanhola quanto a costa de Santa Catarina, principalmente a Ilha deste nome, onde se situava a capital da capitania Nossa Senhora do Desterro, e onde, por durante muito tempo, falou-se mais o castelhano do que o português. Este idioma fez preservar ainda hoje certas denominações, principalmente geográficas, como as de duas pequenas ilhotas irmãs chamadas de “Ratones”, na baía norte, por causa de suas configurações assemelhadas a estes pequenos mamíferos, uma delas, inclusive, fortemente protegida por uma das fortalezas do século dezoito, e não “Ratões”, como seria em português.

## Referências

- BERGER, Paulo (org.), *A Ilha de Santa Catarina, Relatos de Viajantes Estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX*. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1979.
- BOITEUX, Lucas Alexandre, *Notas para a História Catharinense*. Florianópolis: Livraria Moderna, 1912.
- BOND, Rosana, *A Saga de Aleixo Garcia, o Descobridor do Império Inca*. Florianópolis: Editora Insular/ Fundação Franklin Cascaes, 1998.
- CABEZA DE VACA, Alvar Nunes, *Náufragos e Comentários*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues, *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Plano Nacional de Educação / Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Santa Catarina, 1968.
- COELHO, Manoel Joaquim de Almeida., *Memória Histórica da Província de Santa Catarina*, in *Obra Completa*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Coleção Catariniana, vol 8. 2005.
- CORRÊA, Carlos Humberto P., *História de Florianópolis Ilustrada*. Florianópolis: Editora Insular, 2004.
- CORRÊA, Carlos Humberto P., *A Presença espanhola na Costa do Brasil Meridional dos Séculos XVI ao XVIII*. Conferência de abertura proferida no Ciclo de Estudos sobre las Colonizaciones Territoriales en América, organizado pela Sociedad de Estudios Históricos de Navarra, Espanha, em maio de 2007.
- LEVENE, Ricardo (dir), *História das Américas*, Vol III. Rio de Janeiro – São Paulo – Porto Alegre: W.M. Jackson, inc. 1959.
- LUZ, Aujor Ávila da, *Santa Catarina, Quatro Séculos de História – XVI ao XIX*. Florianópolis: Editora Insular, 2000.
- MELLO, Amílcar D'Avila de, *Santa Catarina na Era dos Descobrimentos Geográficos*. Florianópolis: Expressão, 2005. 3v.
- MOSIMANN, João Carlos. *Porto dos Patos. 1502-1582*. Florianópolis: Ed. do Autor / Fundação Franklin Cascaes, 2002.
- PIAZZA, Walter F., *Santa Catarina: sua História*. Florianópolis: Editora da UFSC / Editora Lunardelli, 1983.
- SILVA, José Gonçalves dos Santos, *Subsídios para a História da Província de Santa Catarina*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1857. Originais no prelo.

# Reminiscências de Selma Scheidt Rassweiler

Memórias

Continuação

Emigrar para muitos é uma palavra mágica: uma pátria nova, o lugar de sonhos, para pessoas que trabalhavam toda vida como agregados dos senhores de mosteiros, ou dos senhores feudais dos castelos. Eles tinham que entregar os frutos do seu trabalho aos senhores, mal sobrando alguma coisa para sustentar a família, e também nas guerras e lutas deveriam defender os senhores. Mas mesmo assim cultivavam a esperança de um dia possuir um pedaço de terra, como proprietários, e desejavam que seus filhos tivessem uma vida melhor.

Mas para onde ir e como?

Então, espalhou-se a notícia da terra maravilhosa do Brasil e, juntamente com ela, vieram os agentes do imperador, que prometiam a cada imigrante um complexo de terra, e muitas coisas mais.

Os vizinhos se encontravam e comentavam sobre o fato maravilhoso. Talvez na calada da noite se encontravam, e discutiam o que deveriam fazer, até que, enfim, resolviam imigrar. Vendiam quase tudo o que tinham, para juntar o dinheiro da viagem. Então vinha a viagem cansativa até Hamburgo. Algumas famílias navegavam pelo Reno,



outras iam por terra, em estradas precárias, onde as carroças pesadas atolavam. Alguns viajavam para Holanda, para viajar em veleiros precários sobre o oceano para o Brasil. Em Hamburgo muitos fizeram a descoberta assustadora de que tinham caído nas mãos de agentes falsos, que os enganaram e roubaram o dinheiro da viagem. Muitos ficaram nas estradas, ao abandono, com suas famílias, pedindo esmolas e morrendo muitos de fome.

Os imigrantes viajavam em veleiros, numa viagem que às vezes chegava a durar 120 dias para chegar no Brasil. Eram 120 dias sem ver terra, aprisionados num espaço pequeno, com centenas de pessoas, com água potável podre, fedía e estava cheia de larvas. A comida era ruim, sendo que o pão era tão duro que precisavam parti-lo com um martelo. Surgiam epidemias e muitos morreram e foram sepultados no mar.

Enfim viram terra, mas o que encontraram então? Foram levados a terra e deixados à beira da estrada num sol escaldante, com uma língua desconhecida e negros que debochavam deles. Mais tarde foram alojados num rancho de imigrantes. De lá viajaram em vapores na costa do Brasil para os seus destinos no Sul. Alguns até o Rio Grande do Sul, outros foram para Desterro, onde um veleiro naufragou na ilha e um dos 5 irmãos Bauer, que era carpinteiro e que estava a bordo, vedou o rombo no veleiro que seguiu viagem para o Sul. Os 5 irmãos Bauer resolveram ficar e seguiram 50 km em trilhas no mato e se assentaram na Linha Bauer. Deixaram suas famílias num rancho de imigrantes e entraram no mato fechado, sempre armados e com medo dos selvagens, onde foram procurar seus complexos de terras que o governo lhes havia designado.

Então derrubaram um pedaço de mata, construíram uma cabana de palmitos, e, após 8 dias, voltaram para buscar suas famílias. Muito trabalho, muitos sacrifícios e muitas preocupações sofreram estes imigrantes até preparar a sua terra para poder plantar e fazer a terra frutificar.

Alguns imigrantes foram enviados para São Paulo e Rio de Janeiro para trabalhar nas plantações de café, onde foram tratados como escravos, e, quando estavam cansados e fracos devido ao trabalho sob o sol forte, foram enviados para a mata virgem para fundar novos povoados. Uma colônia vizinha à nossa foi fundada por essas pessoas, chamadas de “Kaffeepflücher” (colhedores de café) e falavam ainda um dialeto que qua-

se ninguém entendia. Não se sabe se o trouxeram da Europa, apesar de todos terem nomes alemães, como Ehrhard, Sperber, Schwambach, etc.

Era triste pensar nessas pessoas que vieram de um país civilizado e foram abandonados em uma mata virgem, cheia de répteis venenosos, animais selvagens e junto ao homem selvagem, o índio. Homens que nunca viram uma árvore no mato virgem e agora deveriam derrubar, e quantos perderam a vida nisso, como aquele que pensou derrubar uma árvore antes de ir para casa, não pensando que era a última que derrubava em sua vida. Esta, ao cair, mudou de rumo e acertou-o cortando-lhe uma perna. Ele a recolheu e a encostou em uma árvore, arrastando-se em seguida para casa, onde após alguns dias veio a falecer.

Há um provérbio que diz: “À primeira geração a morte, à segunda a miséria e à terceira o pão”. Quantas vezes estes imigrantes se sentavam debaixo do céu estrelado, quando no firmamento brilhava o cruzeiro do sul, e choravam de saudades da pátria distante, dos seus parentes que não podiam esquecer, mas também não podiam mais voltar porque não tinham mais dinheiro para a passagem. Quantos se suicidaram por desespero, ou morreram de saudades.

Santa Isabel situa-se num vale estreito, cercado por montes verdes. No seu meio corre alegremente o rio dos Bugres, chamado assim porque em suas margens moravam os bugres. Suas águas correm velozes, murmurando, talvez, ainda lutas ferozes dos imigrantes com os selvagens. Nas margens do rio encontramos sinais desses índios, como lugares de fogueiras, pontas de flechas e outras armas de pedras.

Por um decreto do Imperador este vale foi povoado com imigrantes alemães, para que expulsassem os selvagens, pois por estes vales passava a estrada de Lages para Florianópolis, portanto do planalto ao litoral. Era só uma trilha, pela qual passavam as caravanas de mulas que levavam os produtos do Planalto para Florianópolis: carne seca, queijo, pinhão, milho etc. Os índios sempre atacavam estas caravanas, matando e roubando, e isto os imigrantes deveriam evitar. Eram chamados “pioneiros da civilização”.

Primeiro deveriam limpar um espaço para construir suas cabanas de folhas de palmito, depois seguiam suas famílias. Havia lutas com os índios que sempre se retiravam para o interior das matas, mas sempre atacavam

de surpresa, destruindo as plantações, queimando suas cabanas e matando famílias inteiras. Os colonos sempre iam armados e perseguiram os índios e os matavam. Difícil foi o começo desses colonos, que não temeram nada para conquistar um pedaço de terra para formar o lar para suas famílias. A colônia recebeu o nome em homenagem à princesa Isabel.

Achei nos velhos livros de registros da igreja algumas notícias sobre filhos de índios que foram capturados e criados pelos colonos. Ainda me lembro da história de Sophia, filha de bugres, que no dia 13 de julho foi batizada com o nome de Telesophia Alvine Waldin, com idade de 1 ano e meio.

Os índios tinham atacado um povoado e, sob o comando do Martim Bugreiro, os colonos perseguiram os selvagens e houve uma luta feroz. Os colonos trouxeram uma menina, que Martim Bugreiro queria matar com sua espada, como era de seu costume. Então um colono sacou o revólver e ameaçou matar o Bugreiro, se ele matasse a criança. O colono criou a menina e ela agradecia a ele com muita dedicação e amor, e ela cuidou do casal até a morte. Mas os selvagens queriam resgatar essa criança, e ela foi escondida nesse povoado. Contaram-me que ela de noite gritava com horror: certamente sonhava com as lutas terríveis, quando foi aprisionada.

Os colonos sempre iam armados para o trabalho, porque os índios sempre atacavam de tocaia. Em Rio Bonito atacaram a família Kalbusch, da qual foram mortos 3 filhos. Os outros conseguiram fugir para uma outra colônia.

Num domingo, os índios atacaram a última vez e, todos os homens foram mortos. Só uma mulher sobrou com vida. Quando os amigos a encontraram, ela estava com os braços levantados na porta da casa, cercada de flechas, mas não machucada. Quando a libertaram, ela contou que a cada flecha que os selvagens atiravam, riam muito. No Sul do Estado eles mataram um pai, a filha com todos os seus filhos. Isso eu li nos livros de registros e também ouvi de alguns filhos de selvagens que foram batizados.

### A HISTÓRIA DE MARTIM BUGREIRO

Certo dia, os índios atacaram uma casa na beira do povoado e mataram o gado e a família, queimaram a casa, levaram somente um menino

com vida para seu esconderijo. Criaram-no e ele ficou conhecendo todos os costumes dos índios.

Depois de crescido, jurou vingança pelas mortes dos pais. Um dia ele fugiu e começou sua horrível vingança. Era o Martinho Bugreiro.

Em certas fases da lua os índios realizavam suas festas, se embriagavam até ficarem desacordados com vinho que faziam de milho verde ou arroz verde. Então o Martim Bugreiro atacava e cortava as cabeças dos índios. Um colono velho certo dia foi junto e contou horrores. Ele contou que guardas ficaram na entrada da caverna, não conseguia escapar ninguém. Depois da matança o sangue corria pela entrada da caverna. O colono disse que nunca mais queria assistir um caso desses.

Há alguns anos, meu marido, em companhia de um pastor amigo, visitou uma dessas cavernas onde os índios morreram e foram exterminados. Ainda havia muitos ossos espalhados, só que não havia mais crânios. Talvez Martinho Bugreiro os tivesse levado como troféus. As crianças ele jogava no ar e as espetava com a espada. Essa espada meu marido comprou e foi levada a um museu em Curitiba. Aos domingo ele usava uma espada enfeitada com prata. Esse homem, mais tarde, foi contratado pelo governo para expulsar os índios que sempre atacavam os imigrantes e roubavam, tudo o que tinham. Meu pai sempre contava que pegavam galos com um pulo e arrancavam a cabeça.

Ainda há uma história triste de uma família que mandou seus filhos para roça trabalhar. Eram dois rapazes crescidos e uma menina de 14 anos. Quando a noite chegou e os filhos não voltaram, foram procurá-los e acharam somente a menina nua, cheia de sangue, mutilada e morta com grande crueldade. Como estava escuro, pararam com as buscas. No outro dia acharam os rapazes em lugares diferentes, mortos também com grande crueldade.

Certa vez um grupo de imigrantes estava trabalhando, construindo uma estrada, trabalho esse que faziam para ganhar um dinheirinho. Perto dali, uns índios estavam caçando javalis, e estavam cansados quando chegaram perto dos trabalhadores que os abateram. De noite vieram outros índios, e os trabalhadores, apavorados, fugiram.

Os índios também queriam se vingar de Martim Bugreiro e o juraram

de morte, mas uma morte lenta e dolorosa em que cortariam um membro após o outro até o final. Mas nunca o pegaram. Quando eu era criança, via muitas vezes passar índios mansos, mas munidos de faca e espada. Passavam pela estrada à procura do Martim Bugreiro, mas nunca conseguiram pegá-lo. Ele morreu bem idoso no sul do Estado, de morte natural.

## DOENÇAS, EPIDEMIAS E MORTES

Apesar de todas as dificuldades e horrores, os imigrantes conservaram suas terras, pois era sempre seu sonho possuir uma terra e um lar, embora estivessem no abandono, sem hospital, sem médico, sem assistência espiritual e sem escolas para os seus filhos. Os imigrantes levavam seus produtos para Desterro, hoje Florianópolis, que naquela época era porto. De lá, eles traziam doenças contagiosas. Em 1878 grassou uma desintéria, da qual muitos morreram. Nos velhos livros de registros encontrei folhas cheias com óbitos por causa da desintéria. Em 1882, foi bexiga negra que se tornou epidemia, com muitos óbitos, Os doentes eram embrulhados em folhas de bananeira porque estavam em carne viva. Os que saravam, ficavam cheios de cicatrizes, e os escarnecedores os chamavam de galinhas pintadas.

Neste ano também em Loeffelscheidt houve uma epidemia de bexiga negra, da qual morreram famílias inteiras. Somente 4 homens enterravam os mortos, e estes não foram contagiados. Os mortos eram enterrados em poucas horas, em um lugar próprio do cemitério. Ainda hoje se mostra este lugar, no cemitério, onde estão sepultadas essas pessoas. As crianças passam quietas e falam que ali não devem mexer para não se contaminar também. Na segunda linha também morreu muita gente.

Mais tarde foi a tifo que grassou. Eu ouvi uma história que muito me sensibilizou. Uma família, composta por 10 filhos, foi assentada no final de uma colônia, e o pai dessa família trouxe o tifo da cidade onde fora vender seus produtos e comprar o necessário. De seus 10 filhos morreram 4 num só dia, e o pai teve que enterrar seus filhos sozinho, sem caixão e sem nada, pois os vizinhos tinham medo de contaminação. No dia seguinte morreram mais dois filhos, e novamente aquele pai estava sozinho para enterrar seus

filhos. Este pai sofreu sozinho, sem vizinho e sem consolo.

Muitas crianças naquela época morriam de difteria, outras morriam de picadas de cobra. Quando o bambu no mato florescia, aparecia uma praga de ratos para comer a semente do bambu. Após os ratos vinham as jararacas venenosas. Quando terminavam os ratos, as jararacas procuravam as casas. Muitos morreram de picadas, das quais decorria uma morte sofrida.

Muitos imigrantes se suicidaram pela saudade da pátria e dos parentes e pela sua situação horrível no mato, sem ajuda, sem assistência espiritual ou consolo, rodeados de índios selvagens, animais selvagens e répteis venenosos. Alguns se enforcaram, outros se deram um tiro, e alguns se cortaram o pescoço. Tudo isso eu encontrei nos velhos livros de registros.

Uma amiga esteve na Alemanha e viu uma senhora num lindo jardim de flores. Quando minha amiga mencionou que ela vinha do Brasil, essa senhora contou que seu irmão imigrou para o Brasil, mas foi para o norte e lá ele passara por muitas dificuldades, e no desespero, se enforcou.

Muitas mulheres morriam durante o parto por falta de assistência médica, principalmente mulheres com mais de 40 anos de idade, e deixavam órfãos 12 ou mais filhos.

### HISTÓRIAS DE ALGUNS IMIGRANTES

A família Scharf pertencia aos primeiros imigrantes da segunda linha. Um filho deixou um diário, contando a história do primeiro Scharf:

“Nasci em 5 de janeiro de 1851, na Baviera, província Kaiserslautern. Em 1862, quando eu tinha 11 anos, imigramos, vindo pelo Reno, de Bingen até Colônia, e de lá viajamos de trem até Antuérpia. 78 dias durou a viagem até Desterro. Lá atravessamos o braço do mar até Palhoça e de lá fomos enviados, por trilhas estreitas, para a colônia nova” 2ª linha “, atrás de Santa Isabel.”

“Durante 6 meses recebemos uma subvenção do governo. Meu avô e meu pai, na Alemanha, trabalhavam como mestres de carpinteiros, ganhavam bem, e tínhamos uma situação financeira boa. Meu pai aqui, certo dia,

foi ver as fronteiras de sua propriedade, perdeu-se no mato e nunca mais apareceu. Após 9 meses de buscas incessantes achamos seus restos mortais. Por causa dessa desgraça perdemos todos os bens e ficamos pobres. Em sua homenagem a colônia nova recebeu o nome de Linha Scharf.”

As esposas dos colonos, naquela época, tinham uma vida difícil. Faziam o serviço de casa, costuravam, trabalhavam na lavoura ao lado do marido, e cada ano nascia um filho. Levavam as crianças para a roça numa gamela ou num cesto. Um dia, uma mulher chamada Anna queria dar de mamar ao filho, mas que susto ela levou quando olhou na gamela e viu ao lado do filho uma jararaca, que fora atraída pelo cheiro do leite no bebê. E agora? O coração de Anna quase parou. Não podia pegar a criança nem matar a cobra. Então ela se lembrou que as cobras são repelidas pelo calor. Ela então fez uma fogueira perto da gamela e a cobra saiu de perto da criança, sem a ferir. Que susto e pavor essa mulher não passou ao ver um animal tão pavoroso ao lado do seu filho! Os nossos pais sempre falavam que não se deveria cortar a cabeça das cobras, pois elas voavam e ainda mordiam, e primeiro deveria bater no corpo da cobra e depois na cabeça.

Certo dia um cavaleiro passou num caminho. Em cima do barranco havia uma cobra pronta para dar o bote. Ele pegou o revólver e atirou, separando a cabeça do corpo da cobra e continuou a viagem, quando, de repente, seu cavalo caiu morto. Ele foi verificar, e viu que a cabeça da cobra estava encravada no peito do cavalo.

Em Florianópolis, conheci uma senhora muito distinta, já idosa, que fora uma amiga muito querida para mim. Ela contou-me certa vez que sua mãe morreu de saudades da Alemanha. Ela contou alguns fatos de sua vida. Eles tinham vindo, via Antuérpia, para o Brasil e trouxeram sementes da Holanda. Quando chegaram a Florianópolis, foram assentados atrás de Anitápolis, na selva, e, com pressa, foi preparado um terreno para o plantio das sementes de batata trazidas da Holanda. Quando estavam quase maduras para o plantio, veio a enchente e destruiu tudo. Contou também que o governo fornecia os alimentos para eles, até um porquinho eles ganharam. Quando foram buscar o porquinho, ele fugiu e nunca mais o viram. Provavelmente os bugres o pegaram, pois ela conta que os bugres muitas vezes os seguiam e espiavam atrás das árvores, atiravam flechas atrás deles, mas

nunca os feriram ou lhes fizeram algum mal.

O pai desistira de tudo, pois não colhia nada, e também sofria muito com a solidão. A mãe adoeceu com saudade de pátria. Abandonaram tudo e voltaram para a capital onde venderam tudo o que possuíam para voltar para a Alemanha. Então, aconteceu a Primeira Guerra Mundial, ficando sem possibilidade de voltar, pois estavam sem recursos. A mãe morreu de saudade da pátria, as filhas se empregaram como governantas, e, mais tarde, minha amiga casou-se com seu patrão, educando seus filhos. Ela faleceu no asilo em Pirabeiraba, onde a visitei pouco antes de sua morte.

Adam de Birkenfeld (Alemanha) queria emigrar, embarcou em Hamburgo em um veleiro que naufragou nas costas da Inglaterra, Adam foi salvo e trabalhou em Londres como ajudante de pedreiro, casou em 1852 com uma inglesa, teve 4 filhos em Londres, mas dois morreram. Em 1859 regressou para a Alemanha, lá nasceram mais 4 filhos. Teve que sair da Alemanha por causa de resistência aos senhores feudais. Veio ao Brasil com 6 filhos e veio morar em Santa Isabel, onde nasceram mais 5 filhos, dos quais 1 morreu. Ele ficou, então, com 7 filhos. Quando veio a falecer tinha 74 netos e 6 bisnetos (10 bisnetos morreram). Em cartas velhas eu descobri que deixou uma herança na Alemanha, e que os parentes lhe enviavam dinheiro por intermédio da Casa Hoepke, de Florianópolis. Tornou-se um homem rico. Era padeiro, possuía uma fábrica de cerveja e negociava com gado de corte. Possuía muitas terras. No pequeno cemitério, o casal dorme lado a lado. A inscrição na sepultura da esposa é em inglês, o que significa que ela nunca esqueceu a pátria. Conforme as pessoas antigas contavam, ela aprendeu a falar alemão na colônia, mas no coração estava sua pátria onde cresceu como filha de pais ricos. Como ela deve ter sofrido neste mato virgem! Quanta solidão ela deve ter sentido. As esposas dos colonos que passavam seus dias com trabalho árduo a chamavam de “Inglesa Pensativa”.

Perto de minha casa existe um morro redondo que se chama “morro do Cocoroca”. Um senhor sempre dizia que aqui no morro do Cocoroca se pode comer salada de samambaia, (pois este morro é coberto por samambaias) e curtir a solidão. Eu sempre queria descobrir a causa desse nome,

até que um dia descobri nos livros antigos. Ali morava o chefe da colônia José Joaquim de Souza, Marquês de Cocoroca. Ele era timoneiro no navio dos imigrantes e pelos bons serviços prestados foi nomeado chefe da colônia.

Morava no morro porque na beira do rio moravam os bugres, e por isso o nome de Rio dos Bugres. O marquês esperava os índios saírem para caçar, para poder pegar água no rio, e a levava numa carretinha até o morro. Na minha juventude ainda se via as marcas da estradinha que levava ao morro, e quando foi feita uma lavoura se via as marcas do fundamento das casas. Li nos velhos livros que ele, posteriormente, foi morar atrás do palácio do governo, em Florianópolis. Nos livros velhos se encontrava muitas vezes o nome do Cocoroca como padrinho de batismo.

Muitos naquela época tiveram que abandonar a Alemanha por causa de uma resistência aos senhores feudais, mas também porque sempre havia guerras, e depois havia fome e pestes. O antes citado Adam também teve que abandonar sua pátria por causa destas resistências, deixando tudo para trás. Mas como pude ver nas cartas que Adam recebia dos seus irmãos, ele recebeu muito dinheiro da venda das terras. Se ainda ficou alguma herança não sei dizer.

Outro imigrante veio escondido em um barril, e após os limites, o capitão do navio o soltou. Assim, talvez, vieram muitos para cá. Tinham que fugir de qualquer maneira, mas também aqui não acharam a terra onde corria mel e leite, nem acharam o céu na terra. O começo aqui era duro e amargo, e a morte ameaçava em todos os cantos.

Aconteceu também que uma família trabalhava na roça, sua criança estava num cesto numa lavoura de milho, quando veio um pássaro grande, voando, e pegou a criança e a levou para longe. Ainda se ouviam os gritos da criança de longe. Os pais correram atrás, mas nunca mais a viram.

Uma menina, um dia, correu para o mato com sua boneca nos braços e, quando ficou cansada, sentou-se em uma árvore que estava caída, balançando as pernas. De repente uma cobra venenosa que se escondia debaixo da árvore, mordeu a criança e quando os pais a acharam, ela estava morta. Uma outra família tinha construído uma casa de madeira. No chiqueiro,

havia um porco gordo, e, na plantação, estava amarrada uma vaca de leite. A esposa estava em casa, pois estava grávida, e de repente ela viu um tigre se esgueirando pelo milho. O que fazer?. Ela correu e trouxe a vaca para dentro de casa. Mal ela tinha fechado a porta, o tigre pulou na porta. Quando espiou por uma fresta viu o tigre levando o porco para o mato, mas a vaca estava salva.

Novamente se vê por quantas dificuldades estes imigrantes passavam: solidão, animais selvagens, bugres que atacavam sem piedade, quase sempre de tocaia, e com grande crueldade. Não era de se admirar os vários casos de suicídio que acontecia naquela época. Não havia assistência médica ou espiritual, e seu único consolo era sua fé em Deus. Encontravam-se para ler a palavra de Deus, oravam e cantavam seus hinos. Muitos morriam de saudade de sua pátria, de seus costumes e de seus parentes.

Perto de Saarbrücken, na divisa da França havia um castelo. Ali moravam os senhores fidalgos de Rossdorf que criavam cavalos de raça. E como sempre há uma ovelha negra na família, ali também havia um filho que esbanjava sua herança com jogos, mulheres e vinhos. Como os parentes tinham pena dele, lhe deram um complexo de terra com a condição de mudar seu nome, o que ele fez, mas escolheu um nome que significava o mesmo que Rossdorf. O brasão mostra um cavalo que pula sobre uma aldeia. Esta família mora agora em Idar-Oberstein.

A família de Johann Nikolaus emigrou em 1863 para o Brasil, se asentaram em Biguaçu e Antônio Carlos. Lá todos deveriam se tornar católicos, mas um velho senhor negou-se e quando faleceu foi sepultado de costas para a igreja. Um outro atravessou montes e se estabeleceu na Segunda Linha, e se tomou o patriarca da família que é muito numerosa.

Conversei com uma senhora idosa que contou sobre sua chegada ao Brasil. Já no navio foram recebidos pelos vigaristas que ofereceram sua casa, mas por um bom pagamento. As carnes eram duras, a comida era ruim, os mosquitos eram insuportáveis. Então quiseram adquirir uma propriedade, e pensaram muito sobre o que queriam. Enfim compraram uma propriedade cujo dono queria se mudar. Era uma casa de alvenaria e estava construída em cima de um morro onde não havia água, mas os convence-

ram que podiam encanar a água, coisa que nunca seria possível. E tiveram que carregar toda água em baldes morro acima. Se chovia, o caminho ficava escorregadio, e, muitas vezes, eles e os baldes caíam e rolavam morro abaixo. Assim os imigrantes foram enganados por aproveitadores. O dinheiro acabou e foram aconselhados a fabricar tijolos. Começaram, mas, como não tinham experiência, os primeiros tijolos se esfarelaram e, a partir da segunda remessa e da terceira, melhoraram, conseguindo tijolos bons, que tinham ótima saída.

Mas a solidão no morro era grande. Só havia um solteirão como vizinho que de noite vinha conversar com eles e contar piadas, mas os mosquitos atacavam. Então eles colocavam as pernas dentro de um saco para poder suportar. Mas no final enjoaram e se mudaram para outro lugar.

Também na Segunda Linha houve uma epidemia de bexiga negra, que os colonos trouxeram de Florianópolis onde morreu muita gente, em sua maioria pessoas jovens.

Há uma história de um imigrante que não se acostumava com lugar nenhum. Ele morava em Brusque, de lá foi para Santo Amaro da Imperatriz onde não se acostumou, resolveu novamente se mudar para Brusque, e de desespero cortou a garganta, vivendo 14 dias até sua morte. Que desespero devia ter este homem, viajando de um lugar para outro sem achar uma solução!

Um filho de colono, com 21 anos, estava trabalhando na roça com seu pai, quando começou a discutir com o mesmo e se matou com um tiro na cabeça. A esposa de um colono estava trabalhando na cozinha, tinha 49 anos, quando, de repente, caiu morta, deixando 12 filhos. Ainda tem a história de uns meninos que foram ajuntar pinhões no campo para levar para casa. Encheram os cestos de uns cargueiros e os colocaram nas mulas, quando apareceram uns bugres que descarregaram a metade dos pinhões, e a outra metade os meninos puderam levar para casa. Também há a história de uma mulher orgulhosa que vinha à igreja a cavalo, trajada com um belo vestido, longo e rodado, próprio para montar num selim de montaria de senhoras. Quando desmontou do cavalo, o vestido enganchou no selim e ela desceu com o traseiro desnudo, pois naquela época as mulheres não

usavam calcinha.

Aqui havia uma senhora idosa e todos a conheciam porque ela tinha um temperamento muito difícil. Eu li nos livros de registro que ela perdeu sua mãe quando tinha poucos anos e foi criada por um homem que a maltratava, fazendo-a trabalhar com chuva ou sol e impedindo-a de trocar as roupas molhadas. Às vezes, até de noite, ela tinha que ir até a roça buscar algo. Certa vez ela foi atacada por um tigre que lhe deu uma patada na cabeça, arrancando assim parte do couro cabeludo e nunca mais cresceu cabelo no local onde o tigre arranhou. Salvou-se do tigre. Mais tarde, outro casal cuidou dela com amor, mas as marcas dos maus tratos permaneceram e se mostraram mais tarde no convívio difícil com os familiares. Morreu afogada, já com idade avançada.

Havia também um outro imigrante que não era amigo de ninguém, pois brigava com os vizinhos, maltratava seus filhos, e sua felicidade era dar golpes nos vizinhos. Quando um porco entrava no seu cercado, ele o prendia e depois o matava e comia. Seu vizinho tinha uns patos que eram seu orgulho. Aquele começou a dar-lhes milho, pegou-os e comeu-os. Também não respeitava os domingos, nunca foi à igreja, seu filhos trabalhavam durante o dia e quando iam para casa ele os expulsava. Umas vizinhas católicas queriam ir se confessar na igreja aos domingos. Quando passavam perto da sua casa ele chamava palavras obscenas, e elas voltavam para casa chorando. Outra pessoa tinha uma plantaçaõ bonita de repolho e de noite ele foi nessa plantaçaõ, cortou os repolhos e colocou os próprios excrementos. Isso lhe valeu o nome de caçador de repolho (kappesschisser). Chamava seu vizinho de cachorro cego, mas quando ficou mais velho, ele ficou cego. Mais tarde descobrimos que seu passado era de um assassino, na Alemanha.

Assim a vida continuou entre trabalho e privações. Muitos morreram sem assistência médica ou espiritual. Então certo dia o embaixador extraordinário da Suíça passou por esta região e viu a miséria dos imigrantes e fez uma petição ao imperador para que enviasse um pastor (Nachdem Pfarrer Hesse aus Blumenau im Jahr). Depois que o pastor Hesse visitou a colônia, o imperador mandou um pastor ao qual ele também pagava ordenado,

Em 1860, foi construída a primeira igreja e foram doadas as terras para o cemitério. Mas naquela época, conforme decreto do imperador, as igrejas não podiam ter torres. Em 1881 foi comprado um sino, que foi colocado em um andaime ao lado da igreja. Somente em 1891 foi construída a primeira torre e, sempre, no dia 19 de novembro era celebrada uma grande festa, que durava muitos dias. Vinham muitas visitas de longe, a cavalo ou a pé, e as casas da pequena colônia ficavam lotadas de visitantes. As mulheres faziam fornadas de cucas com farofa.

Lentamente a colônia progredia, os indígenas se afastaram para outras florestas, e depois que o mato foi derrubado os animais selvagens também desapareceram. Construíram-se estradas, com trabalho manual, e os colonos dele participavam para ganhar algum dinheiro. Como era difícil ganhar o primeiro mil réis para guardar!

Ao lado das estradas ergueram-se as primeiras casas, e para construí-las os colonos tinham que cortar a madeira à mão. Também foram construídos galpões para fazer melado e açúcar, engenhos para fazer farinha de mandioca, que se comia com feijão.

Os colonos engordavam alguns porcos que eram mortos e, assim, tinham carne e banha. Vendiam toucinho, ovos e manteiga na capital. Como pude deduzir por algumas cartas, não sobrava muito, pois a viagem era dispendiosa e tinham que pagar a travessia do mar numa balsa, pois a capital situa-se numa ilha. Isto significa que pessoas eram levadas para lá. Conta-se que certa vez um colono levou uma panela de manteiga para vender, e aconteceu dele entrar numa casa de prostitutas que compraram a manteiga, mas só que elas queriam pagar à sua maneira. O colono enfurecido enfiou a panela na cabeça da mulher e saiu correndo rapidamente através do mar. Os colonos compravam na cidade produtos de que mais necessitavam, até o dinheiro acabar. A travessia sobre o mar era muito temida, pois muitos enjoavam e ficavam estendidos na balsa, mais mortos do que vivos. Depois seguiam a viagem a pé ou a cavalo por trilhas quase intransitáveis e cheios de buracos, sempre subindo morros até chegar em casa.

Muitas privações e perigos o novo mundo exigia dos primeiros imigrantes, que sozinhos e abandonados na selva, lutavam amargamente pelo

seu pão diário. Se hoje em dia se medita sobre tudo isso, pergunta-se de onde esses imigrantes tiravam forças para superar todas essas dificuldades. Mas aos poucos foram cultivando a terra e derrubando as árvores centenárias para plantar e colher seu pão, e ainda manter a propriedade para seus filhos. Eram sua fé e sua confiança em Deus que lhes davam força e esperança de uma vida melhor, no torrão de terra que era sua propriedade, e ter a sensação de ser um homem livre.

Numa solidão imensa passaram os primeiros anos, mas não vacilaram e seguiram em frente. Enfim, veio um pastor para dar-lhes conforto espiritual, mas daí surgiu a necessidade de construir uma casa para ele, sem saber onde conseguir o material. Fizeram de tijolos, e como não havia máquina para preparar o barro, o amassaram com os pés. Os madeireiros cortavam a madeira com as mãos e carregavam nas costas até a construção. A casa construída foi substituída por outra, em 1931. Naquela época, só havia uma igreja em Santa Isabel, e os moradores vinham das outras colônias a pé ou a cavalo para escutar a palavra de Deus, e os que vinham, carregavam os sapatos nas mãos e só os calçavam para entrar na igreja. Depois de terminado o culto e terem saído da igreja, tiravam os sapatos e os carregavam para casa. Um motivo para isso era que as pessoas não estavam acostumadas a andar calçadas e ficavam com calos nos pés. O segundo motivo era que os sapatos deveriam durar a vida toda. De vez em quando, os sapatos eram engraxados com banha de porco para não ficarem duros. O terno de casamento teria que durar a vida toda. Às vezes, havia um baile. Mas o que mais as pessoas prezavam eram os cultos aos domingos, pois ali encontravam forças para viver seus dias difíceis, e os cultos tinham boa frequência.

No início havia falta de escolas. Então em 1864 for construído um instituto de educação, anexo um internato, e todas as crianças, com idade de serem confirmadas tinham que frequentar esse instituto durante meio ano. Estudavam meio-dia e outro meio trabalhavam na lavoura, aprendendo o cultivo das plantas e contribuindo para o sustento do instituto. Havia, também, vacas para suprir a alimentação.

Esse instituto era afamado e vinham alunos de diversas partes do Estado, inclusive da capital onde moravam muitas pessoas de origem ale-

mã. Muitos vieram para recuperar-se de doenças, mas também idosos foram aceitos e ali recebiam assistência. Os primeiros pastores foram convocados, e pagos pelo governo, mas o salário era pouco e a comunidade voluntariamente contribuía. Durante a permanência do primeiro pastor, os selvagens ainda atacavam os colonos saqueavam e queimavam.

Agora apareceram algumas cartas que imigrantes escreveram em 1863 para a pátria, nas quais contam que eles convidavam seus parentes para vir para o Brasil, mas não quiseram. Em 1865 convidaram novamente, citando que o imperador ainda dava terras de graça, mas as despesas deviam ser devolvidas. Há o caso de um pai que faleceu na Alemanha e todos os seus bens foram leiloados para pagar suas dívidas, já que tanta miséria havia também lá, naquela época.

Mas os imigrantes tinham fé e confiança em Deus e escreviam aos parentes na pátria distante, dizendo que vivem como irmãos e não esquecem Deus, pois Ele fica com eles. Quando os primeiros imigrantes chegaram aqui, foram levados primeiro para um rancho primitivo onde ficavam as mulheres e as crianças. Os homens se embrenhavam nas matas para procurar seus complexos de terras, nas quais limpavam uma área e construíam uma cabana primitiva de folhas de palmito. Aí buscavam suas famílias e a vida nova começava. Então plantavam, compravam uma vaca para ter leite para os filhos, criavam galinhas, engordavam porcos, caçavam animais e muitas vezes desejavam mandar alguma coisa para seus parentes na pátria distante. Naquela época, devia existir muita miséria lá, porque os imigrantes daqui resolveram mandar dinheiro para lá.

Foram abertas novas colônias e novos imigrantes vieram, e com isso a necessidade de escolas, pois entre um povoado e outro havia muita distância. Então foi fundado uma escola em Santa Isabel, onde o pastor Zluham trabalhou 48 anos. Ele veio como professor da missão da Basileia, mais tarde foi ordenado pastor e trabalhou até sua morte.

Os pais pagavam 3 mil réis por mês, o que para muitos era um sacrifício, já que num dia de trabalho árduo ganhavam 1 mil réis.

Em 1883, conforme escreve o colono Bauer, os colonos não tinham muito dinheiro, mas todos passavam bem e não faltava nada, mas se passasse um colono, um índio ou um negro, eles ganhavam um prato de comi-

da e, se não tivessem comida, dava-se café, pão com manteiga e um pedaço de carne assada. Cita também que o clima era saudável, a água era boa e o calor insuportável, e que no inverno também não era muito frio. Ouviam falar que na pátria de origem havia fome e no Reno e na Mosele havia inundações que causavam grandes prejuízos. Aqui no Brasil foram feitas coletas e o dinheiro foi enviado para a pátria, para auxiliar os flagelados. Também escreve que a situação era ruim quando imigraram, como agora, pois havia uma guerra com a França. Muitas vezes desejavam voltar, não para morar, mas só para saber a situação lá e rever os parentes. Em 1889, ele escreveu ainda que os ovos eram vendidos na cidade e levados em baris com 500 dúzias, para o Rio. Também escreveu que da casa dele até a cidade levava-se um dia de viagem, e onde ele morava havia muitos morros separados por vales estreitos, e por onde corria água boa. Os caminhos eram bem estreitos e ruins, não dando para passar com carroça, e os seus produtos eram levados em lombos de cavalos e mulas para a cidade, e suas costas muitas vezes ficavam em carne viva. Também não se podia arar a terra no morro, e deveria ser feito à mão.

Mas por fim convidavam seus parentes para emigrar para aqui. Cada um dos parentes ajudaria para conseguir uma propriedade. Sentiam-se bem aqui, e, apesar da solidão e miséria, não queriam mais voltar.

### SUPERSTIÇÕES

Já no século passado havia assaltos quando as caravanas e tropas voltavam da capital. Havia um negociante que levava muito dinheiro, foi morto com um tiro, e sepultado na beira do rio. O seu dinheiro sumiu. Desde então corre a lenda de que nesse lugar havia um fantasma que deveria ser o do negociante morto. Numa noite um homem passava pela prancha sobre o rio, quando viu um cachorro branco. Era meia-noite. Outros ouviam gritos horríveis e temiam passar ali, mas eu mesma passei ali sozinha e não vi nem ouvi nada.

Ali vivia um homem que bebia muita cachaça, e para chegar à venda tinha que passar neste rio do fantasma. Muitas vezes passava a noite à beira da estrada, deixando sua família preocupada. Certa noite, seu cunhado o

ficou observando e quando o homem à meia-noite passava no rio ziguezagueando de um lado para outro de tão bêbado que estava, atravessando a prancha sobre o rio, viu uma aparição branca pulando de um lado para outro. De susto ele caiu no rio e ficou sóbrio. Fugiu, gritando para casa e nunca mais passou de noite no rio, nem quebrou tudo em casa. Pouco depois abriu um bar aqui perto onde alguns homens jogavam e bebiam. Uns homens do Loeffelscheidt, meio embriagados, foram para casa e quando chegaram perto do rio um deles falou: “Aqui temos que cuidar, pois tem um fantasma”, e já começou a tremer. O outro respondeu: “Eu não tenho medo de fantasma, isto não existe”. “Eu não falaria uma coisa dessas”, disse o terceiro. De repente o Pedro gritou: “Au, Au já me pegou”! Quando foram verificar, ele tinha entrado no meio dos chifres de um boi que estava fora do pasto. Nesse tempo um já tinha caído no rio, mas ainda hoje se ri desse episódio.

No outro lado do rio morava uma solteirona. Corria o boato de que ela tinha uma grande panela cheia de ouro e prata e um homem queria roubar esse dinheiro. O mesmo a chamou na frente de casa, ela apareceu com uma luz na mão e um gorro na cabeça. Ele atirou uma pedra e acertou a mão dela. Ela corria a mão nos olhos para enxergar melhor, gritou muito e os vizinhos a acudiram, pegaram o ladrão e o entregaram à polícia. A mulher enterrou o dinheiro e no seu leito de morte ela sempre falava do dinheiro na panela de três tremes. Após sua morte, muitos a viram vagando e procurando seu dinheiro.

Como não havia médico, fazia-se remédios e simpatias. As verrugas deveriam ser esfregadas com pele de porco e devia ser enterrada onde caia a água da chuva. Como a pele apodrecia, as verrugas desapareciam. Feridas eram tratadas com banha de porco. Numa ferida hemorrágica aplicava-se uma bolota de banha para estancar o sangue. Se alguém tinha piolhos raspavam a cabeça.

## UM POUCO DE HISTÓRIA

Santa Isabel situa-se num lindo vale verde cercado de morros altos, distante 50 km da capital. Pelo vale corre o Rio dos Bugres que tem esse nome porque ali moravam os bugres selvagens. Suas águas cristalinas cor-

rem rápidas.

Seus moradores são imigrantes de origem alemã, que vieram a convite do Imperador, se assentaram ali para defender o caminho real que ligava o planalto ao litoral. Muitos moradores morreram por ataques dos índios, ou por mordidas de cobras venenosas, ou doenças contagiosas que traziam da capital. Muita coragem e força precisavam essas pessoas para viver na selva sem assistência médica ou espiritual na hora de enterrar seus mortos. Muitas vezes sentiam saudade ou falta dos parentes. Era um tempo difícil quando os pioneiros da civilização iam armados para o serviço, para fazer na selva plantações exuberantes e frutíferas, sempre esperando os ataques dos selvagens, que também atacavam e roubavam as caravanas, Para segurança à noite sempre colocavam vigias.

Muitas vezes os colonos buscavam refúgio atrás dos sólidos muros da pequena igreja, quando os selvagens atacavam. Mas a luta mais difícil foi contra a saudade da pátria. Só em terras distantes se reconhece o valor da pátria. Tinham saído da pátria em situação difícil, após guerra contra Napoleão, onde ninguém era dono de uma propriedade ou era um homem livre. Eles amavam a terra onde nasceram, imigraram para um destino desconhecido, para procurar uma terra desconhecida, formar um lar e serem pessoas livres. Agora estavam em suas terras, mas tinham que lutar e trabalhar contra a selva e transformá-la em plantações. Não era fácil derrubar as árvores enormes, serviço esse que os pais faziam, enquanto os filhos cortavam capim e os galhos. Quando tudo estava seco, faziam queimadas e, então, plantavam feijão, arroz, milho e, também, batatas doces.

Inicialmente, os colonos faziam uma cabana só para morar, cozinhavam a céu aberto, e se chovia na cabana, a fumaça se espalhava por todos os cantos. O pão, que faziam em cima da chapa, era de farinha de milho quebrado num pilão, pois, ainda, não havia atafonas. Da mesma forma era descascado o arroz. Em todas as horas livres trabalhavam na madeira para poder construir uma casa melhor. Fizeram também pastos, onde se alimentava uma vaca comprada, para poder ter leite para seus filhos. Só, então poderiam fazer uma casa melhor, coberta com folhas de palmeiras ou faziam ripas para cobrir. Na casa, o chão era de terra batida, mas tinha uma

vantagem, pois não precisavam lavar ou passar cera. Os vizinhos se ajudavam mutuamente, serrando madeira para poderem, enfim, ter uma casinha bonita, cercada por flores e verduras, e ao lado laranjeiras, bananeiras, pêssegos e muitas frutas.

E a vida tornou-se mais leve. Mas ainda havia alguns obstáculos a serem vencidos: construção de escolas e igrejas. No começo eram os pais que ensinavam os filhos, ou alguém inválido que não podia mais trabalhar. Aos domingos, se reuniam para ler a bíblia e orar e cantar os conhecidos hinos. Ali buscavam forças para vencer a luta para obter seu pão de cada dia. Em 1850, meu antepassado construiu uma capela onde se reuniam. Mas ainda faltava um pastor, e os imigrantes tinham que viajar até São José para batizar seus filhos e abençoar seus casamentos por um padre católico. Em 1861 o embaixador extraordinário da Suíça visitou Santa Catarina e verificou as dificuldades dos imigrantes, e fez uma petição ao imperador de mandar um pastor. E em 1861 veio pastor Wagner e que formou uma comunidade e com isso terminou a luta mais difícil dos imigrantes. Construiu-se uma casa pastoral com muitos sacrifícios, a qual durou até 1930, quando, então, foi construída a nova casa pastoral que ainda hoje enfeitada com seus muros brancos, entre árvores verdes, o nosso vale. Todo domingo havia culto, e como só existia esta igreja, moradores de outras colônias freqüentavam o culto aqui, tendo que caminhar 3 a 4 horas, pelos morros, a pé ou a cavalo. Sapatos e paletós numa sacola e quando chegavam perto da igreja se trocavam. Muitos achavam que isso não era necessário, só para ir a igreja. Mas eles queriam aparecer dignos de adorar Deus. No caminho de volta, sapatos e paletós iam para as sacolas. Contaram-me uma coisa engraçada, desse tempo. As mulheres usavam vestidos compridos com 3 ou 4 saias debaixo do vestido, mas nada de calcinha. Quando chegavam perto da igreja afastavam as saias atrás e na frente e faziam xixi, pois banheiros, naquela época, não existiam. Se vinha uma visita importante e perguntava pelo banheiro a resposta era: “Tem que ir até o mato”. Ainda me lembro quando em 1938 uma professora enviada pelo estado veio morar em nossa casa e meu pai construiu a primeira privada. Quando na casa paroquial construíram a primeira privada o povo em vez de ir à igreja ia

primeiro para lá. A maior calamidade era a falta de escolas. Muitas crianças não sabiam ler nem escrever, e somente no ano de 1863 foi fundada uma escola no pátio paroquial.

O pastor Wagner foi para o Rio de Janeiro e veio o pastor Tischhauser com a esposa e ficaram aqui oito anos e meio, dando continuidade com o trabalho no instituto. Em 1865 havia 20 internados e em pouco tempo eram 40. Para o instituto, ainda, tinha que ser construído um estábulo, para abrigar o gado leiteiro, e, para isso foram compradas terras com donativos. Como os pastores eram pagos pelo governo, o seu salário mal dava para viver. Então em 1869 a comunidade resolveu pagar um aumento ao pastor, o que para muitos colonos não era fácil, pois dinheiro vivo era raro.

O que estes pastores aqui trabalharam e realizaram não dá para avaliar. As grandes distâncias que percorriam a cavalo, atravessar o rio na época de enchente, muitas vezes não conseguiam, e, tinham que pernoitar no mato. Mas também as mulheres dos pastores eram heroínas, passando os dias num lugar solitário, ensinando às filhas dos colonos boas maneiras e trabalhos manuais. Estes eram os verdadeiros pioneiros da civilização, pois ajudavam os colonos, levavam-lhes a palavra de Deus, serviam de bom exemplo, ensinavam a ler e a escrever. As mulheres dos pastores amparavam as mulheres doentes, davam-lhes conselhos, educavam e alegravam. Estes homens e mulheres eram os médicos de corpo e alma dos colonos, e não temiam sair na chuva, viajar com temporais, para atender o chamado de enfermos e necessitados, dando-lhes aquecimento espiritual. Eles eram heróis anônimos, que tinham fé forte em Deus e um grande amor pelos seus irmãos humildes.

No começo era só a igreja. Logo após, era uma casa comercial, onde se reuniam os fiéis para tomar um café ou uma caninha. Nela aproveitavam para cantar suas canções, principalmente os membros da família Bauer que tinham belas vozes. Reuniam-se aos domingos e cantavam em seu dialeto: "Wem die Baure Banhem planze, mer den Walzer im keller leige und mer solln den schurindsucht". Tudo isso são lembranças que não se esquecem jamais. Meu bisavô Johann Philipp Scheidt mudou-se para Santa Maria (RS) quando ficou viúvo. Lá ainda moram muitos Scheidt, mas só que mais tar-

de nosso nome teve acrescentado mais um T, não sei quando e por quê.

E a vida continuava. Nas lavouras ainda se viam troncos gigantes, mas após alguns anos apareceram lindas plantações, a vida melhorava e as crianças podiam freqüentar escolas. O instituto era conhecido e afamado além das fronteiras do Estado. Os pastores se alternavam e muitos voltaram para a Alemanha por motivo de saúde. O pastor Flury faleceu no Rio de Janeiro, vitimado pela febre amarela. Tinha ido ao Rio de Janeiro para fazer um tratamento nos olhos, e foi sepultado no cemitério evangélico do Rio. Em 1870, veio o pastor Christian Zluham para trabalhar como professor no instituto. Contam que na sua pátria era um cirurgião afamado e, ainda exercia sua profissão como médico em condições muito primitivas. Em 1879 foi ordenado pastor e quando visitava as comunidades, os doentes o esperavam à beira das estradas. Muitas vidas ele salvou durante 40 anos de trabalho, tendo viajado muito como missionário, ficando ausente de casa durante muitas semanas. Apesar de todo esse trabalho, ainda lecionava no instituto. Um pastor de Brusque escreveu sobre este instituto no livro do "Centenário de Imigração Alemã".

Quem viajava pela comunidade de Santa Isabel logo notava quem foi educado no instituto. Percebia-se tanto na sua propriedade, como também na sua educação. Os que freqüentaram o instituto eram, na sua comunidade, os líderes espirituais e econômicos.

Em 1878 comprou-se um pequeno órgão, e o primeiro sino em 1881, que é o sino mais velho no Estado em igrejas evangélicas, porque as igrejas evangélicas não podiam ter torre. Foi em 1881, no dia 29 de maio, numa confirmação que se ouviu pela primeira vez a timbre do sino. Foi uma grande emoção para as pessoas que moravam ali há 36 anos.

Só no ano de 1916 foi construída uma torre na igreja. Lentamente o lugar prosperou, e foi fundada uma orquestra de trombones. Formou-se uma aldeia que progredia, fábricas de cervejas, padarias, açougue, e costumes foram consolidados, mas aqui a politicagem destruiu o progresso quando construíram a nova estrada para Lages. Por causa de adversários políticos a estrada foi construída no morro, e Santa Isabel ficou abandonada e regressiu. Deveriam ser construídas fábricas para fazer conserva de verduras e de

legumes, que muitas vezes apodrecia por falta de mercado.

Mas vamos nos lembrar novamente do pastor Zluham, que com amor e fidelidade serviu a comunidade. Após 20 anos de trabalho incessante, a comunidade resolveu dar-lhe férias e pagou uma viagem para Alemanha para visitar seus parentes. Trabalhou até 1910, quando foi aposentado, mas ainda ajudava no trabalho das comunidades. Em todas as casas venerava-se o nome do pastor Zluham, e eles gostavam de conversar sobre ele. Toda sua vida foi trabalho e dedicação a sua igreja e aos seus irmãos. Faleceu em 1918, após uma doença grave, e foi sepultado no cemitério evangélico de Florianópolis, na cabeceira da ponte Hercílio Luz. Mas tarde seus restos mortais foram trasladados e enterrados ao lado da esposa, no cemitério de Santa Isabel. Muito este pastor fez pela continuação do instituto, pois o governo nunca contribuiu de maneira alguma. Ele, à noite fazia o balanço e o caixa estava sempre vazio, e, em conseqüência, faltavam recursos para suprir as necessidades do dia a dia. Então, ele colocava todas suas preocupações nas mãos de Deus e, no dia seguinte, às vezes vinha uma grande doação, que dava para continuar por algum tempo.

Por 40 anos trabalhou para o bem dos imigrantes, ajudando quem precisava de ajuda, sem olhar para raça ou religião. Foram 40 anos de trabalho incessante e lutas, precisando de muito amor e muita disposição, tendo deixado sua pátria, seus parentes, seus amigos e talvez uma carreira brilhante, para vir para um país abandonado e cuidar dos imigrantes. Esses versos eu dediquei a ele nas crônicas que traduzi: “O homem não existe mais quando morre, mas sim quando deixa de amar”. E a vida desse homem era amor ao seu Deus, a seu próximo e ao seu trabalho. Em gratidão, a comunidade deu seu nome a um centro paroquial que se situa no lugar do antigo instituto.

Os anos passavam e em todos os lugares foram instaladas escolas. Vendo que instituto não podia mais se manter, o conselho da igreja decidiu desativá-lo e, com isso, sepultou um centro de educação dos imigrantes alemães na selva, que durante muitos anos prestou um trabalho inestimável nesta terra sem cultura e comércio, e que superou durante anos a falta de escolas. Junto com os pastores trabalharam professores que com abnegação, fidelidade e amor contribuíram para que o instituto pudesse ser um

núcleo de educação e pudesse existir durante muitos anos. O primeiro professor foi Cristian Zluham, até que foi ordenado pastor. Após 1880 trabalharam os seguintes professores: Theodor Aarusemann (1881), Wilhelm Hausmann (1883), Emil Strauch (1814), August Leibfritz (1885), Leohard Harger (1886), professor Stachelin (1887), Kral Broh (1888-90), Hermann Domer (1892), Gottielb Fell (1893), Gottilf Zluhan (filho do pastor Zluhan -1896 em diante).

O professor Haupmann trouxe grandes distúrbios para a comunidade, pois também estudou na escola missionária de Basileia como todos os pastores e, às vezes, por entender que substituía o pastor, se sentia apto para exercer o pastorado. Em breve tinha adeptos no Rio Miguel, que em pouco tempo se tornaram fanáticos, abriram a igreja à força e celebram cultos causando muitas desavenças. Para acabar com essas desavenças, o governo decidiu enviar o exército para acabar com os desentendimentos. Também o professor Harger causou muitas preocupações. Ele morava numa casa perto do instituto, queria tornar-se diretor, escreveu uma carta para a missão na Basileia, nas quais difamava o pastor Zluham. Mas a mesma nem ligou para essas cartas que foram arquivadas, porque eles sentiram que eram mentiras. Desiludido, o professor Harger, foi para Loeffelscheidt, como professor, e entrou para igreja católica. Tais acontecimentos magoaram muito o pastor Zluham.

Mas a vida continuava nas margens do Rio dos Bugres e novamente a juventude local estava sem escolas. Então, no instituto, formaram uma escola alemã particular, na qual, até o começo da Primeira Guerra Mundial, o professor Zimmer lecionava. No tempo de guerra foi instalada uma escola em língua nacional pelo governo, mas que não existiu por muito tempo.

Contavam-se histórias quando as mulheres dos colonos conversavam com a professora que não falava alemão. Ela freqüentava a igreja católica, onde aos domingos rezavam em língua alemã. Então, certo dia, ela perguntou à minha mãe o que eles estavam rezando ali, pois eles sempre dizem: “Barba de onça, e Maria da Grota”. Minha mãe respondeu que eles rezavam o “Pai Nosso e Ave Maria”. E ela se admirou muito. Mas o pessoal rezava em alemão: “Vater unser” e “Maria Muttergotes”.

Um dia um alemão entrou num bar e pediu: “Uma caixa de fósforos, por favor”. Um caboclo que ouviu isso disse: “Alemão desgraçado, nem

foifi “sabe dizer”!

Em 1930 veio o pastor Stoer para Santa Isabel e teve que atender 22 comunidades, o que era um trabalho gigantesco. Às vezes tinha que viajar semanas. Na primeira viagem pela região de Capivari e Anitápolis ele vivenciou o começo da revolução, e seguiu viajando de noite para escapar. Um outro dia houve uma luta no morro da garganta por onde ele passou e 7 soldados morreram. Os revolucionários passavam por todos os povoados e confiscavam cavalos e gado. Mas esta preocupação passou, e a vida continuou.

Foi construída uma nova casa pastoral, em 1930, e a igreja alemã mandou um auxílio de 2 contos, como ela sempre fazia, auxiliando os imigrantes. No ano de 1932 a casa foi inaugurada, e, nas sombras do grande carvalho houve uma grande festa.

Como nesta época não havia escolas, o pastor Stoer fundou uma escola particular, e o cônsul alemão Funke enviou, em dinheiro, mais um auxílio para a igreja. Essa escola era freqüentada por crianças de outras religiões. Mais tarde instalou-se um internato, e o calmo pátio se encheu de barulho de crianças brincando e brigando. O pastor era o diretor, sua irmã e sua esposa também trabalhavam, só não ensinavam a ler e escrever, mas ensinavam as meninas que ali vinham estudar, a ter boas maneiras, bom comportamento e, também, trabalhos manuais.

As festas de fim de ano, especialmente as festas de Natal, exigiam o trabalho de todos, principalmente o trabalho do professor Mertes que ensinava às crianças peças teatrais e as ajudava a confeccionar máscaras de animais. Estas festas eram horas de alegria para todos os moradores. O que eles aprenderam nunca mais esqueceram. O pessoal que ali estudava aprendeu a respeito da moral e como deveriam se comportar. Inesquecíveis foram as palavras do pastor um dia antes de recebermos a confirmação, quando aconselhou-nos a levar uma vida limpa e digna, palavras que nunca esqueci, e estes ensinamentos, mais tarde, pude eu transmitir a outros jovens. Lembraremos sempre com amor e carinho dos nossos professores que nos ensinavam a palavra de Deus.

Inesquecível será o pastor Stoer, que não poupava trabalho para ensi-

nar os filhos dos colonos, a ler e escrever e ensinar um pouco de cultura.

Em 1937, após uma viagem à Alemanha ele assumiu a comunidade de Rio do Sul, onde trabalhou até sua morte, mas Santa Isabel era seu grande amor e diversas vezes nos visitava, inclusive, até poucos dias antes de falecer. Descansa no cemitério de Rio do Sul, ao lado de sua esposa que morreu poucos meses depois, de saudades do marido. Descansem em paz, queridos professores. Nós sempre lembraremos de vocês.

Em 1938, a vida em Santa Isabel continuava, os colonos tinham seu sustento, mas não sobrava muito dinheiro. Divertimentos eram poucos, os colonos se encontravam e comentavam os acontecimentos, cantavam suas canções alemãs, ou faziam surpresas para aniversariantes, recitando versos feitos por eles, ou cantavam uma canção que inventavam, e dançavam até a meia-noite. Todo ano havia uma festa patrocinada pela igreja em que havia muitos divertimentos como pescaria, tiro ao alvo, boca grande e muitos outros. Ainda havia quermesse todo ano, com fogos, danças e muita comida.

Havia também a festa de Ano Novo, em que os jovens passavam pela aldeia cantando, com música e rojões. Em cada casa eles ganhavam bebidas e comidas e muitos ficavam no meio do caminho embriagados, outros ficavam com dores estomacais.

No dia dos Reis, os brasileiros que moravam em localidades vizinhas passavam de casa em casa, tocando sanfona e cantando, pedindo prendas para fazer uma festa, Mas enquanto os donos estavam entretidos com os cantores, outros visitavam o galinheiro e roubavam algumas galinhas, que serviam para fazer a festa, juntamente com algumas garrafas de bebida também roubadas.

No Natal sempre havia uma festa digna, em que as crianças recebiam presentes na igreja e havia uma encenação do nascimento de Jesus, da qual participavam jovens adultos e crianças. Até crianças de outras confissões participavam, e as mulheres faziam bolachas de Natal. E que alegria se via nos rostos daquelas crianças, quando o papai “Noel” aparecia com seu saco cheio de pacotes. No dia de Natal havia um culto festivo e, se não tivesse um pastor presente, o presidente da comunidade lia a mensagem.

Então veio a Segunda Guerra Mundial, e de repente tudo mudou. Foi

proibido falar alemão, pregar as palavras de Deus em alemão, não se podia cantar os hinos alemães. Muita gente não sabia falar o idioma nacional, e agora? Os mais idosos não saíam mais de casa e as escolas foram fechadas. Felizmente o governo abriu uma escola estadual, e os jovens aprenderam rapidamente a língua nacional. Mas e os pastores que vinham da Alemanha? Todos nós que sabíamos algumas palavras na língua nacional ajudávamos a traduzir as missas rezadas pelos pastores.

Espiões rondavam a região em busca de algum fato para denunciar e avisar, caso algum pastor falasse alemão, mas o nosso chefe de polícia, um homem digno, defendeu o nosso pastor da prisão. Mas muitos pastores foram presos, inclusive nosso pastor Stoer. Sepulturas com inscrição alemã eram destruídas, livros e documentos valiosos eram queimados. Foi um tempo difícil para os imigrantes alemães.

Mas um dia a guerra terminou e aos poucos surgiram os velhos costumes, ouviam-se novamente as canções em alemão. A vida ainda era difícil nesta região montanhosa, onde só se podia trabalhar de enxada nas mãos, e os jovens imigraram para as cidades em busca de trabalho mais fácil, onde só trabalhavam 8 horas por dia, e ganhavam bem mais, trabalhando nas construções do que os lavradores que trabalhavam desde cedo até a noite, e nem sempre colhiam, pois o vento, o granizo e a chuva destruíam em poucos minutos o que fora cultivado durante meses. E ainda havia o intermediário que, às vezes, ganhava mais do que o agricultor.

Só moravam aqui pessoas idosas e tudo estava decaindo. Então um pioneiro, após 3 anos de colheitas fracassadas, ficou desesperado porque seus filhos estudavam em outras cidades, e, então, começou a trabalhar com adubo químico e inseticida. No começo zombavam dele, com os mais velhos dizendo que comiam a batata plantada com adubo. E quando tinha uma plantação bonita, os invejosos diziam: “Espera só. Se vier uma chuva de granizo não sobra muito”. Então este pioneiro comprou um trator, e quase estourou de raiva quando os vizinhos riram dele, porque o trator não subiu o morro. O próprio irmão dizia que ele enlouqueceu para comprar uma máquina dessa. Hoje, todos os colonos têm um desse micro-trator e aos poucos a vida melhora, e todo colono tem também seu carro, e existe

quase uma dúzia de caminhões que levam os produtos, especialmente verduras e legumes para a Ceasa. Além de verduras e legumes, há colono que tem também uma pequena vinícola que produz um vinho caseiro de excelente qualidade.

Hoje os habitantes desta pequena colônia ainda falam o alemão, e os mais idosos ainda cantam as canções alemãs. Em agosto de 1997 festejamos 150 anos de imigração.

Os imigrantes alcançaram sua meta. Todos têm suas propriedades, que passam de pai para filho. Todo sacrifício não foi em vão, mas quantas lágrimas rolaram, quantos suspiros de saudades da pátria inesquecível não ecoaram na noite, quantas preces enviadas ao céu pedindo socorro e também pedindo consolo e quanto trabalho árduo foi vencido para as sementes germinarem e trazerem frutos.

Lembro-me das palavras de um pastor no Jubileu de Prata de ordenação de um pastor nascido em Santa Isabel. Ele disse o seguinte: “Em Santa Isabel os colonos semeiam a semente na terra, e ela germina, cresce e traz frutos e um dia Deus semeou uma semente especial em Santa Isabel. Ela germinou e trouxe frutos. Nesta pequena comunidade nasceram 4 pastores, e todos anunciam a palavra de Deus também em alemão”.

Agradecemos a Deus por todos estes pastores corajosos que deixaram a segurança da pátria e vieram para estas terras selvagens e solitárias para trazer consolo da palavra de Deus para os imigrantes. Não temiam distância, nem estradas ruins, quando solicitados para levar consolo ou ajuda. E isto no lombo de um cavalo, atravessando rios caudalosos e estradas ruins. Esses foram os verdadeiros heróis e pioneiros que serão lembrados eternamente.

### UMA VIAGEM PARA TAQUARAS PARA FESTEJAR O DIA DO COLONO

Como anteriormente fomos a Rancho Queimado para festejar o dia do Colono, ocasião em que marchamos até ali a pé, os nossos professores resolveram, em 1936, ir a Taquaras para festejar este evento com outras

escolas alemãs. Esta seria a primeira vez que viajávamos de caminhão, o que para nós era uma grande novidade.

Primeiro ensaiamos cantos, uma peça de teatro “A vaca roubada” (die gestohlene kuh) e treinamos para fazer uma apresentação de ginástica. No dia da festa, uma menina ficou nervosa e, durante a ginástica, molhou as calças. Treinamos também, corrida de saco, com ovos e outras brincadeiras.

Quando chegou o grande dia, enfeitamos o caminhão com bandeirinhas. Foram feitos bancos no caminhão, e bem atrás ia a vaca de papelão, em cima de rodas, que o professor fizera para o teatro.

Eu representava a esposa do colono, um colega era meu marido, e três outros colegas, os ladrões. Eles roubaram a nossa vaca e a estavam vendendo ao meu marido. Eu reconheci a vaca e dei um tabefe no meu marido e, com o cabo da vassoura dei uma surra nos ladrões que, no fim, foram presos.

Naquela época a estrada era péssima e o caminhão ia aos solavancos, de modo que muitos alunos enjoaram, mas não ficamos aborrecidos porque quando passávamos num povoado, todo mundo chamava: “Olha o Boi de Mamão!” E nós, também não ficamos calados e mostrávamos os punhos cerrados. Assim foi. Aos solavancos, sempre cantando nos sentíamos muito importantes. Quando chegamos a Taquaras, fomos fazer um lanche, fomos à igreja e depois do culto e de muitos discursos, almoçamos e começaram os divertimentos e os jogos. Recebemos alguns prêmios e o nosso canto e o teatro foram muito aplaudidos.

Depois, começou o baile para os adultos. Nós iniciamos nossa viagem de volta, a qual durou algumas horas. E a nossa vaca chegou estraçalhada de tanta bagunça que fizemos na viagem de volta.

Os alunos naquela época usavam uniformes. As meninas, blusa branca e saia azul. Os rapazes, calça curta e camisa de caqui e um quepe da mesma cor.

## UMA VIAGEM PARA UMA QUERMESSE EM TERESÓPOLIS EM 1939

Bem cedo embarcamos no velho caminhão do Sr. Bernadinho. Minha mãe também foi, porque naquele tempo sem a companhia da mãe não se podia ir a um baile.

Foi uma viagem alegre, com cantorias e piadas. Chegamos a tempo para assistir ao culto e à missa. O culto foi embelezado pela orquestra de trombones. Depois fomos para a freguesia de cima onde meu pai e sua orquestra dirigiam o baile para os colonos, com músicas antigas.

Na ocasião, minha mãe e eu fomos convidadas para participar do almoço, mas eu não queria saber de comida, queria aproveitar para dançar, o que realmente fiz. Esse baile foi realizado no salão Schmitz. No meio da tarde, fomos ao baile no centro da cidade, onde tocava uma orquestra mais moderna. Naquela época surgiu o samba, e como salão estava muito cheio, e no meio da dança surgiu uma briga e alguém atirou com uma arma. O pessoal saiu em disparada e congestionou a porta. Por sorte eu estava perto de uma janela que dava para a varanda. Não vacilei, suspendi o vestido e num salto pulei para fora. Como a janela não era muito alta, não me machuquei. Alguns pularam para o pátio. Na ocasião uma pessoa quebrou a perna.

Depois tudo ficou em paz novamente e o baile continuou no salão de Sr. Probst.

Enfim chegou a hora de voltarmos para casa, quando levamos um grande susto: o nosso motorista estava embriagado, de tal modo que mal podia ficar em pé. E agora?

A minha avó, que era cozinheira na festa, fez um café forte para o Sr. Bernadinho. A minha avó procurou muitas desculpas para demorar a saída, mas enfim, saímos, mas com o coração quase estourando de medo. No meio do caminho, o Sr. Bernadinho queria voltar para a festa, mas conseguimos convencê-lo a ir para casa. Dizia ele que o caminhão achava sozinho o caminho. Demos graças a Deus quando chegamos em casa. Foi uma festa bonita, mas ficou um gosto de pavor e medo na viagem para casa.

# 1930 - Um ano inesquecível para a imigrante alemã Maria Schürmann

Valburga Huber<sup>1</sup>

Memórias

**No internato do  
Colégio Divina  
Providência**

No seu Caderno de Memórias – o qual pretendo traduzir e publicar no futuro - minha mãe, Maria Schürmann Huber, descreve primeiramente a vida de sua família na Alemanha antes da emigração para o Brasil. Nela estão os episódios históricos como meu avô lutando durante toda a primeira Guerra Mundial, a revolução comunista de Rosa de Luxemburgo, o crescimento da sua cidade Hamborn-Maxloh (Duisburg), na região rica em carvão de pedra (Ruhrgebiet)... mas também descrições dos passeios pelo rio Reno, as visitas aos parentes, do outro lado do famoso rio, os folguedos da infância, o pai que tocava piano e violino e queria que todos os filhos tocassem um instrumento, a vida e amizades na escola onde seu pai era professor, a idéia de emigrar, entre tantas outras recordações.

A decisão de emigrar veio na época difícil da República de Weimar, de grande inflação e desemprego, e meu avô, que lutara na primeira Guerra, sentia que tempos sombrios viriam para a Alemanha.



<sup>1</sup> A introdução e tradução do texto é um trabalho da Professora de Alemão e Literatura. Alemã - Faculdade de Letras/UFRJ - que é filha de Maria Schürmann Huber.

nha. Cheio de coragem e esperança, decidiu emigrar para que seus filhos tivessem um futuro mais pacífico e próspero na América, como era, basicamente e em geral, o sonho de todo emigrante.

Na segunda parte, há a viagem para o Brasil no navio “Tucuman”, os acontecimentos a bordo da longa travessia até aportar em S.Catarina. A família Schürmann – Theodor Wilhelm e Anna Schürmann e seus 5 filhos – Wilhelm, Theodor, Maria (minha mãe), Alfonsa e Joseph desembarcaram no porto de S. Francisco do Sul – SC. – em 1924, e fazem parte do grupo chamado “Neudeutsche” (alemães novos ou recém-chegados), ou seja, que imigraram já no séc. XX, antes e entre as duas Guerras Mundiais. As colônias alemãs já floresciam e transformavam-se em vilas e cidades.

Homem culto, professor de matemática e poliglota – pois dominava, além do alemão, vários idiomas, meu avô aqui ainda aprendeu muito bem o português, a ponto de escrever sonetos na língua da nova terra. Aposentado precocemente por problemas auditivos, vendera sua casa na Alemanha e comprou terras na Serrinha – Mosquito Grande, onde por muitos anos teve uma serraria, além das lavouras e também uma casa no centro de Rio do Sul. Aqui chegou a fundar uma pequena escola e sempre deu aulas particulares, principalmente de matemática e também inglês. Foi um homem conhecido e respeitado por todos. Faleceu em 1948 e minha avó Anna Schürmann, alguns anos mais tarde.

Dos 5 filhos, Wilhelm fixou-se mais tarde em Blumenau, onde tornou-se comerciante muito conhecido, sendo pai do navegador Vilfredo Schürmann, que com certeza, herdou também do avô algumas de suas características de aventureiro e desbravador de mares. Theodor ficou na Serrinha, Mosquito Grande, onde alguns de seus filhos ainda residem hoje, e outros em Blumenau. Joseph foi residir em S. Paulo, Alfonsa teve uma linda e generosa vida de freira da Divina Providência, tendo trabalhado em várias cidades do Brasil. E Maria, minha mãe, casou-se com o imigrante alemão Karl Huber em 1932, tendo residido muitos anos na Serrinha, onde trabalhavam com meu avô, na serraria da família e, mais tarde, por mais de 40 anos, residiram em Rio do Sul, no Bairro Canta Galo.

Em 1972, quando meu pai faleceu, minha mãe mudou-se para o Rio de Janeiro, onde morávamos, minha irmã M. Tereza e eu, depois de termos estudado e trabalhado por anos em Curitiba. Aqui começa a terceira fase da

sua vida que ela descreve em suas memórias, tanto em narrativas como em belas poesias. Foi uma imigrante, uma “grande sonhadora” como ela se denominava – que viveu no Brasil entre dois rios: Rio do Sul e Rio de Janeiro, uma cidade pequena e uma metrópole, mas que soube viver com prazer e sabedoria nas duas, sendo sempre um exemplo de otimismo, firmeza e sabedoria para a família, parentes e amigos. Dizia sempre que quem nascera e se criara numa cidade grande como ela, acostumava-se rapidamente de novo a ela. Isto aconteceu de fato, pois, até seu falecimento, aos quase 90 anos, em 2001, sempre usufruiu das belezas naturais do Rio, passava muito à beira da praia (morava em Copacabana), da Lagoa, no Aterro, e gostava muitos dos passeios que fazíamos de carro para a Barra da Tijuca e Grumari ou para fora do Rio: Angra, Parati, Ilhas Virgens ou para a região serrana, Petrópolis, Teresópolis....

Deste Caderno de Memórias selecionei a passagem em que descreve o ano em que foi interna no colégio Divina Providência, em Blumenau, para onde foi para aprender português, costura, bordado e prendas domésticas. Foi um ano maravilhoso para esta moça que chegara adolescente no Brasil e que aqui não mais frequentou a escola. Ela descreve assim esse tempo que a marcou indelevelmente:

“Ainda na Alemanha, meu pai já se preocupava em nos ensinar português, para o que usava livros da Editora Langenscheid. A inflação era tão avassaladora que me lembro que escrevíamos no verso de notas de dinheiro sem valor, que os bancos distribuía como papel rascunho. Eram tempos sombrios aqueles e como queriam abrir muitas minas na nossa região, rica em carvão, havia proprietários que vendiam seus sítios ou fazendas e em pouco tempo, estavam na miséria, pois o dinheiro, da noite para o dia, perdia todo seu valor. As pessoas quase enlouqueciam, pois não acompanhavam os cálculos de tamanha desvalorização e perdas, pois só se falava em milhões e bilhões. Um milhão de marcos, em alguns dias, podia valer novamente apenas 10 ou 1 marco. Meu pai recebia nessa época seu salário a cada 3 meses e imediatamente fazia compras, suprimentos grandes para não perder muito com a inflação vertiginosa....

Nos primeiros tempos no Brasil, lá na Serrinha onde meu pai construiu nossa primeira casa, percebeu que tínhamos quase só contato com alemães e aprendíamos pouco português. Uma das poucas oportunidades

eram os sermões nas missas que o padre, que também era alemão, rezava, pois ele pregava em alemão e depois em português.

Por um período curto tivemos um professor particular, o Sr. Stratmann, mas praticar a língua era raro. Foi pena eu não ter freqüentado a escola, pois quando mudamos para Rio do Sul, onde meu pai comprou uma casa (a partir daí vivíamos entre esta cidade e a Serrinha) eu já passara da idade escolar. Era moça feita e já havia até pretendentes querendo casar comigo! O que me assustava, pois sentia-me mesmo ainda muito criança.

Assim, eu só vim a aprender português no Colégio Divina Providência de Blumenau, onde fiquei interna um ano para aprender corte e costura, cozinhar e prendas domésticas em geral. Foi um tempo absolutamente inesquecível! Eu era uma adolescente tímida, que passou 7 anos na colônia e depois em Rio do Sul para onde mudamos para meus irmãos menores irem à escola. Ir para o colégio em Blumenau significou tornar-me criança de novo, ter colegas de escola, ter chance de viver a adolescência que não tivera, convivendo muito com adultos e ajudando muito meus pais no trabalho da lavoura e nas viagens de carroça entre a colônia e Rio do Sul. É verdade que meu pai continuou nos ensinando português – a mim e mais algumas moças – em casa, mas o gosto da escola só voltei a sentir no internato. Eu só conhecia duas moças – a Lene Bresan e a Maria Scholl, mas fui fazendo amizades enquanto aprendia a língua, pois muitas já falavam português e também sabiam costura, bordado à máquina e cozinhar. Duas irmãs daquela época, a Irmã Luisa e a irmã Jacinta ainda viviam em 1979, no lar das Irmãs em Trindade, Florianópolis, onde minha irmã Alfonsa – Irmã Evarita – trabalhou nos últimos anos de sua vida (faleceu precocemente aos 63 anos). Neste mesmo Lar encontrei a Irmã Maria, que também foi do meu tempo no internato e ficou feliz ao me rever, estando ela já em idade bem avançada e triste com a falecimento da Ir. Evarita, que era o Anjo da Guarda delas, como diziam.

Do internato lembro das brincadeiras, jogos, passeios pela cidade e arredores, dos pic-nics... Lembro-me que brincávamos até de roda, ovo podre, cabra cega, amarelinha, jogos de bola diversos... Também cantávamos muito e isso eu sempre adorei, pois mais tarde cantei no coral da igreja de Rio do Sul.



Maria Schürmann Huber

Vivemos nossa infância de novo, alegres, felizes e esquecíamos que já éramos moças em “idade de casar”.

Nos trabalhos, como em todas as atividades de arrumação e limpeza, todos se revezavam, também na hora de lavar a louça e as panelas enormes, sempre chegava a vez de todas, que, resmungando ou não, tinham que fazer o serviço programado para aquele dia ou aquela semana.. Reinava uma divisão de tarefas muito justa e todas aprendiam os afazeres da casa, além de artes manuais e prendas domésticas.

As irmãs perceberam logo que eu viera da vida dura da roça e não tinha medo de nenhum trabalho, nem os mais pesados e elas apreciavam e valorizavam isso, dizendo que “com a Maria a gente sempre pode contar, ela não tem receio de pôr mãos à obra. Isso fazia bem para a moça tímida e um pouco anti-social que eu era e atitudes assim e elogios me marcaram e fortaleceram minha auto-estima..

Lembro-me também que vimos os integralistas desfilar pela cidade com suas camisas verdes e suas saudações “Anauê!”, que na época nem entendíamos muito bem, só nos lembrava a saudação ao “Führer” na Alemanha. Não imaginávamos – graças a Deus-quanto fanatismo e desgraças estavam por vir, menos de uma década mais tarde.

No colégio em Blumenau completei 19 anos e lembro-me que uma tia, irmã de minha mãe, mandou da Alemanha dois tecidos para vestido, que eu costurei e ficaram lindos!. Queriam até que eu voltasse no ano seguinte para ensinar costura às outras meninas, mas a idéia não me agradou, pois eu me achava muito nervosa para ensinar. Todavia, em casa passei a costurar para toda a família, e para costurar uma calça de homem eu ganhava 2 mil réis, disso me lembro muito bem. Fiquei um pouco triste quando regresssei do internato, e meu pai não comprou uma máquina de costura nova – que também bordasse – pois desse modo desaprendi esta arte e só a recuperei muitos anos mais tarde, já casada, quando ganhei uma máquina nova. Costurava, então, para minhas filhas e marido. Aprendi também a serzir, de maneira invisível e sempre havia vizinhos ou parentes me pedindo para consertar algum furo na roupa, principalmente em terno de homem. Já na Alemanha, quando criança, eu fazia roupas para as bonecas, o que continuei fazendo com as bonecas de minhas filhas – enviadas pela mesma tia da Alemanha, que era modista e dona de uma pequena loja.

Todo Natal, lãs ganhavam roupas novas. Essa minha tia Mariechen era minha madrinha, sempre enviava presentes e também roupas, sendo que uma vez ganhei um vestido de veludo, simplesmente inesquecível. As roupas de batismo de minhas filhas eu também costurei e minha filha Valburga as guarda com muito carinho..

Quando costurava um belo vestido no internato, lembro-me que a irmã que nos ensinou, fazia a moça subir numa mesa e girar para ver se tinha alguma ponta. Tudo tinha que ser feito com perfeição e isso eu fazia também com minhas filhas. No internato, igualmente as boas maneiras e gentilezas eram ensinadas todo o tempo, pois queriam moças finas, bem educadas, que levassem esse comportamento para a vida.

Assim, em contato com muita gente bilíngüe e não descendentes de alemães, mas de famílias luso- brasileiras e italianas, aprendi bem o português, principalmente oral, mas fazíamos também exercícios escritos, para aprendermos a gramática. Claro que um ano da língua não dá o domínio da mesma, mas durante toda minha vida li bem nas duas línguas, escrevendo melhor o alemão. Naturalmente o sotaque alemão ficou – como uma marca registrada – mas como cheguei adolescente e com toda a minha família, integrei-me bem, aprendi a amar o Brasil, terra de meus filhos, país rico de futuro promissor, mesmo com os problemas sociais que ainda temos.

Claro que as origens são fortes, por isso sempre cantei muito em alemão, ensinei muitas canções folclóricas alemãs para minhas filhas e netos, muitas vezes acompanhadas com a gaita de boca que sempre gostei de tocar. Meu pai, ainda na Alemanha, ensinava-nos canções em várias línguas e me lembro de “Weisst du wieviel Sternlein stehen, auf dem hohen Himmelfeld” que aqui aprendi em português (“Sabes quantas estrelinhas lá no firmamento estão?”). Eu já sabia em francês e inglês.

O ano que passei no Colégio, em Blumenau, foi marcante e inesquecível, disso tenho profunda consciência e sempre agradeço a Deus por isso.

# Oitenta anos de silêncio

Enéas Athanázio<sup>1</sup>

Autores  
Catarinenses

## Nome de rua

A despeito da importância de sua obra e de sua revolucionária atuação como jornalista, Crispim Mira (1880/1927) é mais lembrado como nome de rua em Florianópolis. Nosso Estado não cultiva a saudável tradição de cultuar seus expoentes, menos ainda na área da cultura. Enquanto em outros Estados são exaltados, às vezes até ao exagero, como acontece com Raul Bopp no Amazonas, Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir no Pará, Da Costa e Silva no Piauí, José de Alencar no Ceará, Câmara Cascudo no Rio Grande do Norte, José Américo e José Lins do Rego na Paraíba, Gilberto Freyre em Pernambuco, Gilberto Amado em Sergipe, Jorge Amado na Bahia, Guimarães Rosa e Mário Palmério em Minas, Monteiro Lobato em São Paulo e Érico Veríssimo no Rio Grande do Sul, - para citar alguns casos, - aqui a regra é votar o esquecimento aos que “jazem no silencioso oásis da morte” - para repetir Humberto de Campos. E, no entanto, apesar do silêncio que recai sobre ele há



<sup>1</sup> Escritor e advogado. Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

oitenta anos, Crispim Mira foi jornalista modelar, inovador e corajoso, em tudo destoante do jornalismo cinzento de uma época em que os periódicos em geral se atrelavam a facções políticas. E se isso não bastasse, tornou-se o mártir catarinense da profissão, vitimado pela intolerância e prepotência, assassinado aos 47 anos de idade, na redação de seu jornal, em plena Capital do Estado. Inconformado com isso, muito pesquisei sobre sua vida e estudei a obra, fazendo inclusive o único levantamento existente de toda ela. Publiquei inúmeros artigos sobre ele na imprensa, depois reunidos no livro “Jornalista por Ideal”, publicado pela Fundação Casa Dr. Blumenau (1992).

### **Súmula de uma vida breve**

Nascido em Joinville, Crispim Mira nunca completou uma educação formal. Indócil e independente, frequentou vários colégios, fugindo de um deles por não suportar a rigidez de suas regras. Andou pelo Rio de Janeiro e acabou retornando à terra natal, onde se iniciou muito cedo no jornalismo, cedendo a irresistível vocação. Com apenas 19 anos se tornou redator da “Gazeta de Joinville” e depois de outros jornais, escrevendo também para periódicos do Rio e de Florianópolis. Leitor incansável e observador arguto, aprendia com facilidade e logo ameahou considerável cultura. Escrevia bem e tinha a palavra fácil, proferindo palestras e discursando com elegância. Em nossa Capital, onde se fixou, escreveu para vários jornais e manteve a “Folha do Commercio” e a “Folha Nova”, ambos de sua propriedade, este o último em que escreveu e onde sofreria o mortal atentado. Tornou-se advogado provisionado, militando em muitas causas e até escrevendo ensaios jurídicos depois publicados em opúsculos (“Ação de Indenização”, “Ação de Manutenção”, “Hábeas corpus” e “Suspeição”). Viajante incansável, representou Santa Catarina em várias comissões, inclusive no 6.º Congresso Brasileiro de Geografia, na condição de tesista, em Belo Horizonte, e esteve presente na celebração do acordo de limites entre Santa Catarina e Paraná. Representou o Estado na questão de limites com o Rio Grande do Sul. Foi sócio-correspondente da Academia Mineira de Letras e

do Centro Matogrossense de Letras. É patrono da Cadeira número 5 da Academia Catarinense. Era casado com Olindina de Mira e deixou quatro filhos. Depois de vários anos em Florianópolis, seus restos mortais foram trasladados para a cidade natal. O Arquivo Histórico de Joinville mantém pasta específica sobre ele e nela se encontram vários trabalhos de minha autoria.

### **A obra e sua importância**

Na bibliografia de Crispim Mira, segundo a exaustiva busca que realizei em vários locais e por longo tempo, contam-se 18 obras, entre livros e plaquetas, sendo 14 literárias e 4 jurídicas (estas já nominadas). Elas abordam temas variados, como nossa terra e nossa gente, o município natal, os alemães no país, impostos, situação financeira, limites interestaduais, problemas republicanos, finanças públicas, política, produção industrial e de cereais, agropecuária, feiras, eventos etc. predominando sempre a preocupação com o Estado. Sua obra capital é o livro “Terra Catharinense” (Tipografia da Livraria Moderna – Florianópolis – 1920), espécie de compêndio sobre o Estado, abordando quase todos os aspectos, em linguagem límpida e clara. Ainda que muitos dados estejam defasados pelo tempo, a leitura é indispensável para bem entender nossa terra. Apresentado, ainda em elaboração, como tese no 6º. Congresso Brasileiro de Geografia (MG), foi aprovado, colocando o autor entre os precursores dos estudos geográficos no Estado. Importante também é o livro “Crimes e Aventuras dos Irmãos Brocato” (Florianópolis – 1917), uma narrativa de fatos verídicos, com acentuado sabor jornalístico, do crime que abalou Lages, envolvendo os irmãos italianos Thomaz e Domingos Brocato, que teriam sido os autores do homicídio de Ernesto Canozzi, figura estimada na região. É livro de leitura cativante, com momentos da melhor literatura policial, mesmo deixando no leitor a dúvida sobre a autoria do crime, só afastada no final diante da cabal confissão de Domingos. Foi publicado em segunda edição, em 1978, pela Associação Catarinense de Medicina. Outro livro dos mais curiosos saídos de sua pena é “A situação financeira e política de Santa

Catarina”, publicado em 1924. É um terrível libelo contra o governo de Hercílio Luz e seu sucessor, principalmente pelas atitudes do Secretário do Interior e Justiça, considerado por ele “um político de invenção”, revelando quão antigo é o mau uso do poder em benefício de grupos. Na situação apontada pelo panfletário, o Juiz de Direito da comarca acumulava a função de Secretário de Estado, sem abdicar da magistratura, inclusive na área eleitoral. Anomalia das mais gritantes em que o mesmo personagem integra dois poderes ao mesmo tempo. Os demais livros são também interessantes, retratando de forma viva a realidade daqueles dias, no Estado e no Brasil.

Pela sua importância, Crispim Mira obteve reduzida fortuna crítica. Poucos são os comentários sobre sua vida/obra e, a bem dizer, nenhum específico. Não teve a sorte de encontrar um biógrafo que o retratasse de corpo inteiro. É curioso observar que Monteiro Lobato, então o mais influente crítico literário do país, teceu rasgados louvores ao catarinense. O volume “A Onda Verde”, de suas Obras Completas, contém dois ensaios sobre Crispim Mira. Foi através de Lobato que cheguei à obra de nosso conterrâneo, aqui completamente esquecido.

### **A tragédia**

O atentado contra Crispim Mira aconteceu em 17 de fevereiro de 1927 e o jornalista, ferido com gravidade, com um tiro na boca, foi recolhido ao Hospital de Caridade e submetido a cirurgia. Resistiu até 4 de março, quando faleceu, provocando grande consternação e revolta. Ele vinha denunciando, através da “Folha Nova”, os desmandos que ocorriam na Comissão de Melhoramento do Porto, dirigida na ocasião por Tito Corrêa Lopes. Ofendido, este ingressou em juízo, no dia 16, com uma medida preparatória para um processo penal e, não obstante, contratou um grupo de cinco indivíduos para “darem uma lição” no jornalista. Eles invadiram a redação e iniciaram a agressão, mas não contavam com a pronta reação de Mira e seus colaboradores, resultando um entrevero durante o qual aconteceu o ferimento. Segundo alguns, o próprio filho de Lopes teria sido o autor do

disparo fatal. Grande foi a comoção pública, a imprensa muito discutiu e questionou e o acontecimento alimentou comentários sem conta tanto no Estado como fora dele. O atentado contra Crispim Mira, provocando sua morte precoce e cortando a carreira de um escritor de talento é uma página negra da história catarinense, página que, embora amarga, não pode e não deve ser esquecida para que nunca mais se repita.

Segundo Fernando Jorge, bravo jornalista e meu bom amigo, em seu célebre livro “Cala a boca, jornalista!” (Editora Vozes – Petrópolis- 4ª. ed. - 1992), todos os acusados ficaram impunes e sobre o crime “pesa o mais tumular silêncio” (pág. 182). Esse livro é o mais completo levantamento das atrocidades contra jornalistas em nosso país.

Afora o meu, o único livro que surgiu sobre o jornalista foi “As Duas Mortes de Crispim Mira”, de Francisco José Pereira. (Março de 2007)

## EVENTOS E LEITURAS

### Livros & Livros

Recebo mais um número de “Toda Bela”, revista editada em Chapecó com primorosa apresentação e conteúdo variado, da qual é colunista a poeta e livreira Anair Weirich. Entre outros temas, a publicação trata de beleza, arte, culinária, moda, saúde, personalidades, arquitetura, informação etc., além de dedicar bom espaço para as coisas da cultura, onde abriga poemas, crônicas, resenhas de obras, cinema e vídeos. É uma revista agradável à vista, bem feita e que em nada perde para outras publicações do gênero. Está de parabéns a capital do Oeste.

Também daquela cidade chegam dois opúsculos, ambos de autoria de Torres Pereira, um em prosa e outro em versos. Trata-se de “Nossa Amiga Prosa”, reunindo cinco contos escritos naquele estilo leve e bem humorado que é a marca do autor, e “Formas Poéticas de Dizer”, coletânea de poemas. Torres Pereira é incansável integrante do trio de portugueses, agora já desfalcado de um deles, que se fixou naquela cidade e que agita sem cessar a vida cultural da região. Como diz ele, as publicações constituem mais uma tentativa de levar o gosto da leitura ao maior número possível de leito-

## **Autores Catarinenses**

res. Espero que alcance o objetivo, mesmo porque as obras têm qualidade para tanto.

Ainda naquela cidade, aconteceu a IV Semana do Escritor Chapecoense, no correr do mês de junho. Organizada por Silvério da Costa e Torres Pereira, constou de exposição de artes plásticas, palestras, debate sobre a vida e a obra de Clarice Lispector, recital poético, lançamento de livros e do projeto autor/escola, além da confraternização entre escritores e convidados. O evento foi uma realização da Prefeitura Municipal, Fundação Cultural e Associação Chapecoense de Escritores.

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
  - R\$ 10,00 (anos 60)
  - R\$ 10,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2007 (Tomo 48). Anexo a este cupom, a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

**Formas de pagamento:**

- ( ) Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- ( ) Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- ( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

**Dados do Assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cx. Postal: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ - Fone para contato: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Assinatura**

**Arquivo Histórico José Ferreira da Silva**  
Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 3326-6990 - Fax (47) 3326-6874  
Blumenau (SC) - E-mail: [arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br)